UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG), REGIONAL CATALÃO/
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCAT) em implantação
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

TAINARA RODRIGUES MENDES

LOUCURA E IDENTIDADES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE NA OBRA *PRIMEIRAS ESTÓRIAS*, DE GUIMARÃES ROSA

CATALÃO – GO
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

[X] Dissertação [ ] Tese

2. Nome completo do autor

Tainara Rodrigues Mendes

3. Título do trabalho

LOUCURA E IDENTIDADES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE NA OBRA PRIMEIRAS ESTÓRIAS, DE GUIMARÃES ROSA

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:
a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.
Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Figueira Borges**, **Usuário Externo**, em 05/04/2022, às 19:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **TAINARA RODRIGUES MENDES**, **Discente**, em 05/04/2022, às 20:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do

Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2812523** e o código CRC **5C35828C**.

Referência: Processo nº 23070.008629/2022-93 SEI nº 2812523

Tainara Rodrigues Mendes

LOUCURA E IDENTIDADES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE NA OBRA *PRIMEIRAS ESTÓRIAS*, DE GUIMARÃES ROSA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás (UFG), Regional Catalão / Universidade Federal de Catalão (UFCAT) em implantação, como requisito para obtenção do título de Mestra em Estudos da Linguagem pelo Instituto de Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.
Linha de Pesquisa: 1 – Discurso, Sujeito e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Figueira Borges.

Apoio financeiro: CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior.

Catalão – GO
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFCAT.

Mendes, Tainara Rodrigues
LOUCURA E IDENTIDADES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE NA OBRA PRIMEIRAS ESTÓRIAS, DE GUIMARÃES ROSA / Tainara Rodrigues Mendes. - 2022.
114, CXIV f.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Figueira Borges.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Catalão, Instituto de Estudos da Linguagem, Catalão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2022.

1. Discurso. 2. Loucura. 3. Identidades de Gênero. 4. Sujeito-mulher. 5. Guimarães Rosa. I. Borges, Guilherme Figueira, orient. II. Título.

CDU 82

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 006/2022 da sessão de Defesa de Dissertação de Mestrado, que confere o título de Mestra em Estudos da Linguagem, na área de concentração Linguagem, Cultura e Identidade.

Defesa: nº 158/2022

Aos quatro dias do mês de março de dois mil e vinte dois, a partir das 14:00 horas, à distância, Via Videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **LOUCURA E IDENTIDADES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE NA OBRA PRIMEIRAS ESTÓRIAS, DE GUIMARÃES ROSA** de autoria da mestranda **Tainara Rodrigues Mendes**, matrícula 2020100331 nas dependências da Universidade Federal de Catalão, onde os programas de pós-graduação stricto sensu em funcionamento encontram-se provisoriamente vinculados à Universidade Federal de Goiás, em virtude de procedimentos técnicos relacionados à CAPES, já sendo realizada a transferência da Biblioteca Digital de Dissertações e Teses (BDTD). Assim, justifica se os nomes das instituições neste documento, uma no cabeçalho (UFG), outra no corpo do texto (UFCAT). Os trabalhos foram instalados pelo Orientador Professor Doutor Guilherme Figueira Borges (PPGEL/UFCAT) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor Cleudemar Alves Fernandes (PPGEL/UFU), membro titular externo; Professor Doutor Antônio Fernandes Junior (PPGEL/UFCAT), membro titular interno. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata (X) Aprovada ( ) Reprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Guilherme Figueira Borges, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos quatro dias do mês de março de dois mil e vinte dois.

Observações:

Banca Examinadora de Qualificação/Defesa Pública de Dissertação/Tese realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo:

Art. 2o A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Figueira Borges, Usuário Externo**, em 04/03/2022, às 16:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Cleudemar Alves Fernandes, Usuário Externo**, em 04/03/2022, às 16:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Antônio Fernandes Júnior**, **Professor do Magistério Superior**, em 16/03/2022, às 14:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2735010** e o código CRC **E7613AD0**.

Referência: Processo nº 23070.008629/2022-93 SEI nº 2735010

AGRADECIMENTOS

Talvez seja essa uma das partes mais delicadas de toda esta pesquisa. De um lado, o sentimento que nos interpela, nos invade e pulula em nossa carne, a sensação de cumprimento e chegada ao final do trajeto. De outro, a desculpa antecipada, certa de que não serei capaz de fazer valer aqui e em poucas palavras, o agradecimento às contribuições agregadas a este trabalho ao longo desse tempo.

Agradeço à minha mãe, Maria Regina por dar sentido à minha existência e me impulsionar com palavras de amor, sustento e perseverança. A primeira a acreditar em mim nas muitas vezes que eu mesma duvidei.

Às minhas irmãs, Isabella Pacheco e Milena Mendes pela relação de cumplicidade, amor e companheirismo que nunca faltou entre nós quando tive que me ausentar para mergulhar na pesquisa.

À minha amada avó, Maria do Rosário que nunca mediu esforços de amor e ajuda desde que iniciei o percurso acadêmico. Pra sempre o meu maior amor.

Ao meu orientador Guilherme Figueira Borges pelo acolhimento e pela disposição na pós-graduação e as valorosas orientações que tanto contribuíram para o meu aprimoramento como pesquisadora e analista do discurso.

À minha amiga e irmã de coração, Amanda Mantovani. Interlocutora na vida e na arte. O medo e a insegurança que nos atravessam durante uma pós-graduação não podem nos assustar demasiado quando se tem uma amiga. A vida se faz sempre no plural porque é compartilhada.

Ao professor Antônio Fernandes Júnior pelas contribuições em meu percurso acadêmico desde à orientação no TCC, pontapé inicial para esta pesquisa às considerações e colaborações no Exame de Qualificação e Defesa.

Ao professor Cleudemar Alves Fernandes pelas leituras minuciosas e necessárias contribuições realizadas no Exame de Qualificação e Defesa.

À professora Wânia Gomes Mariano Vieira pelas leituras e considerações realizadas no Exame de Qualificação.

Aos meus amigos do peito, pela compreensão e motivações de força e coragem oferecidas. Eles sabem quem são.

Ao GEDIN (Grupo De Estudos Do Discurso e De Nietzsche) pela amizade, partilha honesta e contribuições profícuas à minha pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior (CAPES), pelo fomento concedido para realização desta pesquisa.

Ao corpo docente, técnicos administrativos e demais colaboradores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem desta Unidade Acadêmica.

ab imo corde

> Aquilo que há de próprio à linguagem da loucura na poesia romântica é que ela é a linguagem do fim último do recomeçar absoluto: fim do homem que mergulha na noite, e descoberta, ao fim dessa noite, de uma luz que é a das coisas em seu primeiro começo (...) **A loucura fala a linguagem do grande retorno:** não o retorno épico das longas odisseias, no percurso indefinido dos mil caminhos do real, mas o retorno lírico por uma fulguração instantânea que, amadurecendo de repente a tempestade da realização, ilumina-a e tranquiliza-a na origem reencontrada. 'A décima terceira volta é ainda a primeira'. Tal é o poder da loucura: anunciar esse segredo insensato do homem, segundo o qual **o ponto último de sua queda é sua primeira manhã, que sua noite termina na mais jovem luz, que nela o fim é *recomeço*** (FOUCAULT, 2019, p. 531, grifos nossos).

RESUMO

O discurso da loucura tem produzido e configurado diferentes efeitos de sentidos ao precipitar os deslocamentos e demarcar a constituição de diversos sujeitos no devir descontínuo da história. A loucura, com efeito, é situada no balizamento da razão e tem delineado maneiras diferentes de 'ser', comportar-se, vestir-se, bem como construções identitárias diferentes para mulheres e para os homens. Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar, discursivamente e sob os postulados de Michel Foucault, de que maneira o discurso da loucura configura e constitui o sujeito-mulher em *Primeiras Estórias (1962; 2005)*, de Guimarães Rosa. No que diz respeito ao *corpus* desta pesquisa, objetiva-se problematizar como tal discurso potencializa e institui maneiras de 'ser Mulher', além de lançar olhar à *performação* de identidades de gênero e subjetividades passíveis e possíveis de serem produzidas, assumidas, modificadas e por isso transmutadas. Em vista disso, o método adotado é a arqueogenealogia foucaultiana (2019, 2014b) com vista ao discurso e por isso, a necessidade de reparar às sequências enunciativas, os enunciados e discursos outros, as regras de aparição e formação da loucura que produz e escamoteia o sujeito-mulher em uma (in)tensa rede de relações de poder e de força que ganham subsídio na materialidade rosiana adotada. Para tanto, inscrevemo-nos, assim, no campo da Análise do Discurso, de vertente foucaultiana (1988, 1989, 1992, 1995, 1999, 2000, 2014a, 2014b, 2019, 2020) em diálogo com autores como SCOTT (1995), HALL (2006, 2014), LOURO (2014), BUTLER (2020), FIGUEIRA-BORGES (2019), FERNANDES (2006), dentre outros. Por fim, observa-se que a literatura enquanto desdobramento infinito da linguagem é superfície de emergência de discursos que delineiam relações desiguais entre os gêneros do feminino e masculino ao fazer pulular identidades de loucura que situam o sujeito-mulher à condição de não-existência.

Palavras-chave: Discurso. Loucura. Identidades de Gênero. Sujeito-mulher. Guimarães Rosa.

RESUMEN

El discurso de la locura ha producido y configurado distintos efectos de sentidos al precipitar los desplaces y demarcar la constitución de diversos sujetos en el devenir discontinuo de la historia. La locura con efecto, es situada en el balizamiento de la razón y ha delineado maneras diferentes de 'ser', portarse, vestirse, así como construcciones identitarias distintas para mujeres y los hombres. De esta manera, el objetivo general de esta búsqueda consiste en analizar, discursivamente y bajo los postulados de Michel Foucault, de qué manera el discurso de la locura configura y constituye el sujeto mujer en *Primeras Historias (1962; 2005)*, de Guimarães Rosa. En cuanto al *corpus* de esta búsqueda, se busca problematizar como tal discurso potencializa y instituye maneras de 'ser Mujer', para más allá de echar vistazo a la *performatividad* de identidades de género y subjetividades pasibles y posibles de que sean producidas, asumidas, modificadas y por eso trasmutadas. En vista de eso, el método adoptado es la arqueo-genealogía foucaultiana (2019, 2014b) con vista al discurso y, por eso, la necesidad de reparar las secuencias enunciativas, los enunciados y discursos otros, las reglas de aparición y formación de la locura que produce y escamotea el sujeto mujer en una (in)tensa red de relaciones de poder y de fuerza que ganan subsidio la materialidad rosiana adoptada. Para tanto, nos apuntamos, así, en el campo de la Análisis del Discurso, de vertiente foucaultiana (1988, 1989, 1992, 1995, 1999, 2000, 2014a, 2019, 2020) en diálogo con autores como SCOTT (1995), HALL (2006, 2014), LOURO (2014), BUTLER (2020), FIGUEIRA-BORGES (2019), FERNANDES (2006), entre otros. Por fin, se objetiva que la literatura en cuanto desdoblamiento infinito del lenguaje es superficie de emergencia de discursos que delinean relaciones desiguales entre los géneros del femenino y masculino al hacer emerger identidades de locura que coloca el sujeto mujer a la condición de no-existencia.

Palabras clave: Discurso. Locura. Identidades de Género. Sujeto-mujer. Guimarães Rosa.

Os Programas de Pós-Graduação stricto sensu em funcionamento na Universidade Federal de Catalão (UFCAT), em virtude de procedimentos técnicos relacionados à CAPES, continuam provisoriamente vinculados à Universidade Federal de Goiás (UFG). Por isso, todos os elementos pré-textuais do trabalho apresentado estão identificados como Universidade Federal de Goiás/Universidade Federal de Catalão em implantação, em função da migração da BDTD ter ocorrido a partir de 16 de agosto de 2021, assim como pelo fato das pesquisas e produtos serem realizados na UFCAT.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS 14

1. DA NAU DOS LOUCOS AO TREM DOS DOIDOS: UM BREVE RECORTE SOBRE A LOUCURA 27
1.1 POR UMA ARQUEOLOGIA DA LOUCURA E DO LOUCO: DIALOGANDO COM MICHEL FOUCAULT 27
1.2 DAS SENSIBILIDADES DA LOUCURA À RELAÇÃO COM AS ÁGUAS: PRODUZINDO DIFERENTES SUJEITOS NOS LIMITES DO COMEÇO E FIM DE UM EMBARQUE ABSOLUTO 31
1.3 MUROS QUE SEGREGAM: A TERCEIRA ORDEM DA REPRESSÃO E O APARELHO JURÍDICO NA CATALOGAÇÃO DO CORPO LOUCO 41

2. DA "BRUXA" À MULHER: CONSTRUINDO IDENTIDADES E DIFERENÇAS ENTRE GÊNEROS 55
2.1 CORPO, PODER E SUJEITO-MULHER 55
2.2 IDENTIDADE E FEMINISMO 67
2.3 *RASTEJAR* É RESISTIR: UMA BREVE DESCRIÇÃO DA MULHER NA LITERATURA E EM OUTROS ESPAÇOS 76

3. A LOUCURA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO-MULHER EM GUIMARÃES ROSA 89
3.1 *MATÉRIA DE MALUCA!*: SER MULHER PELO VIÉS DA LOUCURA 89
3.2 CORPO, DISCURSO, GÊNERO E DIFERENÇA: A CONSTITUIÇÃO GENERIFICADA DA MULHER E AS IDENTIDADES MASCULINAS NA TRAMA ROSIANA 96

CONSIDERAÇÕES FINAIS 106

REFERÊNCIAS 111

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

> *Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos.*
>
> *Guimarães Rosa*

Há muito tempo que os saberes esquadrinham, controlam, interditam e inscrevem os sujeitos em discursos, condições de possibilidade e práticas sociais forjadas em determinadas normas, atuam na configuração de condutas ao serem localizados também nas relações de poder-saber, historicamente produzidas e potencializadas. Os saberes da medicina e da psiquiatria, principalmente, adquirem notoriedade em meados do século XIX na Europa. Esses saberes são focos dos estudos arqueológicos de Michel Foucault acerca da necessidade de se refletir e problematizar o discurso da loucura enquanto objeto. Tomando a descontinuidade histórica, Foucault se dedicou ao apontamento e problematização das diferentes significações do discurso da loucura e das práticas que dizem respeito ao louco, no balizamento de dois níveis diferentes, ainda que intersecionados, conforme assinala Machado (2000). Uma das premissas de Foucault (1961, 2019) era fazer uma crítica ao movimento fenomenológico vigente na França até a década de 1950, além da tentativa de se afastar de um modelo único da psiquiatria padrão, a fim de constituir um novo olhar acerca do discurso da loucura, ao situá-lo nas modificações histórico-sociais, que compreenderam o período do séc. XV até meados do século XIX, momento em que a loucura ganha conotação no campo patológico, isto é, um *status* médico.

Compreender os estudos foucaultianos sobre o discurso da loucura carece de entender que Foucault (2019) apropria-se de focalizações diferentes ao longo de seu percurso. É válido ressaltar que o próprio filósofo não faz esse recorte acerca de sua pesquisa e que, didaticamente, ela é dividia em três grandes fases: *arqueológica* – propõe pensá-la como uma maneira de lidar com o discurso, como um procedimento e não uma disciplina, a partir da descontinuidade proposta pela Nova História; *genealógica* – trata dos estudos sobre as relações de poder e saber, visando problematizar os biopoderes, as biopolíticas, os jogos de poder, os dispositivos e a objetivação dos corpos e como se inscrevem nos sujeitos através dos discursos. E na sua última fase, *ética/estética da existência* – uma ética de si, que tem como pano de fundo, o ideal greco de *cuidado de si*, em outras palavras, tudo aquilo que diz respeito ao homem e a sua existência subjetiva e singular. Assim, caminharemos pelas fases *arqueológica* e *genealógica* de Michel Foucault e apoiaremos em seu método arqueogenealógico que será melhor discutido em um momento ulterior dessa pesquisa.

Lançar o olhar para a epígrafe que abre este trabalho nos orienta à necessidade de se colocar em questão, incomodar-se para então perguntar: "**São todos são loucos ou nenhum é?**" (ROSA, 2005). Citação que se localiza no conto *A terceira margem do rio* e descreve a história de um homem que abre mão de seu cotidiano e de seus familiares a fim de viver isoladamente dentro um barco de único assento à superfície corrente de um rio. O sujeito dessa narrativa, na condição de homem e pai de família, opta pelo embarque único ao curso das águas, sem ter como sobreviver nos dias subsequentes, ao passo que tal atitude gera indagação de seus familiares, uma escolha repentina que escapa à compreensão de seus parentes, isto é, foge ao razoável, àquilo que não possui sentido ou determinada "lógica", pois o homem abandonara tudo para viver à superfície das margens. Ao problematizar essa narrativa, aponta-se para a relação visceral entre razão e desrazão, logo loucura e dizer ou, especificamente, o não dizer, o dizer interditado, espaço e condição os quais o sujeito de análise dessa narrativa é localizado. Essa relação é constituída e constitutiva dos/nos limites discursivos, pois a linguagem ao passo que legitima, anula e condena o sujeito-louco a um entre-lugar, isto é, entre-margens do rio. Durante muito tempo os saberes da época clássica tentaram definir/materializar a loucura no nível corpóreo, mas no desdobrar da história falhou-se nessa tentativa, desvelando a tênue linha entre loucura e sanidade. Poderia ela então ser parte constituinte e constitutiva de todos nós (os homens), bem como a citação nos instiga? À medida que a loucura é o grau zero da aurora ao anoitecer do homem que se lança às margens e a movência das águas, podendo essa loucura transmutar nos limites do sujeito (FOUCAULT, 2019).

Compreender as margens como entre-lugares situa o discurso da lepra enquanto condição de marginalização, pois, mesmo depois de desaparecer do ocidente, já no final da Idade Média, os leprosários se tornam inóspitos, mas reflete o gesto do afastamento ou apagamento de indivíduos que não poderiam aderir ao convívio social devido a uma doença de pele não tão conhecida na área dos tratamentos médicos. Ainda que se configurasse sob esse discurso, outras identidades corpóreas de repulsa, aversão, bem como outros efeitos de sentido ao se despontar como herança no horizonte da idade clássica. É a partir do século XV que ocorre o esvaziamento desses lugares tendo o seu sentido deslocado, cuja função de "curar" e se reintegrar espiritualmente sob a moral de Deus, fazem surgir práticas cruéis de exclusão e silenciamento. Alguns séculos mais tarde, esses locais começam a ser povoados por 'curáveis', posto que poderiam ser submetidos ao tratamento e os incuráveis; vagabundos, pobres, alienados, presidiários e outros desajustados (FOUCAULT, 2019). O *status* do louco esteve em constante movimento no devir da história, deslocando-se da condição de

mensageiro divino e posteriormente, ao ser localizado no âmbito da morte, principalmente no período das grandes navegações, em que o louco representava o presságio dela. No classicismo, a alcunha de louco não se fazia valer sob uma organização médica das doenças, mas a partir de tudo que poderia ser considerado loucura olhado por um viés homogêneo.

No desdobrar dos leprosários em casas de detenção, o hall dos excluídos, recebe não mais somente loucos, vagabundos ou mendigos, mas todos os indivíduos que transgrediam determinado modelo de padronização, como a prostituta, o homossexual, o imbécil, o espírito fraco, etc. Ao lançar olhar para o discurso da loucura nas narrativas de *Primeiras Estórias* (2005), orientamos o olhar à cidade de Barbacena, situada no estado de Minas Gerais e sede de um dos grandes internamentos psiquiátricos brasileiros. A cidade conhecida como "cidade dos loucos" é contexto para umas das narrativas rosianas, o conto *Sorôco, sua mãe, sua filha* retrata a família do viúvo Sorôco, composta pela figura do homem, já de meia idade, de sua filha e mãe. Esse personagem se vê na condição de separar-se delas, uma vez que Sorôco cuidava das duas sozinho e, diante da loucura enquanto condição, as coloca em um trem com destino à Barbacena-MG. A figura masculina de Sorôco, apesar de forjada na robustez, obteve compaixão ao levá-las até o carro que tinha como destino a cidade mineira. Durante o trajeto até à estação, uma cantiga sem sentido surge por parte da filha que logo é acompanhada pela mãe, ao passo que as pessoas que acompanhavam aquela espécie de procissão, o diziam sem razão ou lógica alguma. Já na volta para casa, Sorôco principia o mesmo canto, porém é levado com complacência e cuidado ao lar.

Diante disso, é possível traçar um paralelo entre a narrativa rosiana com o hospital psiquiátrico Colônia, de Barbacena, haja visto que os sujeitos-personagens mencionados no conto têm como destino a cidade mineira, local de referência em "tratamento da loucura", o qual as mulheres eram condicionadas à contragosto. As pessoas eram assujeitadas a castigos como, por exemplo, chicoteamento, cadeira elétrica, maus tratos, fome e outras mínimas ou nulas condições de existência, sob os ditames de comportamentos e condutas do hospital. O hospital psiquiátrico mineiro foi considerado um dos maiores centros de internamento brasileiro e territorializou identidades variadas como grávidas, mulheres que viviam em cárcere por seus maridos, àquelas que perdiam a virgindade antes do casamento e até mesmo mulheres violentadas nos locais em que desenvolviam alguma atividade de cunho doméstico (FOUCAULT, 2019; ARBEX, 2013). Todos aqueles sujeitos que, na sua heterogeneidade, de alguma forma ou de outra, representavam o desvio para a ordem da sociedade burguesa e moralista da época – aqui, permita-me destacar o sujeito-mulher que durante décadas foi agenciada em identidades constituídas por e nas relações de poder-saber, produzidas por

instituições, como a do hospital psiquiátrico, por exemplo, além de potencializar discursos e práticas de exclusão, de silenciamento, de violência ao se orientar às desigualdades entre gêneros produzidas e agenciadas pelo discurso da loucura.

Para observar como o discurso da loucura constrói e constitui as identidades do sujeito-mulher na materialidade de *Primeiras Estórias* (2005), também lançamos mão do conto *A menina de lá*, que fala sobre a vida da sujeito-personagem Nhinhinha, uma menina de pouca idade que caracterizavam "santa", devido à realização de "milagres". Por conseguinte, nos primeiros anos da menina, ela se demonstrara bastante quieta, reclusa e estava sempre pelos cantos, ainda que a família a incentivasse a outras atividades ou brincadeiras. Dizia coisas ou contara histórias que ninguém entendia, porque essas não poderiam se pautar em dada razão, uma vez que estava situado do outro lado dela. Os pais receavam o comportamento da filha e buscavam puni-la como forma de refrear as atitudes, orientadas pela loucura ao constituir o sujeito-personagem de Nhinhinha. Com o passar do tempo e com as repressões advindas da família, a menina adoece e morre. Além das narrativas descritas, nos esbarramos também em outros dois contos a fim de problematizar, em contrapartida, como o discurso da loucura agencia os sujeitos-personagens masculinos, ao serem constituídos pelo discurso que perpassa a materialidade dos contos rosianos, o texto *A terceira margem do rio*, narrado pelo sujeito-narrador-personagem do filho que não consegue compreender a escolha repentina e peculiar de seu pai. No início da narrativa, o contexto versa sobre uma família que levara uma vida rotineira, até que o pai resolve construir uma canoa de um único assento. Sem justificar a decisão, assim que a canoa fica pronta, a figura masculina do pai se lança ao rio que tinha próximo à casa e lá permanece na perenidade do tempo, sozinho e entre as margens das águas. O tempo passa e o homem se mantém na escolha que gerava estranheza por parte da família e conhecidos próximos, pois no páreo da razão, o sujeito era caracterizado como "ordeiro", isto é, ajuizado ou sensato, até que passa a ser considerado louco quando adentra o rio e não volta. A narrativa que parecia se desdobrar para um final trágico, abre possibilidade de transformação e de uma espécie de recobrar da consciência ou da razão, quando o pai aceita trocar de lugar com o filho, porém não se concretiza, uma vez que o filho desiste da decisão e vira as costas para o homem que permanece nesse espaço de entre-lugar.

Ainda, utilizaremos em nossas análises, como contraponto, fragmentos do conto *Darandina*, que retrata a história de um sujeito-homem que se instala em uma palmeira ao tentar fugir de um roubo de uma caneta. A população acompanha os esforços das autoridades que tentavam convencer o homem a descer da árvore. Em um movimento contrário, o homem resistia nu e se equilibrava de um lado e outro da palmeira. De lá, proferia falas e gritos

desconexos e se auto distanciava do “normal” humano ao passo que não pudesse considerar uma atitude racional a de se pendurar em uma árvore estando nu. Todo esse alvoroço levou à praça, a qual a palmeira se situava, outros sujeito-personagens de autoridade; um médico, um diretor de hospital psiquiátrico, um delegado, entre outros que buscavam convencer o homem a desistir de tal atitude. À medida que a narrativa se desdobra, faz surgir uma possibilidade de retorno à normalidade, ou seja, a figura masculina que é dada como louca, em um primeiro momento, recobra a consciência de suas ações e, envergonhado, pedia socorro. A multidão que acompanhava a cena não ficou satisfeita com a desistência e se dispôs a linchá-lo, mas o sujeito que manifestara atitudes de loucura, gritara em louvor à liberdade e foi ovacionado ao ser carregado nos ombros pela população. Observar como o discurso da loucura agencia os sujeitos-homem nos contos, anteriormente mencionados, nos é cara no sentido de olhar para o discurso, delineando efeitos de sentido diferentes ao refletir as disparidades entre gêneros, que serão melhor desenvolvidas nos capítulos dois e três dessa pesquisa.

É na dialética *loucura – gênero (sujeito-mulher)* que orientamos o nosso objetivo geral que consiste em analisar, sob os postulados de Michel Foucault, de que maneira o discurso da loucura configura e constitui as identidades do sujeito-mulher em fragmentos dos contos supramencionados de *Primeiras Estórias* (1962; 2005). Delimitamos como objetivos específicos: *i)* problematizar como o discurso da loucura impacta nas maneiras de ‘ser Mulher’ no texto rosiano; *ii)* interpretar a constituição de subjetividades (identidades) enquanto um processo sócio-histórico, na medida em que elas podem se modificar e transmutar-se ao incidir no sujeito-mulher; *iii)* analisar acerca da construção de feminilidades na obra rosiana ao passo que se compreenda os gêneros como construtos socioculturais ao tecer análises de como esses movimentos acontecem nos excertos que serão trabalhados posteriormente e por fim, *iiii)* problematizar a constituição do sujeito-homem em fragmentos de *Primeiras Estórias* (2005), uma vez que essa nos orienta a um panorama localizado na diferença no que diz respeito a construção identitária desse sujeito na trama rosiana. Diante da necessidade de fundamentação acerca da noção de categoria mulher, nos apoiaremos na filosofia de Butler (2020) que problematiza a relação fundacional das categorias de gênero e sexo, tomando-as como um efeito de um processo de formação mais específico e profundo de poder ao se forjarem sob um contexto histórico-político. Assim sendo, ao situar a loucura nesses espaços, será possível visualizar como ela, por meio da linguagem, subverteu identidades e invalidou o sujeito-mulher frente às práticas de exclusão, opressão e silenciamento cujas bases se pautaram no *binarismo*, isto é, na dicotomia *homem*/*mulher*,

feminino/masculino, macho/fêmea e na heterossexualidade compulsória que me reservarei à discussão no capítulo de número dois.

Nesse sentido, acreditamos que exista uma espécie de relação, configurada pelo e no discurso da loucura no texto rosiano que orienta e agencia comportamentos para o sujeito-mulher na narrativa, ao delinear identidades específicas à mulher diferentemente do sujeito-homem em *Primeiras Estórias* (2005), de Guimarães Rosa. Pensa. É sob essa possibilidade de interrelação, os vértices me inquiriram enquanto pesquisadora. Reafirmar, reatualizar, reestruturar discursos que me fazem enquanto sujeito, de enunciados que me interpelam e o fazem há muito mais tempo desde o Ens. Médio quando conheci a obra de Guimarães Rosa. Foi durante o Ensino Médio, o meu primeiro contato com o texto e também *corpus* desta pesquisa, por meio do conto chamado *A terceira margem do rio*, cuja epígrafe inicia a escrita deste texto. A essa altura, a ideia de cursar a faculdade de Letras ainda era embrionária, mas as aulas de literatura me interpelavam de forma diferente. Algo me incomodou fazendo surgir uma indagação acerca desse curioso aspecto de um sujeito que opta por viver às margens de um rio e somente nele, sem retorno. O que poderiam ser essas margens? E mais do que isso, como poderia se viver em um rio? Penso que fui tentar descobri-las quando ingressei à faculdade.

Alguns anos mais tarde, já após o primeiro contato com João Guimarães Rosa, a nau que não era dos loucos (ou talvez) me conduzia em um único embarque à faculdade, lugar em que esbarrei por curiosidade na vasta e importante pesquisa de Michel Foucault já nos anos finais do período de graduação em meados de 2019. Embora, mais complexa do que parecia ser a compreensão ainda que minimamente de sua teoria, o contexto acadêmico fez surgir em mim uma consciência crítica capaz de questionar o que seria considerado ‘anormalidade’ a ponto de poder orientar e esquadrinhar a existência de um sujeito e o resultado disso, foi o trabalho de conclusão de curso. A pesquisa de TCC teve como tema a loucura na constituição do sujeito na materialidade do conto *Sorôco, sua mãe, sua filha* também de Rosa com o intuito de compreender como os sujeitos possuíam seus comportamentos e ações caracterizados como loucura. Mas eu ainda não estava satisfeita e queria entender o porquê os sujeitos-mulher eram situados no discurso da loucura e por que o mesmo objeto constituía o sujeito-homem de Sorôco no terreno da compaixão, por exemplo, ainda que ele tivesse manifestado atitudes ou indícios de loucura.

Por conseguinte, percebi que a temática da loucura me gerava certo desconforto, posto que enquanto mulher, investigar como e porque esse discurso incidia diferentemente nesses corpos haveria de me levar a esta pesquisa. Em tempos de retrocesso político-social,

potencializado pelo (des)governo de nossos representantes, este estudo também possibilita visualizar os lugares desiguais em que a mulher é situada e muitas vezes tem suas identidades delineadas na loucura, nos orienta a uma configuração ampla de relações de poder e de força que agencia o sujeito-mulher. Olhar para a literatura rosiana ao passo que ela se oferece às discussões feministas, o questionamento de como a (minha) figura da mulher é recortada nesse terreno da loucura, visto que enquanto uma, compartilho de dores e lutas de um "todo" bastante diverso. Portanto, pensar a constituição desse sujeito é também me relacionar a esse movimento, de modo que não há como dissociar ou me posicionar distante da pesquisa a qual tenho me dedicado, em um entrelaçamento constante de minha história e a história das mulheres. Diante disso, consideramos necessário apoiarmo-nos nos postulados de Michel Foucault, visto que seu método, mais do que uma arqueogenealogia das "margens", isto é, de sujeitos que são localizados como marginais por não serem aceitos ou não se situarem em modelos específicos de 'ser', nos convida a adentrar se quisermos compreender e indagar-nos acerca de nossa constituição contemporânea de sujeito.

Foucault (2019), notadamente, dedicou-se à temática da loucura na década de 1960 ao fazer uma arqueologia da loucura e do louco em seu livro *História da Loucura na Idade Clássica* (2019), não com o objetivo de mapear o seu surgimento, mas de entender como esses métodos possibilitaram uma espécie de continuidade do olhar que excluiu o anormal e no nosso caso, a mulher. Em termos gerais, o filósofo buscou uma espécie de cartografia dos discursos que se inscreveram na Modernidade e de que maneira esses reatualizaram outros discursos, instituindo novas relações de forças e de controle do corpo considerado louco. O que Foucault chamou de psicologização da loucura, na virada do séc. XVIII para o XIX, veio a ser a *psiquiatria*. De acordo com Nalli (2003), a produção intelectual foucaultiana é construída sob bases de alguns movimentos importantes no âmbito da Filosofia, seja para estabelecer aproximações ou distanciamentos de seu pensamento: a epistemologia francesa, em que Foucault (2019) se utilizará de seus mestres e estudiosos da área, como Georges Canguilhem (1990); a fenomenologia com Hegel (s/d); estruturalismo com Lévi-Strauss (1967) e a experiência trágica para Nietzsche (1969; 1988), arcabouço teórico que Foucault retoma, especialmente pelo olhar através da literatura de Bataille (1989) e Blanchot (1995).

No que diz respeito ao nosso *corpus* de pesquisa, podemos dizer que situado em uma função-autor, João Guimarães Rosa reatualiza o discurso da loucura aqui no Brasil, fazendo uma denúncia, através da literatura, do período de ascensão manicomial que se arrastou por longos anos, mas ganhou ênfase entre as décadas de 1960 e 1970, momento em que houve um extermínio em massa nos manicômios da época. A obra *Primeiras Estórias* (2005) é um

conjunto de contos com diferentes temáticas, embora, acredito eu, com zonas de vizinhanças (no sentido de proximidade), especialmente no que diz respeito ao discurso da loucura e da mulher enquanto sujeito. Esboçar como os discursos que perpassam tal literatura, potencializam tão somente uma função a espera de ser ocupada como factível de transmutação e/ou modificação – a função-autor. Essa atribuição fez surgir uma escrita singular, apelativa e crítica a questões sociopolíticas e coletivas, descrevendo a vida a partir de episódios reais de indivíduos 'anormais'. Nesse sentido, essa designação de autor não poderia estar atrelada propriamente dito à Guimarães Rosa, mas seria um efeito de autor à medida que se organiza em dada materialidade linguística de discursos que, no contexto da loucura, possibilita o deslocamento no feixe de posições-sujeitos e na superfície de emergência de discursos possíveis que se modificam entre uma focalização ou contexto histórico e outro. A obra, nesse sentido, possui uma atribuição de relevância, pois chancela o autor, uma vez que é necessário pensar no termo obra como tudo que foi produzido por Guimarães Rosa e não apenas nas demarcações das unidades materiais, como a do livro, por exemplo. Ao passo que a escrita preserva a existência de uma materialidade, faz surgir a função-autor que fragmenta o indivíduo e possibilita o deslocamento e a inscrição em teias de posições-sujeito, produzidas no/por discursos outros e na/pela historicidade o qual esse sujeito esteja inserido (FOUCAULT, 1992). Pensar na escrita é olhar para o fracionamento do sujeito em diferentes posições e também perceber uma marcação de autoria ou registro, a incumbência ao sujeito que, pela linguagem faz regressar à superfície dos discursos aquilo que antes estava não-visível, nos dizeres de Figueira-Borges (2019, p. 154), "a escrita implica apontar um sujeito que irrompeu a superfície, ilusoriamente, lisa do papel em branco e, por meio de materialidades, tornou turvo tudo aquilo que, nas cristalizações sociais, parecia transparente".

Ainda nessa perspectiva, a obra rosiana, dialogando com Foucault (2020, p. 28), é um conjunto de outros textos, nunca homogênea, pois "está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede", fazendo com que o nome próprio do autor denote sob diferentes aspectos, seja em um prefácio, em um rascunho de papel, em vida ou após a sua morte, que ele chamará de função-autor. Essa função é modificável e não resulta de uma atribuição de um discurso ao nome próprio do autor, mas do seu nível de valor, do seu campo de coerência em que se é preciso admitir as suas camadas mais profundas,

> Admite-se que deve haver um nível (tão profundo quanto é preciso imaginar) no qual a obras e revela, em todos os seus fragmentos, mesmo os mais minúsculos e os menos essenciais, como a expressão do pensamento, ou da experiência, ou da imaginação, ou do inconsciente do autor, ou ainda das determinações históricas a que estava preso (FOUCAULT, 2020, p. 29).

Foucault (2019) se dedica a uma analítica dos discursos que constituem a modernidade a partir de outros já ditos. Não se trata de uma origem do discurso da loucura, mas dos procedimentos que permitiram relacionar, agrupar, diferenciar e, sobretudo, dizer sobre uma história marginal e silenciada, a do louco (a). Marginal, pois no devir da história, a nossa cultura condenou o anormal ao nível limítrofe das margens de sua existência. Apontar para esses limites discursivos, alude às relações de proximidade ou marginais que os discursos possuem uns com os outros. Ao lançarmos o olhar para a obra *Primeiras Estórias* (2005), é preciso levar em consideração que essa unidade não é senão um conjunto de outros textos que denota um signo de um nome próprio, isto é, o de Guimarães Rosa, ao passo que lhe confere determinada "originalidade". A unidade material do livro marca por si só o seu começo e o seu fim, ao ter as suas fronteiras delimitadas pelos signos linguísticos. Além disso, essa unidade não pode ser considerada pré-acabada, uma vez que sempre estará relacionada a outras unidades, outros discursos constituindo um campo complexo ou associado de discursos (FOUCAULT, 2020) e é a partir disso que queremos desenvolver as nossas análises.

Destarte, elaboramos algumas questões de pesquisa que se fazem pertinentes e nortearão esta pesquisa: como o sujeito-mulher, em fragmentos de *Primeiras Estórias (2005)*, tem seus comportamentos, condutas e fisionomias delineadas no/pelo discurso da loucura? Em que medida, na trama narrativa rosiana, determinadas práticas das mulheres são consideradas, discursivamente, como (a)normais? De que forma o discurso da loucura agencia o sujeito-mulher e lhe delimita construções identitárias? Como e por que o objeto da loucura recorta para o homem, identidades distintas? Diante dessas problematizações, delimitamos um escopo de análises da obra literária a partir dos vértices assimétricos e tensivos do discurso da loucura e da construção dos papéis de gênero.

Delineamos como hipótese, a premissa de que o discurso da loucura se inscreve e agencia o sujeito-mulher, constituindo identidades específicos de ser, agir, comportar-se, vestir-se, etc. Justificamos a pertinência dessa pesquisa ao problematizar e refletir a constituição desse sujeito, as possíveis significações da loucura na narrativa e como os gêneros e as sexualidades interferem diretamente nessa construção; de que forma ela é vista, banalizada ou reconhecida, legitimada ou anulada na obra rosiana. Acreditamos que o nosso trabalho se justifica, do ponto vista discursivo; na medida em que se pode pensar a Análise do Discurso relacionada às discussões sobre gêneros e se tratando do viés social; questionar a construção social que intensifica a desigualdade entre mulheres e homens em diversas áreas.

Em uma primeira busca detalhada, para construção de um estado da arte, a partir de revistas e bancos de dados, como o Portal Periódicos e o Catálogo de Teses e Dissertações Capes, Plataforma Sucupira e outros, é possível observar que existem muitos estudos (artigos, dissertações, periódicos) desenvolvidos acerca da loucura na literatura rosiana, sejam em bases da filosofia foucaultiana, freudiana, dentre outros. *Para trás da serra do mim*, é um artigo de Perrone-Moisés (2002), que desenvolve uma pesquisa acerca dos personagens e suas perturbações em um páreo com a loucura, ou o que a autora chama de "relações neuróticas" e os "eus" da psicanálise. Perrone-Moisés (2002) quer abordar em sua pesquisa, o lugar do inconsciente na obra de Guimarães Rosa, logo também o lugar dos "loucos" no desdobrar de alguns contos rosianos, vislumbrando a temática da loucura enquanto discurso agenciador. Outrora nos esbarramos também na pesquisa de Mayer (2017), *A crise do sujeito: aspectos da modernidade em dois contos Primeiras Estórias, de Guimarães Rosa*, que tem como proposta a análise de alguns desses textos, embora Mayer quer pensar na constituição do sujeito a partir da memória ligada a uma tensa relação com as identidades, que produzem indagações acerca dos sentidos atribuídos a esse "eu". A sua pesquisa, é resultado de uma dissertação de mestrado e se volta para um uma crise do sujeito que é fragmentado na narrativa de *Primeiras Estórias* (2005). Do ponto de vista discursivo, a nossa pesquisa não se faz valer sob o viés da psicanálise freudiana ou de seus sucessores, como Lacan, uma vez que o nosso objeto consiste no discurso da loucura e como esse agencia e constrói o sujeito-mulher no contexto literário rosiano. Entendemos que essas identidades são culturalmente formadas, territorializam corpos, produzem novas práticas discursivas e por isso sociais, agenciam sujeitos e objetos que se emaranham em uma rede de poder-saber, fixando discursos de dominação, silenciamento, apagamento e afins e por isso não se trata de um sujeito que é constituído por um inconsciente ou que preexiste anterior à interação, isto é, ao discurso. O nosso estudo ainda se orienta para questões acerca da constituição das identidades/performatividades dos sujeitos em recortes discursivos da obra, ora, devo ressaltar, que essa não é uma pesquisa com foco literário, embora seja a partir da literatura, o espaço o qual desdobraremos nossas análises. É certo de que o acervo de Guimarães Rosa é vasto e que nos fornece um feixe de discursos a espera de análises possíveis. Em uma pesquisa no banco de dissertações e teses Capes com as *tags* "Loucura + Guimarães Rosa", é possível visualizar inúmeros estudos no âmbito da literatura, embora, quando fazemos uma busca pelo assunto "Identidades de gênero" os resultados são limitados. É preciso pensar e questionar quais discursos são esses e como se inscrevem no sujeito-mulher na narrativa e para isso, utilizaremos o método arqueogenealógico de Michel Foucault.

Fazer uma arqueologia dos saberes – e logo, da loucura na obra rosiana – implica em analisar o conjunto de enunciados, restituir o discurso da loucura a sua necessidade de acontecimento exterior à língua, emergindo em determinado momento, mas reverberando em discursos outros, os quais se é preciso considerar as condições de possibilidade (FOUCAULT, 2020). Nesse sentido, Foucault (2020), refere-se aos procedimentos e, também, aos modos de enxergar e interpretar as coisas inscritas em determinadas práticas de saber, volta-se para a análise dos efeitos(s) em um jogo de poder(es) e situa na/pela história descontínua, a premissa de compreender a constituição dos sujeitos na modernidade. A arqueogenealogia é, assim, uma "ferramenta e instrumento para o esboço de uma história do presente, que possibilita, em última instância, uma crítica e a transformação do nosso mundo e daquilo que somos" (PRADO FILHO, 2017, p. 313). Nesse sentido, é importante visualizar e trabalhar com a arqueogenealogia não enquanto uma metodologia, mas como um método histórico que implica em analisar a produção de discursos e todo o seu aparato. Nos dizeres de Prado Filho,

> (...) não desce ao nível de um detalhamento dos procedimentos, configurando algumas prescrições de prudência, nas suas próprias palavras; mais ainda: não é método a priori, proposta definida aplicável genericamente a qualquer estudo histórico, mas deve ser estratégia traçada para cada situação específica, em correlação direta com o objeto e problema de pesquisa, construídos, todos, num mesmo movimento. (PRADO FILHO, 2017, p. 312).

Nesse sentido, a arqueogenealogia se ocupa com o questionamento do sujeito moderno, ao ser potencializado e agenciado por relações de força e de poder que pode o situar em identidades distintas. Com efeito, tentaremos estabelecer o balizamento entre nosso *corpus* e algumas análises em momento ulterior e diante disso, esta dissertação é dividida em três capítulos tendo subtítulos como marcações de temáticas relevantes. Ainda, em decorrência de nossa escolha por esse modelo, pautando-se na relação *teoria – análises*, denominamos os excertos selecionados da narrativa em *SE – Sequências Enunciativas* enumeradas para fins de estruturação e organização de nossas consecutivas análises.

O capítulo inicial dispõe à compreensão do que foi considerado loucura e das "rupturas" que Foucault estabelece no que tange ao discurso enquanto patologia e em momento anterior, como devaneio, com o objetivo de traçar como o discurso da loucura se (re)ssignificou sob muitos aspectos e mais do que isso, como delineou o sujeito-mulher em uma identidade louca ao longo do tempo e da história. Além disso, analisaremos de que forma os saberes classificaram, esquadrinharam e territorializaram esse corpo. Posteriormente e ainda na mesma divisão, discorrer-se-á acerca dos poderes, aquilo que se pode possuir e

controlar: a vida, o corpo, os comportamentos, as condutas e como essas relações de poder incidem sobre os corpos, dominando-os, quadriculando-os e tornando-os dóceis e úteis na narrativa. Ainda, refletir como os discursos encontraram na norma, parâmetro para definir padrões normativos a respeito da identidade fixada à mulher como louca.

O segundo capítulo se dispõe à compreensão de como o corpo feminino e o masculino são inscritos em relações de poder-saber de forma desigual, frente aos mesmos discursos que muitas vezes os alcançam, os classificam e modelam dentro de uma matriz heterossexual. Além disso, vislumbraremos o caminho, ainda que parcial, de aspectos que levaram o corpo da mulher a ser subjugado à loucura sob uma (in)tensa vigilância corpórea. Delinear-se-á quais discursos sustentaram e produziram identidades pré-estabelecidas acerca da mulher dentro de um sistema binário e biologizante do sexo. Por fim, apontaremos algumas dessas desigualdades de ordem política, social e econômica no que diz respeito ao sujeito-mulher e como a literatura enquanto espaço e ferramenta, possibilita críticas e estabelece denúncias dessas diferenças entre gêneros.

O capítulo de número três se dedica à análise de excertos discursivos retirados do *corpus* em questão, a fim de observar como o discurso da loucura incide na constituição do sujeito-mulher em Guimarães Rosa, recortando e fixando identidades à mulher na narrativa. Em contrapartida, nos ocuparemos também de descrever a constituição da figura masculina, analisando alguns fragmentos em que as masculinidades são construídas a partir de um mesmo discurso e potencializam a manifestação de desigualdades de gêneros. Além disso, retomaremos a relação das noções de discurso, gênero e loucura com o objetivo de visualizar como os discursos incidem de forma dissemelhante nos corpos feminino e masculino, caracterizando condutas e desfechos que não poderiam ser compreendidos de forma isolada, visto que são frequentemente permeados por práticas sociais e de poder que sustentam a tríade supracitada. Por fim, apontaremos de que forma a literatura rosiana enquanto irrupção da linguagem cristalizada e heterossexual do binarismo de gênero, também coloca em evidência os questionamentos acerca das diferenças entre eles, ao indicar um lugar de inferioridade, o qual o sujeito-mulher é situado na narrativa.

Diante disso, nos inscrevemos no campo da Análise do Discurso francesa, especialmente nos postulados de Foucault (1988, 1995, 1999, 2014a, 2014b, 2019, 2020) em um diálogo com as noções de “gênero” de Louro (2014), e de Scott (1995) a fim de perceber os discursos que produzem e constituem o sujeito-mulher em Guimarães Rosa. Além disso, utilizaremos a noção de “identidade” de Hall (2006, 2014) e de “gênero performativo”, de Butler (2020) e as discussões acerca da “literatura e seus espaços”, de Fernandes (2006) em

uma tentativa de observar, analiticamente, como são construídos sócio historicamente e a partir da literatura enquanto simulacro vazio e repetível da linguagem.

1. DA NAU DOS LOUCOS AO TREM DOS DOIDOS: UM BREVE RECORTE SOBRE A LOUCURA

A virada do século XVIII para o XIX fez surgir a necessidade de se delimitar a razão e o conhecimento científico, por meio de discursos como os da psiquiatria, medicina, jurisdição, etc. A loucura enquanto objeto da ciência – o que Foucault (2019), denominara psicologização da loucura ou também conhecida como psiquiatria, passa a ser reconhecida como doença mental no meio científico. Nesse sentido, este capítulo inicial se ocupa em problematizar e analisar como a loucura se articulou sob diferentes aspectos e com isso, alcançou sujeitos heterogêneos, ao passo que configurou para a mulher, uma identidade louca, por exemplo. Interessa-nos analisar como esse discurso esquadrinhou corpos, definiu sujeitos subjugados a uma determinada verdade ao normalizar a loucura e as práticas atribuídas aos loucos, destacando a constituição do sujeito-mulher.

Foucault realiza algumas descobertas importantes no que diz respeito a essa temática, principalmente na década de 1960, articulando a Modernidade com a época clássica, em que propõe novas perspectivas e uma arqueologia da loucura, com a sua tese de doutorado que resulta no livro, *Histoire de La Folie À L'age Classique*[1] (traduzido para o português, História da Loucura na Idade Clássica). Os estudos do filósofo sofrem influências de outras vertentes, como a epistemologia, em que Foucault elenca os estudos de seu professor e epistemólogo, Georges Canguilhem dentre outros, como Bachelard e Cavaillès, na medida que se situa, em contrapartida, nos estudos dedicados ao método desenvolvido por ele da descrição dos discursos – a arqueologia.

1.1 POR UMA ARQUEOLOGIA DA LOUCURA E DO LOUCO: DIALOGANDO COM MICHEL FOUCAULT

A epistemologia com Ganguilhem (1990) serviu de contribuição para os estudos foucaultianos, uma vez que designou o campo de estudo que se ocupa de uma investigação da cientificidade, de crítica ao conhecimento científico, dos resultados produzidos a partir das ciências, fundamentando-as e conferindo valores, ou melhor, vontades de verdade sob uma história que se localiza no princípio progressista da evolução. Ao passo que, a arqueogenealogia de Foucault, volta-se para as ciências humanas, os estudos acerca do

[1] Livro publicado pela primeira vez em 1961. Utilizarei a 12 ed., com publicação em 2019, pela editora Perspectiva.

homem, a qual não se pretende considerar o viés de uma história cronológica ou linear, mas sim a descontinuidade que possibilita um deslocamento entre modernidade e época clássica, não conjurada apenas nos princípios de uma racionalidade humana. Embora seja preciso esclarecer que Foucault não nega as contribuições da epistemologia para os estudos acerca de seu método, mas não se configura sobre ela a sua arqueologia (MACHADO, 2000). No que tange ao método arqueogenealógico de Foucault, ainda que ele não tivesse escrito ainda o seu livro *Arqueologia do Saber*[2], o qual destina as suas preocupações acerca da descrição e análise do discurso, Foucault já utilizava da arqueogenealogia em *História da Loucura*, com uma premissa de se pensar, segundo Machado (2000), o que seria a contemporaneidade, isto é, a modernidade em relação ao período clássico, a partir de rupturas, de dispersões da loucura, utilizando a linguagem e a literatura para tal. A pesquisa do filósofo não estaria voltada somente para a loucura em si, mas também para o louco e para as suas próprias condições de existência.

Utilizar o método arqueogenealógico nos orienta ao discurso da loucura no sentido de questionar como ele agencia e constitui o sujeito-mulher caracterizado de diferentes formas, inseridos em redes de saber-poder e relações de força que incidem sobre esse sujeito nos contos de João Guimarães Rosa. A constituição desse sujeito em *Sorôco, sua mãe, sua filha*, é representado pelas duas mulheres loucas que entoam um canto desrazoado ou fora da racionalidade e por isso são enviadas ao hospício por Sorôco, o viúvo da família que também é o encarregado de cuidar das duas. Ou ainda podemos observar essa construção em *A menina de lá*, que tem como sujeito-personagem, a figura de Nhinhinha, uma menina que é caracterizada na loucura cujo linguajar não pode ser situado no modelo ‘normal’ para a família, visto que as frases não possuem algum sentido, quadriculando um espaço ao sujeito que vivia nos cantos e estava sempre quieta. Ao observar a recorrência desse discurso é possível perceber que se tratando do conto *A terceira margem do rio*, as atitudes do pai de família, que abandona a casa e os familiares para morar em um barco no rio que passava próximo não podem ser configuradas na loucura, visto que se tratara de um homem sensato e racional, o qual a família e os amigos atestavam sempre a ordem. Já na última narrativa de análise, o conto *Darandina*, a loucura agencia a constituição do sujeito-personagem que, na narrativa, atrela-se à uma árvore e de lá profere gritos e brados de irracionalidade, a ponto de não se reconhecer como humano, mas é capaz de retornar à consciência das atitudes de

[2] Texto sobre o método arqueológico de Michel Foucault, cuja primeira publicação ocorreu em 1969. Uma arqueologia destinada à descrição do discurso, enquanto procedimento, a fim de perceber suas regras, técnicas, sistematicidades, no jogo de suas relações e condições que possibilitam a sua aparição.

loucura ao regressar o pensamento à racionalidade ao desistir da aventura nas alturas. Utilizar o método foucaultiano possibilita espaços de questionamentos ao apontar para a remanência de um mesmo discurso, porém, produzindo efeitos de sentidos diferentes, haja visto que é preciso considerar as relações de saber-poder que perpassam e entrelaçam essas narrativas quando destacamos o sujeito-mulher em específico.

Ao apontar para o discurso da loucura, é importante ressaltar o movimento que M. Foucault faz de lançar um olhar fragmentado à história contínua, restituindo o discurso à singularidade de acontecimento, descrevendo e analisando-o em seu aspecto político e prático que, conforme Prado Filho (2017, p. 312), é também perpassado nos e pelos efeitos de verdade, "na sua exterioridade, descentrando de representações, significados e sentidos, buscando expor suas condições históricas de possiblidade e emergência". É preciso levar em consideração as relações de poder-saber que, embora não apareça com essas palavras e/ou Foucault (2019) poucas vezes mencione em sua tese, a noção está posta, visto que ela orienta e recorta a loucura e as identidades dos sujeitos, as técnicas e os padrões dos corpos assujeitados na ordem do direito, da jurisdição e também nas ordens da moral e da medicina. Interessa-nos a arqueogenealogia como método, na medida em que a nossa pesquisa fará o movimento de investigar que discursos, procedimentos, e práticas são esses que validam, dominam, controlam e delineiam a constituição de um sujeito em específico – o sujeito-mulher, demarcando condutas, ações, posicionamentos que incidem sobre esse sujeito em questão. Ao utilizarmos a arqueogenealogia, buscamos evidenciar a construção de sujeitos-personagens a partir de suas relações ou interações que constituem o sujeito-mulher de Nhinhinha ou a mãe e filha de Sorôco. Ao falar sobre esses processos, queremos apontar para as configurações do objeto loucura na narrativa, dos discursos que esquadrinharam a figura da mulher como louca, das formas que tais sujeitos têm suas identidades constituídas na trama.

Foucault (2019) se ocupava em mostrar as muitas variações e identidades recortadas no discurso da loucura, mas também a partir do poder e da norma, principalmente moral e religiosa que sentenciou muitos sujeitos às margens. Conforme enuncia Machado (2000), a descoberta de Foucault, ou uma das suas grandes rupturas observadas, distribuiu-se em dois níveis distintos, "o das teorias sobre a loucura e o das práticas que dizem respeito ao louco" (MACHADO, 2000, p. 15). Compreender esse movimento que Foucault realiza é relevante para que possamos olhar para nosso *corpus* na tentativa de visualizar como acontece a marcação e a objetivação do sujeito-louco-mulher nos contos de Guimarães Rosa. Essas fissuras representaram, mais do que um "descobrimento" da loucura enquanto doença mental, o relato de variadas e heterogêneas histórias que durante muito tempo foram suprimidas.

O primeiro nível estaria preocupado em atender o seu aspecto teórico e o segundo, seria relacionado às práticas que versam sobre o louco e que lhes são atribuídas. Ainda em consonância com Machado (2000), é preciso compreender que, mesmo diante das modificações da loucura, ela só existe devido ao olhar que se conjura sob a razão. Em outras palavras, a existência da loucura sempre esteve associada ao estabelecimento da razão seja no campo do saber médico, no que diz respeito aos graus e sintomas da loucura ou na inversão da razão, quando o louco se situa no conjunto das leis, na jurisprudência. Foucault problematiza e descreve as variações da loucura em um intervalo de aproximadamente oitocentos anos, que compreende desde a Idade Clássica, em meados do século XII até o período em que se marca a passagem para o que conhecemos como Modernidade, já no recente século XIX.

Ainda dialogando com Foucault (2019), quando a lepra se esvai no ocidente do mundo já no final da Idade Média, deixa os leprosários inóspitos por muito tempo. Paris, uma das cidades com maior recorrência desses espaços, chegou a ter mais de 1200 leprosários, o número se fazia inferior na Inglaterra, mas a recorrência desses lugares desumanos se dava na Europa inteira e ressignificou a loucura sob diferentes classificações. É somente no século XIV e também devido ao fim das Cruzadas, que o vazio definitivo começa a se instalar, embora, o seu significado, as razões que justificaram o aparecimento desses locais, o seu *status* de exclusão perdurará e servira-se de base para o internamento. Nos dizeres de Foucault (2019):

> A lepra se retira, deixando sem utilidade esses lugares obscuros e esses ritos que não estavam destinados a suprimi-la, mas sim mantê-la a uma distância sacramentada, a fixá-la numa exaltação inversa. Aquilo que sem dúvida vai permanecer por muito mais tempo que a lepra, e que se manterá ainda numa época em que, há anos, os leprosários estavam vazios, são os valores e as imagens que tinham aderido à personagem do leproso; é o sentido dessa exclusão, a importância no grupo social dessa figura insistente e temida, que não se põe de lado sem se traçar à sua volta um círculo sagrado (FOUCAULT, 2019, p. 6).

O leproso foi objeto de expiação do mal sob uma moral religiosa, uma vez que o seu afastamento representava também a expiação de seus pecados. Oferecer-lhes um lugar de salvação, de reintegração do espírito, é converter o olhar sobre a reclusão do leproso como sendo o seu único caminho para o ‘céu’. Com o fim por definitivo da lepra na Europa, as práticas de exclusão e o seu sentido continuam a reverberar séculos mais tarde no internamento, embora, com rostos totalmente diferentes, agora eram “pobres, vagabundos, presidiários e ‘cabeças alienadas’ assumirão o papel abandonado pelo lazarento” (FOUCAULT, 2019, p. 6). A herança dos leprosários consiste nessa “exaltação inversa”, o

gesto que configura o afastamento, o que antes era caracterizado sob a justificativa de recuperação da carne e certamente do espírito se torna resquício de uma sensibilidade primitiva e invertida da loucura. Primitiva porque foi uma das sensibilidades primeiras e invertida, pois será utilizado para agrupar diferentes sujeitos e não mais somente leprosos.

Ainda dialogando com Foucault (2019), no final do séc. XV, os espaços anteriormente ocupados pelos leprosos dão lugar a um novo público. Os doentes venéreos – do latim *venereus*, refere-se às disposições sexuais e a relação com o prazer e deriva de *Venus*, a deusa romana do amor e da venustidade. As infecções sexualmente transmissíveis (IST) acometiam os doentes venéreos que rapidamente ocuparão no século XVI, já no período clássico, os desabitados locais deixados pela lepra medieval e logo assumirá um caráter de igualdade às outras doenças. Segundo Machado (2000, p.17), agrupam-se pela identidade e diferença – os que são diferentes, os que se parecem um com o outro, os exóticos em um primeiro olhar e os doentes venéreos que também representam uma violação da sexualidade, uma vez que são considerados impuros por terem contraído tal doença, vista como um pecado, "merece mais castigo do que remédio", a punição não ocorre pelo contágio da doença, mas pelo ato que precede a ela, uma transgressão moral e não patológica, de fato. Essas novas faces herdarão não só as práticas arcaicas de tratamento para com os leprosos como também exigirá um tratamento específico, como aponta Foucault (2019, p. 8), "é sob a influência do modo de internamento, tal como ele se constitui no século XVII, que a doença venérea se isolou, numa certa medida, de seu contexto médico e se integrou, ao lado da loucura, num espaço moral de exclusão".

1.2 DAS SENSIBILIDADES DA LOUCURA À RELAÇÃO COM AS ÁGUAS: PRODUZINDO DIFERENTES SUJEITOS NOS LIMITES DO COMEÇO E FIM DE UM EMBARQUE ABSOLUTO

Em consonância com Foucault (2019), é quase duzentos anos depois que o "fenômeno" da loucura faz surgir novamente práticas supressórias, de separação e afastamento no horizonte da Renascença e principalmente sob uma sensibilidade atrelada às águas. A nau dos loucos surge no mar da Idade Média, o filósofo quer pensar acerca de um objeto marítimo, emprestado da literatura alemã. *Narrenschiff* [3]– a nau dos loucos, dos

[3] *Das Narrenschiff* é uma obra alemã de Sebastian Brant, humanista, que satiriza a insanidade humana. Impressa pela primeira vez em 1494, o texto é uma descrição de uma viagem fantasiosa de 112 loucos, com destino à "Narragônia", a terra prometida. Cada um dos loucos denotava uma característica diferente das condutas

insensatos, do satirista Sebastian Brant (1494), uma das primeiras obras em alemão do século XV – para alguns, um embarque imaginário que, destina-se a uma busca não tanto de riquezas, mas da própria verdade e razão. Esses navios de grande porte, comumente designados 'naus', levavam os loucos que eram expulsos de suas cidades e se atracavam nos portos entre uma cidade e outra. Esse cenário de "limpeza" por meio das águas tornou-se comum em muitos lugares da Europa e era ordenado aos navegantes que livrassem os muros das cidades dos loucos.

A representação dessa navegação em direção ao silenciamento ou quer seja uma verdade, respingam na contemporaneidade dos contos rosianos. No terceiro conto *Sorôco, sua mãe, sua filha*[4], da obra *Primeiras Estórias* (2005), o desdobramento da narrativa acontece no caminho da estação que levaria as duas mulheres para o tratamento na cidade mineira de Barbacena. A nau da atualidade é o expresso do Rio. O trem que levara as mulheres loucas ao hospício é feito e isolado com grades e vagões devidamente separados, como se a carga fosse demasiada perigosa ou violenta, a ponto de ser indesejável. É o trem do sertão que recolhe a filha e a mãe já de idade e tem como destino a cidade de Barbacena-MG. Destacamos a peregrinação do louco, a qual Foucault salienta em História da Loucura (2019) também na narrativa de Guimarães Rosa, ao descrever o trem dos loucos cujo bilhete era somente de ida para esse lugar de repressão, ao aludir o trem que levava os "doidos" para o Hospital Colônia[5], na cidade mineira

Nesse sentido, acreditamos que assim como Foucault, Rosa também quis denunciar as práticas excludentes, de tortura, opressão e tratamento da loucura e dos loucos em um período que se vigorava um extermínio em massa e se instaurava no Brasil uma grave crise manicomial em meados de 1960. De acordo com Arbex (2013), a expressão "Trem de doido" é criada por Rosa em uma referência ao expresso que tinha como destino, a última estação Bias Fortes que ficava escondida aos fundos do Colônia. Ainda dialogando com a autora, essa expressão emerge em caráter profícuo na literatura, mas como o contexto sócio-histórico marcava um período sombrio, a expressão logo se torna pejorativa e insultuosa ao referir-se aos considerados desagradáveis e por isso, também interditados. Os passageiros chegavam

humanas. O livro contém inúmeras xilogravuras e em pouco mais de 100 anos após a sua primeira publicação, já havia mais de 40 edições com traduções em outras línguas.

[4] O terceiro conto do livro de contos *Primeiras Estórias* (2005), publicado pela primeira vez em 1962, que versa sobre a história de Sorôco, um viúvo que se vê na condição de sentenciar a filha e a mãe ao hospício, pois eram loucas.

[5] A psiquiatria no Brasil é recente, do século XIX. Pedro II institui em 1841, a criação do primeiro hospício no Brasil, o Colônia que em menos de 40 anos depois, já registrava as primeiras ocorrências de maus tratos e falhas no atendimento, além de uma carência enorme de funcionários especializados, como psiquiatras e psicólogos, profissionais especializados no tratamento, conforme Arbex (2013).

com fome e com medo do desconhecido, alguns sequer sabiam o destino, quer sejam as justificativas de estarem ali, "acuados e famintos, esperavam a ordem dos guardas para descer, seguindo em fila indiana na direção do desconhecido. Muitos nem sequer sabiam em que cidade tinham desembarcado ou mesmo o motivo pelo qual foram despachados para aquele lugar" (ARBEX, 2013, p. 25).

O trem dos interditados não apenas tinha como destino Barbacena, mas um espaço minuciosamente quadriculado e de controle do corpo louco. Acreditamos que a pesquisa de Arbex (2013) é precisa ao denunciar o agenciamento do sujeito pelo discurso da loucura através da materialidade a qual a literatura se oferece. Referenciar os enunciados do trem, dos vagões que lembravam celas para presos ou o enunciado do louco, por exemplo, observamos que em condições de possibilidades anteriores é possível fazer uma alusão ao enunciado *Holocausto*[6]. Ainda que em condições de possiblidades diferentes, mas em um regime de poder parecido, as semelhanças se relacionam aos trens que levavam os inúmeros presos; judeus, mulheres, crianças, homossexuais, todos que escapavam às normas de construção e edificação de uma raça ariana e por isso, pura no período do regime nazista. No Colônia, segundo ARBEX (2013, p. 25), "os deserdados sociais chegavam a Barbacena de vários cantos do Brasil. Eles abarrotavam os vagões de carga de maneira idêntica aos judeus levados, durante a Segunda Guerra Mundial, para os campos de concentração nazistas de Auschwitz". Compreender a loucura enquanto enunciado em teia, é entender que este faz margem a outros, como os do trem, do *holocausto,* da prisão, dos campos de trabalho forçado, etc. Ainda que não se configure aos loucos uma raça distinta, a sensibilidade que condena o sujeito-mulher no texto rosiano à exclusão está ligada a uma vontade de verdade que prima por uma identidade superior às demais, na medida que interdita o sujeito em questão pela norma.

O que era heterogêneo e se diferia do regime totalitário e ditatorial nazista, sentenciara aos vastos campos de concentração, distribuídos na Alemanha e em toda Europa entre 1941 e 1944 sob uma primazia de valores instituída pela raça ariana. As promessas eram de uma "nova" vida e futuras outras oportunidades que seriam dignificadas através do trabalho que receberiam no destino final dessa jornada. Fato é, que, também para os nazistas, somente através do trabalho poderia se alcançar a liberdade[7], isto é, que seriam dignos de sua

[6] O vocábulo faz referência ao genocídio, a maior parte de judeus fadados ao extermínio, durante a Segunda Guerra Mundial. As estruturas nazifascistas eram sistemáticas e de agrupamento. Além de serem escravizados e explorados até a morte, em casos de retaliações e/ou de resistência, tinha-se outras práticas e técnicas de tortura e de assassinatos que adiantavam o processo. O Holocausto é parte de um plano de ação final iniciado pelos nazistas a fim de suprimir as minorias que não estavam de acordo com os modelos da raça ariana.

[7] No maior campo de concentração nazista de Auschwitz, localizado próximo à cidade de Cracóvia, na Polônia, traz gravado em seu portão de entrada, a frase em alemão: *Arbeit Macht Frei,* que quer dizer, em português: *O*

existência, embora na realidade não funcionasse tal qual, não muito diferente da idade média que instituiu práticas de trabalho aos loucos enclausurados sob formas de tirá-los do "ócio" e tornar os seus corpos úteis economicamente. *Gulags*[8], campos de concentração e manicômios se intensificam nos limites do enclausuramento, pois esses espaços configuraram sensibilidades forjadas na norma que estabeleciam o trabalho ou tratamento médico para justificar o cerceamento ou anulamento do sujeito que se diferia ou contrariava determinada estrutura sociopolítica, cultural, econômica, etc. A Segunda Guerra Mundial se desdobra entre os anos 1941 a 1945 e fica marcada sob o sangue de um genocídio em massa.

De acordo com Foucault (2019), antes dos loucos serem expulsos das cidades, eram açoitados em praça pública (ainda que não fossem julgados por nenhum crime), esses açoitamentos os colocavam em um mesmo nível que os criminosos, deslocando a sensibilidade de tratamento, incumbida pelo hospital psiquiátrico, uma vez que esses "espetáculos" públicos eram voltados aos sujeitos que infringiram a *lei* ou cometiam dado crime. As punições e consequentes mortes se desdobravam em cadafalsos, nas partes geograficamente centrais das cidades, como forma de exibir essas cenas e reafirmar uma soberania monárquica. A relação da loucura com as águas caracteriza uma insanidade que está em constante movimento, no ir e vir do curso dos rios, o louco se localiza às margens, isto é, entre os seus limites. Permitir ao louco, a sua própria navegação, era também ter a certeza definitiva de sua partida, de um único embarque. Embora, como descreve o filósofo, o mar, mais do que objeto de "limpeza", possuía um caráter de "purificação", conforme podemos visualizar abaixo,

> A navegação entrega o homem à incerteza da sorte: nela, cada um é confiado a seu próprio destino, todo embarque é, potencialmente, o último. É para o outro mundo que parte o louco em sua barca louca; é do outro mundo que ele chega quando desembarca. Essa navegação do louco é simultaneamente a divisão rigorosa e a Passagem absoluta (FOUCAULT, 2019, p. 11).

Essa "passagem absoluta", segundo M. Foucault, marca o limite do louco no que diz respeito à esfera a qual o homem da idade média teria que se preocupar, visto que a sua partida deveria chancelar o seu afastamento, não havendo outro castigo senão o do seu próprio limiar. Ele é colocado nesse lugar de "passagem", no qual se torna também prisioneiro entre

---

Trabalho Liberta. Os presos tinham seus cabelos raspados, um número de registro e controle gravados à pele e uma espécie de uniforme listrado que serviam para a padronização desses corpos e pode ser visualizado no site do Museu Auschwitz Birkenau – Memorial Dedicado às Vítimas do Holocausto. Disponível em: https://www.theauschwitztours.com/pt/auschwitz-birkenau-memorial-and-museum/. Acesso em: 06 de jan. de 2022.

[8] Campos de trabalhos forçados que designa *Glavnoe Upravlenie ispravitel'no-trudovykh LAGerei*, isto é, Administração Central de Campos de Trabalho Corretivo, criados em meados do século XIX.

“mundos” que jamais poderão lhe pertencer, firmando assim, o ritual do embarque, conforme podemos observar na alusão do filósofo,

> É um prisioneiro no meio da mais livre, da mais aberta das estradas: solidamente acorrentado à infinita encruzilhada. É o passageiro por excelência, isto é, o prisioneiro da passagem. E à terra à qual aportará não é conhecida, assim como não se sabe, quando desembarca, de que terra vem. Sua única verdade e sua única pátria são essa extensão estéril entre duas terras que não lhe podem pertencer (FOUCAULT, 2019, p. 12).

A associação da água com a loucura se estabelece na época clássica, principalmente, devido às condições climáticas, a brisa fria que alcançara o corpo e que poderia induzir à insanidade. Esse lugar de passagem certifica o lugar de pertencimento do louco que se faz valer na materialidade do conto *A terceira margem do rio*. A história de um homem que, repentinamente, encomendou uma canoa de madeira cujo assento era único, além da escolha de morar nos limites do rio. A família, inicialmente, não questionou a ideia, visto que moravam próximo a um rio e tal encomenda poderia ser para a pescaria. Quando a canoa ficou pronta, o silêncio invade o homem, que não se arrepende e se lança às margens do rio, deixando a família para trás e se estabelecendo, segundo Foucault, nessa espécie de “divisão rigorosa”, pertencendo a um entre-lugar, uma vez que não lhe cabia o domínio da razão, tampouco se poderia considerá-lo louco, ele não pertencia a nenhuma dessas terras. O sujeito-pai é a configuração de um sujeito marginal, que se situa nos limites das águas e no ir e vir do rio, não podendo pertencer a nenhum dos níveis das águas, potencializados pela loucura,

> *SE 01* Nosso pai era homem cumpridor, **ordeiro**, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação (ROSA, 2005, p. 77, grifo nosso).
>
> *SE 02* Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa (ROSA, 2005, p. 77).
>
> *SE 03* Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, **como para caber justo o remador**. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, **própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos** (ROSA, 2005, p. 77, grifos nossos).
>
> *SE 04* Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, calado que sempre. Largo, **de não se poder ver a forma da outra beira** (ROSA, 2005, p. 77).

Ainda que o discurso da loucura configure ao homem esse entre-lugar, os familiares atestavam a sua condição de normal, pois o homem possuía dada racionalidade que é marcada na narrativa pelo emprego, na *SE 01* do enunciado que se faz no masculino, “**ordeiro**”, isto é,

aquele que pratica ou prioriza a ordem ou disciplina. Diante de um patriarcalismo estrutural e não por isso construído, cabe ao sujeito-pai assumir o controle da família. É do pai e pelo pai, a missão de prover o subsídio financeiro familiar, ao passo que instituído enquanto chefe familiar, reserva-se também a dada autonomia, isto é, ao poder instituído ao homem que lidera a família, ainda que essa responsabilidade se modifique posteriormente na narrativa. Dialogando com *A terceira margem do rio*, essa posição-sujeito é delineada no conto rosiano e confirmada na *SE 03*, pois a canoa que o homem manda fazer não fora qualquer canoa, mas uma "**para caber justo o remador**", isto é, um único assento, bem como à singular posição atribuída ao homem, na qual tal lugar é reservado ao pai enquanto líder da família, não pudera ser ocupada ou modificada por terceiros. Quer seja pela esposa ou pelo filho que assume uma posição-narrador ao minuciar detalhes da narrativa. O barco, além de ser pequeno, também é próprio "**para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos**", anulando qualquer possiblidade de contestação desse papel, visto que assim como o material resistente de "**pau vinhático**", é vontade do homem se manter em tal lugar. A linha entre loucura e sanidade parece ser tênue ou feita de margens, assim como o rio de duas margens, o espaço descrito em *A terceira margem do rio* é em sua dimensão amplo, "**de não se poder ver a forma da outra beira**", porque a loucura delimita o homem nesse "entre-meio" no qual o sujeito não pode e não é situado tampouco se alcança a margem do outro lado, isto é, da razão. Não pode e não é situado porque "**ordeiro**", "**positivo**" e "**cumpridor**", enunciados que se inscrevem no homem ao produzir subjetividades sensatas. O movimento acontece ao contrário e por definitivo em outros contos quando se trata do sujeito-mulher, uma vez que ele é chancelado no terreno da loucura, não oferecendo possibilidades de escolhas de margens racionais.

Voltando à Foucault (2019), o filósofo descreve que ao final da Idade Média, a loucura assume outro olhar, não mais o do prazer como os doentes venéreos ou da ausência de uma moral cristã, mas uma insanidade a qual ninguém pode ser de fato culpado. É então que a loucura se estabelece no eixo de uma crítica da razão, através do teatro, da literatura erudita e da comédia. O louco sai de um papel ridicularizado ao centro do palco, como protagonista da verdade, ao contrário de como irá figurar na literatura da época. A linguagem do louco, conforme enuncia Foucault (2019), é parva, não se pode inscrevê-la no âmbito da razão, porque o louco é justamente o "desrazoável", um engano de si próprio. Quando a loucura perturba a consciência, é o louco, na comédia, o incumbido de trazer a verdade à superfície de cada um, revelando a demência do homem, trazendo a sua superfície a sua própria e devassa verdade, por vezes desrazoada.

Pensar na loucura como uma parvoíce que o louco a detém sem ao menos se dar conta, é olhar para a loucura enquanto objeto e discurso que tão somente configura um saber, mas se oferece à produção de novos discursos e saberes outros que frequentemente são localizados em outras áreas. Dialogando com os contos, quando pensamos em tal discurso e no agenciamento do sujeito de Nhinhinha que é descrita no conto *A menina de lá* como uma menina que subverte suas práticas linguajeiras e por vezes escapa o sentido racional esperado ou potencializado pela família. O sujeito-personagem em questão vivia sempre reclusa e em silêncio, conforme observamos na *SE 05*, os enunciados "**absurdo**", "**vago**", "**estranho**" objetivam e delineiam à menina ao nível da loucura, da estranheza e da confusão, subjetividades comensuradas no absurdo, disparate materializado na linguagem da menina. Ao apontar para a loucura que interpela essa constituição, percebemos que se esbarra na inversão de sentidos ao oferecer a utilização de um mesmo objeto em um contexto diferente. Em outras palavras, o discurso que configura atitudes de loucura para a menina, abre possibilidades para a produção de riquezas e de lucro que pode ser extraído de Nhinhinha enquanto suporte material e lucrativo. A loucura deixa de ser vista com demasiada bizarrice e esse objeto passa a operar em favor à necessidade financeira e agrária da família, na qual a figura masculina do pai se interessa pelo desatino, na medida em que esse pode ser usado em benefício próprio, seja para que a menina faça chover durante o tempo de seca e em prol de colheitas ou que esperem-na crescer para "ajudar" a família a prosperar, como podemos observar no excerto a seguir

> *SE 05* Parava quieta, não queria bruxas de pano, brinquedo nenhum, sempre sentadinha onde se achasse, pouco se mexia. – "**Ninguém entende muita coisa que ela fala**..." – dizia o Pai com certo espanto. Menos pela **estranhez** das palavras, pois só em raro ela perguntava, por exemplo: – "*Ele xurugou*?" – e, vai ver, quem e o quê, jamais se saberia. Mas, pelo **esquisito do juízo** ou enfeitado do sentido. Ou referia **estórias, absurdas, vagas**, tudo muito curto (...) (ROSA, 2005, p. 65, grifos nossos).

O comportamento da menina é caracterizado pela anormalidade em comparação com outras crianças, Nhinhinha fugia à regra. Não gostava de nenhum tipo de brinquedo, bem como "**bruxas de pano**", isto é, bonecas de pano ou objeto comumente designado às mulheres quando crianças. Meninas brincam "com bonecas" e meninos "com carrinho", quem nunca ouviu falar isso?! A menina se negara a subverter-se às identidades e comportamentos heterossexualmente delineados dentro de padrões ou modelos estéticos como também subverte seu modo de falar ou comunicar-se. Joga com as palavras, criara neologismos que ganham o lugar da diferença na narrativa, uma vez que são raras as falas, como podem ser

mensuradas na *SE 05*. O grifo em itálico não apenas marca, no diálogo, a abertura de fala do sujeito-personagem na literatura, mas registra o que é diferente dentro de um padrão de normalidade. O discurso da loucura qualifica a fala subvertida, a invenção de palavras e frases que contrariam o senso comum e afronta um determinado efeito de verdade porque são "**absurdas**". A loucura delineia um modelo de 'ser', isto é, uma identidade louca que atravessa e constitui o sujeito de Nhinhinha, ainda que o sujeito resista aos mandos. À ela é configurada uma identidade única, pois no processo de construção identitária, o sujeito subverte e (re)inventa enunciados e ordens como, "**ele xurugou?**", quer quer dizer "provocou"[9]. Diante de uma linearidade em níveis linguísticos, a linguagem da menina em nada se aproxima de uma norma gramatical, mas denota dada compreensão de sentidos para o sujeito ao passo que a constitui, uma vez que na e pela recorrência de tais práticas no conto, a menina não se assujeita às regras e às ordens da família, mas tece suas próprias subjetividades a partir da/na linguagem.

A loucura possui uma autonomia particular. Ela é seu próprio discurso, versa sobre si mesma, é seu próprio objeto de análise e de descrição, ela se acusa e se defende e reivindica um lugar mais próximo à razão que a própria razão em si, tem sua própria linguagem como um 'átomo' da razão ao localizada no limite exato de suas fronteiras. Como mencionado anteriormente, a loucura se estabelece subjugada à razão, na medida que só existe na relação inversamente proporcional entre o desatino e a sanidade, mas antes de ser delimitada, ela foi o presságio da morte, de uma obscuridade, de um "fim" através das águas. Ainda que na arte e/ou literatura foi necessário aderir a uma nova sensibilidade para que o homem percebesse que a loucura não era mais a sua ruína, mas o fato de denunciá-la é que provocava também a sua ascensão. É esse discurso que ameaça o destino dos homens no horizonte da Renascença e se faz valer na literatura, com o declínio do gótico, de seu simbolismo e de suas imagens. Figuras e pinturas que fazem aparecer sentidos que só podem ser compreendidos se se colocar no mundo dos insanos – assim, a loucura ganha espaço. De acordo com Foucault (2019), a loucura é "transformada em tentação", libertando o fantasioso de seus sonhos, um saber que fascina e atrai o homem que, no início da Renascença, a "besta" que o escapara passa a ser aquilo que se quer apoderar ou revela, isto é, o anúncio de sua verdade, de seus desejos mais obscuros,

> A animalidade escapou à domesticação pelos valores e pelos símbolos humanos; e se ela agora fascina o homem com sua desordem, seu furor, sua

[9] Definição informal da palavra *xurugou*, podendo ser visualizada no sítio dicionarioinformal.com.br. Disponível em: https://www.dicionarioinformal.com.br/xurugou/. Acesso em 16 de jan. de 2022.

> riqueza de monstruosas impossibilidades, é ela quem desvenda a raiva obscura, a loucura estéril que reside no coração dos homens (FOUCAULT, 2019, p. 20).

A indagação que surge ao redor da loucura passa a revelar também os segredos do mundo. A loucura enquanto um saber. Um saber temeroso que o homem racional não consegue subtrair por completo, enquanto o louco o possui em sua inocente tolice, "o louco o carrega inteiro em uma esfera intacta: essa bola de cristal, que para todos está vazia, a seus olhos está cheia de um saber invisível" (FOUCAULT, 2019, p. 21). O filósofo descreve esse falso recobrar de consciência dos homens, à medida que a *nau* dos loucos navegava nos mares dos desejos, o homem se esquece do sofrimento em uma insidiosa sensação de felicidade, quando na verdade, se encontra mais próximo do fim apocalíptico, isto é, de sucumbir-se à loucura.

De acordo com Foucault (2019, p. 22), é na descoberta arbitrária da loucura do homem que encontra "a sombria necessidade do mundo; o animal que assombra seus pesadelos e noites de privação é a sua própria natureza", são essas significações da loucura, o "saber do mundo". A Renascença faz surgir na superfície da loucura, os mistérios, as fraquezas e os segredos do homem e da humanidade. Uma loucura constituinte de cada homem, pois se sustenta das próprias ilusões. A loucura rege tudo aquilo que existe de mau, como de bem no homem e o seu parentesco não é mais orientado sob a vigilância do homem, mas é tomada como parte constituinte de si próprio.

Nesse sentido, a loucura assume um viés de sátira moral na literatura do século XV. A literatura, com suas figuras, imagens e pinturas faz surgir um espaço de embate. De acordo com Foucault (2019), uma "experiência trágica", de um delírio do homem e do que estava oculto a ele mesmo. E o que ele chama de "consciência crítica" da loucura, que nasce com os homens e é seu próprio objeto, se subordina à razão e o coloca em confronto consigo mesmo, com a sua moral e devassa verdade. A percepção crítica do homem em relação a si ou ao mundo não ganha espaço em detrimento da primeira ramificação da loucura, mas permanecem imbricadas de modo que a segunda, anteriormente mencionada, se sobressairá a essa experiência trágica, não anulando-a, pois, as suas figuras ainda continuarão presentes.

Em diálogo com esses apontamentos, a dualidade entre experiência trágica e consciência crítica pode ser observada no conto *Darandina*, de Guimarães Rosa, uma vez que a narrativa descreve os acontecimentos de um homem que se instala em uma palmeira há metros do chão, fugindo de um grupo de pessoas que queriam linchá-lo e se instala em uma árvore, proferindo gritos e falas sem sentido do ponto de vista racional. O homem que tinha

roubado uma caneta, empreende fuga e para não ser linchado se acomoda no alto de uma palmeira que se localizara em uma praça, próxima a um hospital psiquiátrico. *A priori*, alguns curiosos que acompanhara o reboliço julgam ser a fuga de um interno, mas o caso acabara por envolver até a polícia na tentativa de fazer com que o sujeito-homem desistisse da ideia. O desfecho da narrativa acontece quando o homem retorna à consciência e desiste da ação absurda e louca, ainda que o sujeito se equilibrasse aqui e acolá, em malabarismos e atitudes configuradas no campo da loucura, ele é capaz de recobrar a capacidade racional de formular pensamentos forjados na razão, fazendo com que ele regresse a uma dada consciência ao desistir do espetáculo e descer da árvore.

Voltando às discussões foucaultianas em *Histoire De La Folie: À L'âge Classique* (2019), Foucault define alguns tipos de loucura que podem ser observados na literatura entre o final do século XVI e início do século XVII, tais como: *i) loucura pela identificação romanesca* – o jogo de relações entre real e imaginário, os desatinos, possíveis de serem identificados em obras, como por exemplo, Dom Quixote*; ii) loucura da vã presunção* – que se faz na relação do louco consigo mesmo, de seus limites; *iii) loucura do justo castigo* – as desordens do coração, a paixão avassaladora e inquietante que pune o louco utilizando o argumento da moral para isso e, por fim *iiii) loucura da paixão desesperada* – a decepção no amor predispõe a uma loucura, especialmente se esse amor tiver sido anulado por meio da morte, está fadado à alienação. Assim sendo, é preciso compreender, ainda que muito breve, que é a partir da literatura enquanto espaço despovoado de reduplicação e de embates ao infinito, no qual o discurso da loucura é considerado capaz de romper. Fernandes (2006) propõe uma reflexão a partir dos postulados de Foucault para se pensar de que forma o ser da literatura se situa nesse espaço de simulacro vazio e repetível que (se) constitui o fora da obra. De acordo com Fernandes (2006, p. 3), "a literatura é afirmada como espaço vazio onde as obras literárias se alojam, e esse espaço vazio que as acolhe constitui a literatura" ao ser considerada uma construção moderna é corolário de saberes, capaz de falar sobre a linguagem. Pensar na literatura enquanto espaço vazio é compreender o 'ser da literatura' como uma construção resultada de determinados saberes, um espaço em que é possível produzir diferentes efeito(s) de sentido e discursos que também podem falar dela mesma. A loucura enquanto fenômeno ou discurso irrompe a brancura do papel, na medida que é a representação da transgressão de uma norma, isto é, da racionalidade, pois ao romper com a razão, o sujeito-mulher dos contos rosianos *A menina de lá* ou em *Sorôco, sua mãe, sua filha* são caracterizadas como loucas e diante disso, a solução é a morte ou o envio ao hospício, respectivamente. A literatura é uma linguagem de transgressão, reduplicação ao infinito em

um espaço vazio e exterior à obra e a si mesmo, possibilitando a emergência e dispersão de discursos e enunciados outros que produzem efeitos de sentido, vontades de verdade, que legitima, mas também é capaz de dessacralizar um já dito ou identidades previamente estabelecidas.

1.3 MUROS QUE SEGREGAM: A TERCEIRA ORDEM DA REPRESSÃO E O APARELHO JURÍDICO NA CATALOGAÇÃO DO CORPO LOUCO

A história da loucura verifica-se também em outra grande "ruptura". Dialogando com Machado (2000), a criação do Hospital Geral dá significado a sua fundação antes mesmo da reforma psiquiátrica de Pinel e Esquirol no séc. XVIII. O Hospital Geral foi construído em Paris depois de um decreto assinado por Luís XIV, que chancelava a sua construção. O internamento dos loucos ou considerados loucos é o projeto visivelmente mais assustador do período clássico, pois ele denotará o espetáculo da loucura sob diversas formas e as técnicas e práticas de tortura dos loucos. Um espaço de curáveis e irremediáveis. Em um primeiro momento, o hospital geral destina-se aos pobres de Paris, independente do sexo, da idade ou das condições sociais. As ordens são para abrigá-los, realocá-los, proporcionar o alimento tanto daqueles que "merecem" ou não o "tratamento", ou seja, àqueles que enviados aos depósitos pelo rei ou pela "jurisdição", uma vez que ainda não existia, politicamente falando, um sistema judiciário.

Foucault descreve o hospital como uma unidade cujos fins não se pautam somente em uma "recuperação" médica, pois é essa mesma unidade cuja função perpassa as ordens da lei, do julgamento e da execução de sujeitos que a sociedade desejava colocar às margens, mantê-los distantes ao limpá-los para o hospital geral sob um édito monárquico e uma burguesia dominante, "soberania quase absoluta, jurisdição sem apelações, direito da execução contra o qual nada pode prevalecer – o Hospital Geral é um estranho poder que o rei estabelece entre a polícia e a justiça, nos limites da lei: *é a terceira ordem da repressão*" (FOUCAULT, 2019, p. 50, grifo nosso). Ainda dialogando com Foucault (2019), após a sansão do Hospital Geral, o rei decreta em junho de 1676 que se deveria construir um hospital em cada cidade do reino e então os números se multiplicam por toda a França, principalmente vésperas da Revolução Francesa e ressalta que a igreja toma parte nesse escândalo, na medida que reforma suas casas "de caridade" para recebimento dos considerados loucos. Na Inglaterra, foram chamadas de *house of correction* ou *workhouses*. Muitos leprosários também foram utilizados como casas de internamento. Diante de um caráter muito mais moral e político que o seu objetivo inicial,

essas práticas de reclusão originam-se do período clássico e se modificam em seu contexto histórico-social. Essas casas de internamento mais tarde vieram a ser os hospícios, subsidiados pelo governo e também pela igreja, cabendo ao juiz, o poder de decidir e julgar, conforme os dizeres de Foucault "os grandes hospícios, as casas de internamento, obras de religião e de ordem pública, de auxílio e punição, caridade e previdência governamental são um fato da era clássica: tão universais quanto ela e quase contemporâneos de seu nascimento" (FOUCAULT, 2019, p. 53).

Ao dispor do conto rosiano *Sorôco, sua mãe, sua filha*, observa-se que esse poder e a repressão que incide sobre as mulheres consideradas loucas, advém dos curiosos que acompanhara o cortejo até a estação, onde os sujeitos-personagens da mãe e filha tomariam o carro com destino ao manicômio. A população que acompanhara a insana procissão até a estação é responsável por chancelar o destino da mãe e da filha de Sorôco. Embora a tristeza do homem fosse aparente, é sobre elas que recai o aprisionamento e a reclusão, uma sentença gratuita às mulheres sem chances de qualquer reação e somente a elas? Além de ser um narrador onisciente, se orienta à marcações muito embora marcado pela substituição do uso corriqueiro dos enunciados "**nós**" por "**a gente**" que pode ser visualizado nas *SE 07* e *08*, ao ser conjugado em primeira pessoa, informalmente, cabe ao povo o julgamento. O poder que essa instância detém, certifica-se do gesto de envio ao internamento, pois a população, marcada na *SE 09*, não apenas se incumbe de "**falar com sensatez**", ao ocupar uma posição-sujeito na/da razão, mas observa e valida o envio de forma rápida e oferece, na contramão do "**expresso do rio**", compaixão ao viúvo Sorôco, conforme podemos visualizar em algumas das sequências enunciativas selecionadas,

> *SE 06* Aquele carro parara na linha de resguardo, desde a véspera, tinha vindo com o **expresso do Rio**, e estava lá, no desvio de dentro, na esplanada da estação (ROSA, 2005, p. 61).
>
> *SE 07* Não era um vagão comum de passageiros, de primeira, só que mais vistoso, todo novo. **A gente** reparando, notava as diferenças (ROSA, 2005, p. 61, grifo nosso).
>
> *SE 08* **A gente** sabia que, com pouco, ele ia rodar de volta, atrelado ao expresso daí de baixo, fazendo parte da composição (ROSA, 2005, p. 61, grifo nosso).
>
> *SE 09* As muitas pessoas já estavam de ajuntamento, em beira do carro, para esperar. **As pessoas não queriam poder ficar se entristecendo**, conversavam, **cada um porfiando no falar com sensatez**, como sabendo mais do que os outros a prática do acontecer das coisas (ROSA, 2005, p. 61).

> *SE 10* De antes, Sorôco agüentara de repassar tantas **desgraças**, de morar com as duas, pelejava. Daí, com os anos, elas pioraram, ele não dava mais conta, teve de chamar ajuda, que foi preciso (ROSA, 2005, p. 63, grifo nosso).

Na *SE 09*, a sensibilidade da loucura que se inscreve no sujeito-mulher é porfiada a um significado de desqualificação e menosprezo das mulheres e suas aptidões, pois "as pessoas não queriam poder ficar se entristecendo" com as atitudes e comportamentos anormais que elas desempenham no caminho para a estação. A resposta do povo incide sobre o homem, reconhece a verdade do "gesto que aprisiona" e se refere a Sorôco com compaixão, pois convivera tempo demais com as mulheres que são delineadas na *SE 10*, sob o enunciado "**desgraça**", que expressa um sujeito infeliz ou miserável, bem como caracteriza o inábil e o infame. Mais do que um local de tratamento, o internamento representara para Sorôco, um alívio. O sanatório, descrito em *Sorôco sua mãe, sua filha* foi antes conhecido como casas de detenção. Segundo Foucault (2019), em poucos anos essas casas de detenção se multiplicam por toda Europa e ao final do século XVIII, verifica-se que as faces agora eram outras: condenados pela justiça, vagabundos, jovens transgressores, insanos, miseráveis, pobres, figuras variadas.

As casas de internamento fazem surgir a necessidade de uma sensibilidade da loucura diferente, conforme Foucault (2019, 2014a), uma sensibilidade articulada, socio culturalmente construída pelo homem clássico que sobrepõe princípios de interdição e exclusão do louco, "cujo discurso não pode circular como o dos outros" (FOUCAULT, 2014a, p. 10), pois não sendo fundamentada na razão, a sua verdade não possuira importância. É devassa, nula e nunca acolhida. A vontade de verdade do louco é situada nas objetivações arbitrárias do *verdadeiro x falso* que o exclui porque a loucura é o erro, o engano, a imprecisão, a falha e também a mentira na qual "é necessário o silêncio da razão para curar os monstros e basta que o silêncio esteja alerta, e eis que a separação permanece" (FOUCAULT, 2014a, p. 13). Essa sensibilidade se organiza sob novas maneiras de reação às condições econômicas, sociais e também morais. Se na Idade Média tinha-se os leprosários, no período clássico têm-se os hospitais e é devido às condutas anteriores essencialmente, que originarão novas praxes de tratamento dos considerados loucos ou loucos de fato, pois

> ele organiza, numa unidade complexa, uma nova sensibilidade à miséria e aos deveres da assistência, novas formas de reação diante dos problemas econômico do desemprego e da ociosidade, uma nova ética do trabalho e também o sonho de uma cidade onde a obrigação moral se uniria à lei civil, sob as formas autoritárias da coação (FOUCAULT, 2019, p. 55).

Pensando com Foucault, o internamento se faz valer sobre os corpos miseráveis – o homem que não respondia por si. Na igreja de Lutero e João Calvino, a vontade divina se orienta ao pobre miserável como uma espécie de "castigo", a pobreza é sinônimo de expiação e penitência, "no mundo, pobreza e riqueza cantam o mesmo poder absoluto de Deus; mas o pobre só pode invocar o descontentamento do Senhor, pois sua existência traz o sinal de sua maldição" (FOUCAULT, 2019, p. 56). Independente da distância temporal entre as discussões foucaultianas supracitadas e o nosso material de análise, podemos perceber que o enunciado "pobreza" é reatualizado no conto das mulheres de Sorôco. De fato, para o *pobre os lugares são mais longe*[10] e é esse o lugar onde os sujeitos-personagens da mãe e da filha são situados, não importando onde, desde que estejam distantes da convivência em sociedade. Embora, o distante destino o qual as miseráveis loucas de Sorôco seriam levadas, tão somente se valem sob as suas características insanas, como é por meio desse ritual de excomunhão que se afasta também os iminentes sinais de marcação corporal do enunciado pobreza, ao serem descritas e caracterizadas em constante confusão e desarranjo. A vestimenta logo se torna um enunciado pelo qual podemos falar sobre essa questão, delimitada no campo da linguagem, com o uso de substantivos para caracterizar os trajes: "**roupas**", "**tiras**", "**faixas**" que estabelece uma relação das mulheres com a pobreza e desorganização, conforme podemos observar abaixo:

> *SE 11* A moça punha os olhos no alto, que nem os santos e os espantados, vinha enfeitada de disparates, num aspecto de admiração. Assim com panos e papéis, de diversas cores, uma carapuça em cima dos espalhados cabelos, e enfunada em tantas roupas ainda de mais misturas, **tiras** e **faixas**, **dependuradas** - **virundangas**: **matéria de maluco** (ROSA, 2005, p. 62, grifo nosso).

Na *SE 11,* a pobreza é um discurso que configura a "morte" das mulheres, isto é, se oferece ao encerramento das mulheres loucas ao manicômio, pois além de "loucas", esse discurso, ainda que *não-visível e não-oculto* (FOUCAULT, 2020), intensifica o movimento de envio ao sanatório a partir, também do corpo e de suas caracterizações visíveis que também são discursivas, pois esse sujeito é pormenorizado a partir do olhar de terceiros, conforme observamos na sequência enunciativa acima. A marcação desse discurso se dá de forma indireta e ganha expressão na narrativa ao ser materializado no corpo enquanto suporte para a inscrição de enunciados que exprimem e caracterizam as vestimentas das mulheres como "**virundangas**", ainda que esse enunciado possa ser o resultado de um neologismo advindo da

[10] Referência ao conto *Sorôco, sua mãe sua filha* (ROSA, 2005, p. 62).

função-autor como criadora, o o termo "**burundanga**"[11] cujo significado se orienta àquilo que não possui valor e também denota como sinônimo de confusão ou trapalhadas, o seu posicionamento em níveis sintagmáticos restringe os enunciados que caracterizam as vestimentas do sujeito-mulher.

De volta ao pensamento de M. Foucault, a reforma protestante provocou uma "laicização das obras", de caridade e de pobreza, a miséria não está mais sob o olhar da inferioridade ou do rebaixamento, desloca-se o sentido de penitência religiosa para um aspecto moral que julga e condena. A igreja católica também adere às práticas e se subdivide os pobres em dois graus: *pobreza do bem* – da pobreza cativa, que concorda com o tratamento e *do mal* – da recusa desobediente e por isso merece ser internado. É essa relação que dá sentido ao internamento e inscreve o sujeito em uma moral e uma ética anterior, "todo interno é colocado no campo dessa valoração ética – e muito antes de ser objeto de conhecimento ou piedade, ele é tratado como sujeito moral" (FOUCAULT, 2019, p. 61). A loucura do século XVII já desmistificada, encontrará lugar e será reconhecida na esfera da moral e logo, em oposição à razão, terreno no qual muitas vezes se localiza a verdade. De acordo com Foucault (1989), o devir da história edificou uma verdade imutável porfiando dada origem à moral, ao buscar uma identidade primeira e unificada, considerando um "acidente" o que pudera ter acontecido no histórico das coisas. A genealogia não se pauta em uma continuidade acidentalmente ocorrida, mas na demarcação desses desvios, ao propiciar questionamentos da constituição humana enquanto sujeito e "descobrir que na raiz daquilo que nós conhecemos e daquilo que nós somos – não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente" (FOUCAULT, 1989, p. 15), colocando a moral de lado, posto que ela não mais interessa.

O hospital geral enquanto *a terceira ordem da repressão*, situado entre a polícia nos níveis das leis que fiscalizam e garantem a ordem e o trabalho dos "curáveis e incuráveis" e a justiça – que se incube de julgá-los e sentenciá-los, ainda estará muito distante da psicologia de Pinel e Esquirol, da metade do séc. XVIII, pois as razões que predispuseram o internamento extrapolam seu sentido médico. Em uma época de crises francesa era preciso recolher os mendigos, pôr fim ao desemprego e a tudo que perturbava a ordem e o funcionamento de uma sociedade burguesa e da monarquia, esses sujeitos foram caçados como animais. Os maiores centros de internamento de Paris começam a lotar-se de mulheres, homens, crianças, gestantes e meninos (as). O hospital de Salpêtrière recebia uma quantidade significativa de mulheres, já Bicêtre era destino dos homens. Firmara-se um pacto entre a

[11]Significado expresso do termo *burundanga* pode ser visualizado no sítio Dicionário Informal. Disponível em: https://www.dicionarioinformal.com.br/burundanga/. Acesso em: 16 de jan. de 2022.

sociedade e os ociosos. Eles teriam comida e, em troca, deveriam aceitar serem "tratados", em outras palavras, obedecer às práticas morais e físicas do internamento em um processo tanto docilizador como disciplinarizador, conforme elucida o filósofo,

> Sapétrière abriga 1.460 mulheres e crianças; na Misericórdia, há 98 meninos, 897 moças entre sete e dezessete anos e 95 mulheres; em Bicêtre, 1.615 homens adultos; na Savonnerie, 305 meninos entre oito e treze anos; e, finalmente, em Scipion foram colocadas as mulheres grávidas, as amas e as crianças de pouca idade, totalizando 530 pessoas (FOUCAULT, 2019, p. 65).

Durante muito tempo, os hospitais abrigarão "mendigos", "sem-teto", "desempregados" e "vagabundos" e todas as vezes em que Paris se via à sombra de uma crise econômica, essas casas começavam a serem preenchidas novamente. Diante disso, foi necessário aderir uma nova sensibilidade para o internamento – o trabalho. Não só porque buscava-se uma utilidade ao ocupar esses corpos com o emprego, mas em tempos de crise, havia sido disponibilizada, uma mão de obra fácil e a troco de barganha, sob a ordem de dominar, controlar, fazer obedecer e tornar esses corpos úteis economicamente, "ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil" (FOUCAULT, 2014b, p. 134). Em consonância com Foucault, essa sensibilidade na renascença estava relacionada às figuras de delírios do homem e é no período clássico que faz surgir uma loucura pautada no limiar de uma ética religiosamente burguesa e na urgência do trabalho. Se na Idade Média tinha-se os leprosários, no período clássico tem-se os hospitais, é devido às condições anteriores de possiblidade, essencialmente, que se originarão novas técnicas de tratamento dos loucos e novas significações da loucura.

No século XVIII, houve-se uma necessidade de "catalogação" dos loucos, a partir do gesto da alienação e da segregação com o qual Foucault (2019) estava preocupado em compreender como se davam esses processos, quais eram os procedimentos e técnicas utilizadas, como eram sistematizados, de onde vinha esse público tão heterogêneo, visto que a grande internação começa a agrupar os considerados loucos sob suas semelhanças, sujeitos cuja a razão do internamento não era suficiente para se explicar. As mulheres eram "agrupadas" de acordo com critérios de idade, intelecto, condições de saúde, condenadas por cartas régias, etc. O quadriculamento do espaço é uma preocupação e uma das características das disciplinas. A delimitação do lugar não se destina apenas à visibilidade dos loucos, mas o monitoramento e o controle da ordem.

Dialogando com Foucault (2019, p. 82), haviam mulheres, "ordinárias", "mulheres caducas", "velhas senis ou enfermas", "epilépticas", "inocentes mal formadas e disformes",

“espírito fraco”, “moças incorrigíveis”, “prostituta” “portadoras de doenças venéreas” e aquelas que momentaneamente manifestavam uma “loucura violenta”. O internamento representava um regime de penitência em que essas loucas deveriam quitar por ultrapassar a norma, na maioria das vezes, religiosa. Em um primeiro momento, por serem taxados loucas e encarceradas e, posteriormente, no internamento sob técnicas de castigo, açoitamentos e chicoteadas em que só através dessa “expiação” do mal é que talvez poderiam ser soltas. Os “remédios” não eram somente físicos, pois a punição recaia sobre o corpo, em uma tentativa de encontrar no corpo uma “cura” para a loucura, mas também eram remédios de valores morais e éticos. Loucura e pecado estariam em um mesmo nível de heresia, conforme aponta Foucault (2019, p. 87), “ao inventar, na geometria imaginária de sua moral, o espaço do internamento, a época clássica acabava de encontrar ao mesmo tempo uma pátria e um lugar de redenção comuns aos pecados contra a carne e às faltas contra a razão”.

Nesse sentido, é também nesse período que a homossexualidade, a sodomia e tudo aquilo que diz respeito à sexualidade são colocadas como subjetividades que fazem parte dos desatinos do homem moderno, fixando-as no mesmo nível que a loucura, na medida que cabia à família, a sentença (ou não) da internação na “ordem do desatino”. Em outras palavras e ainda dialogando com Foucault, condenava-se os sujeitos que não agiam de acordo com os modelos burgueses. Os desviantes de uma norma elitizada que utilizou e utiliza do poder para coibir qualquer ameaça à soberania e sustentavam o (in)tenso recorte das identidades loucas,

> Esse poder de repressão, que não pertence inteiramente ao domínio da justiça nem exatamente ao da religião, esse poder arrancado diretamente à autoridade real não representa, no fundo, a arbitrariedade do despotismo, mas sim o caráter doravante rigoroso das exigências familiares (FOUCAULT, 2019, P. 92).

Em conformidade com Foucault, à medida que se condenava ao internamento, os doentes venéreos, os homossexuais, os sodomitas, a época clássica fazia também uma conversão no olhar para a loucura frente à sexualidade, uma revolução moral ao identificar o que lhes eram comuns, agrupava-se aquilo que tinham de semelhante de acordo com as suas experiências insanas. No mesmo hall, os profanadores e blasfemadores, os fracassados suicidas, aqueles que praticavam ritos de magia se tornam casos de loucura, os hereges desordeiros, os que possuíam dada “perturbação do espírito” ou “ausência de piedade do coração”. É essa técnica de coibição e/ou repressão forjada no nível da moral que irá demarcar as fronteiras do que mais tarde, denominar-se-ia *psiquiatria*. Todas essas variações da loucura serão situadas no limbo da moral, “a transformação dos interditos em neuroses

passa por uma etapa em que a interiorização se faz sob as espécies de uma citação moral: condenação ética do erro" (FOUCAULT, 2019, p. 98).

Doravante, o internamento representara também uma tentativa de reconduzir os loucos a uma verdade à sombra da moral, fazendo-se necessário entender que, por outro lado, a experiência do erro ou do "desajuste" perpassa, agora, o nível da ética. No começo do século XVII, a libertinagem que antes era vista como um desatino ou agitação nas fronteiras limites do internamento, fará surgir um "novo" significado, subserviente à razão dos desejos do coração. O espaço que esses sujeitos ocuparam não foi o da "pobreza" muito menos o da "doença", mas de uma sensibilidade que a época clássica se pautou ao agrupar todos os elementos que representavam uma espécie de desvio na sociedade, como "doentes venéreos, devassos, dissipadores, homossexuais, blasfemadores, alquimistas, libertinos, etc.", Foucault (2019, p. 102-103) partilharão de uma mesma esfera. A partir da demarcação dos limites da moral na *Histoire de la Folie*, novas técnicas de punição, de reclusão e possível (ou não) atenuação das penas orientadas sob o princípio da percepção surgem no contexto.

Essa sensibilidade que a Idade Média produz da loucura se constituiu em uma conflituosa esfera que passa a julgar os desatinos do coração no nível da racionalidade humana e perante às normas, regras, regimes de punições que se faziam reais dentro da sociedade da época. Deduz-se a loucura e identifica-se que ela estará por todos os cantos, em todos os lugares, dos familiares aos mais distintos, possibilitando o ato de excomungá-la por meio de uma ordem terceira da repressão, o grande internamento. Por outro lado, percebe-se o louco, com o intuito de denunciá-lo, culpá-lo em seu próprio terreno, "é nessa sociedade, que um dia deveria designar esses loucos como "alienados", que inicialmente o desatino se alienou: é nela que a insanidade se exilou e ficou em silêncio" (FOUCAULT, 2019, p. 105), chancelando o desatino como um objeto do conhecimento positivo que só foi possível, não só devido às velhas práticas ético-religiosas e morais da Idade Média como também designou uma correção da ética no mundo.

Na época clássica, os parâmetros para se considerar alguém como louco não se fazera valer sob características de doença mental, mas fora qualificado diante de qualquer doença. É essa experiência clássica da loucura que funcionará como pano de fundo para a libertação dos loucos de Pinel, Tuke, Esquirol, dentre outros. O sentido positivista que a loucura assume, não permite que se possa separar alienados, criminosos ou loucos de fato, visto que esse sentido também molda o olhar da humanidade com o louco, na medida em que se vê impossibilitado de separar doentes, loucos, criminosos ou vítimas, pois todos eram inseridos

em um mesmo grupo, mesmo que não fosse da doença e sim do delito, conforme aponta Foucault,

> A loucura, no devir de sua realidade histórica, torna possível, em dado momento, um conhecimento da alienação num estilo de positividade que a delimita como doença mental; mas não é esse conhecimento que forma a verdade desta história, animando-a secretamente desde sua origem (FOUCAULT 2019, p 121),

O "furioso" que versa sobre todos os tipos de violência, os "fantásticos frenéticos" eram colocados em repartições fechadas. Nas poucas salas dos hospitais, muitos loucos eram agrupados em salas pequenas. As mulheres eram colocadas em salas comuns, loucas agitadas, impacientes ocupam lugares que sequer ofereciam alguma condição de dignidade ou existência. Os internos das maiores instituições de internamento, Hôtel-Dieu, Bicêtre, Salpêtrière na França e Bethleem, na Inglaterra, receberam tratamentos diferentes: eram purgadas com remédios cujas doses se faziam coletivas, presos em correntes de ferro, outros deveriam "sangrar" para que então os expurgassem, os loucos de fato não recebiam tratamento nenhum.

O internamento foi o pontapé inicial para a patologização da loucura, mas antes disso, ele reproduziu uma naturalização dos alienados com todos os outros internos "correcionais" sob velhas práticas que tinham como finalidade, os anseios da burguesia. Praxes não somente médicas, mas sobretudo, jurídicas. De um lado, uma medicina que não havia sido formulada. De outro, a história que encontrara as suas razões no âmbito social, bastando-lhes uma verdade para deslocar do internamento à hospitalização cujos objetivos pautara no reconhecimento da loucura como doença mental. O que acontece somente no séc. XVIII. O médico possui um papel importante nesse período, na medida em que estava incumbido a ele, o poder de sentenciar e distinguir os alienados dos criminosos, a separação dos parvos e daqueles que apresentavam alguma alienação subsequente. Devemos ressaltar, novamente, que não se tratara de um julgamento sob o viés médico, mas estaria orientado à "correção" de sujeitos que transgrediam as normas da burguesia e/ou da monarquia. Os familiares que desejariam colocar os considerados loucos no internamento, precisariam, primeiro, solicitar o juiz (o rei) para que ele conferisse um veredito, isto é, "autorizasse" o envio dos loucos ao hospital.

Essa consciência jurídica que a loucura obtém já havia sido posta na Idade Média e na Renascença perante às leis do direito canônico e romano, mas é o movimento de submeter a loucura ao regimento das regras que fará surgir o seu caráter de doença mental. É sob esse

cenário que a loucura se constituirá como ciência médica, no jogo das noções as quais Foucault (2019, p. 132) chama de "sujeito de direito" e "homem social", a loucura como patologia "se constituirá lentamente como a unidade mítica do sujeito juridicamente incapaz e do homem reconhecido como perturbador do grupo", à sombra da teoria filosófica Iluminista do século XVII e a herança de uma medicina positivista do séc. XIX, permitirá inscrever e relacionar a loucura, isto é, situar a alienação no páreo supramencionado, utilizando do poder que a *lei* se fará valer para punir o transgressor e reconhecer o homem impossibilitado por possuir alguma alienação. Foucault (1984) reitera em seu texto *O que são as luzes?*, o processo da *Aufkärung* político-social kantiano, isto é, a delimitação do conhecimento científico, logo, da razão ou o que o autor chama de liberdade de consciência que ocorre na virada do séc. XVI para o XVII, "o direito de pensar como se queira, desde que se obedeça como é preciso" (FOUCAULT, 1984, p. 339). O discurso da loucura na narrativa de *Sorôco, sua mãe, sua filha*, emerge na tênue linha entre a condição de capacidade do pensamento e a irracionalidade. O agenciamento do sujeito em relações de força e saberes, potencializam o comportamento do sujeito-mulher dentro de uma norma, mas o localiza às margens porque "**transtornadas**", reconhecendo-o enquanto sujeito apenas no âmbito normalizado do internamento.

Nesse sentido, torna-se possível visualizar o nascimento da psiquiatria e de novas práticas que, pela primeira vez, reconhecem o louco como um "ser humano". Pinel, Esquirol, Tuke, entre outros, considerados precursores da psiquiatria, reformularam uma medicina filantrópica, a partir da separação dicotômica do homem, cuja experiência já havia sido situada no século XVIII, conforme vimos em Foucault (2019). O que acontece nada mais é que um retorno a essa consciência, uma vez que essa nova medicina se pautará no discurso binário, marcado pelas objetivações *inofensivo* e *perigoso*, os considerados loucos e por isso inofensivos em relação aos perigosos delinquentes sociais.

Sob essa ótica, interdita-se o "sujeito de direito" no que tange à *lei* e reconhece o alienado social como doente e diante disso, a loucura como irrupção da ordem. Essa subordinação da loucura ao poder da *lei* já acontecia no grande internamento, uma vez que o seu aparecimento foi justificado como um lugar de regeneração, embora a entrada no internamento e os critérios classificatórios dos corpos e das práticas perpassavam um domínio exclusivo de poder, situando o discurso da loucura na ordem da jurisdição. É a partir do positivismo clássico que se marca a loucura na dicotomia entre medicina e a lei, daqueles que poderiam representar uma ameaça devido à alienação ou transgressão e àqueles inofensivos

que seriam submetidos ao tratamento médico, forjada no e devido ao poder que se quisera regulamentar sobre os corpos,

> o louco não é reconhecido como tal pelo fato de a doença tê-lo afastado para as margens do normal, mas sim porque nossa cultura situou-o no ponto de encontro entre o decreto social do internamento e o conhecimento jurídico que discerne a capacidade dos sujeitos de direito (FOUCAULT, 2019, p. 133).

A consciência médica da loucura ainda não é soberana, não impera frente às necessidades reais do internamento, visto que ela carrega resquícios, técnicas e práticas de correção violentas no que se refere à hospitalização, situadas no viés também jurídico. Com efeito, é esse o papel da justiça, interditar, sentenciar e punir fazendo recair uma ação de poder de outrem sobre os corpos. Michel Foucault (1999) diz que o poder impõe questionamentos, é por ele que se marca, ordena, controla e obriga o sujeito a dizer ou a produzir a verdade e nesse movimento, produzir também riquezas. Em contrapartida, submete o sujeito à verdade da norma, aos discursos que se acreditam ser 'verdadeiros', que estimula e produz ela mesma, os seus efeitos de poder, catalogando, marcando e possibilitando os corpos serem "julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou a uma certa maneira de morrer, em função de discursos verdadeiros, que trazem consigo efeitos específicos de poder" (FOUCAULT, 1999, p. 29).

Em diálogo com essas questões e relacionando-as ao nosso material de análise, podemos dizer que é pelo poder que se articula a norma e agencia o sujeito-mulher no e pelo discurso da loucura no conto de Guimarães Rosa. O corpo louco e feminino não passou despercebido pelo discurso da loucura, ele foi alvo de um investimento de poder que tão somente fez calar como puniu a mulher, ecoou um exercício de poder que produziu vontades de verdade sobre a *categoria mulher*. O poder enquanto instrumento e discurso ditou ao sujeito-mulher rosiano como deve se comportar, a sua vestimenta, os seus trejeitos, as suas características, os seus deveres, etc. Esse sujeito, marcado pela mãe e filha de Sorôco ou de Nhinhinha, de *mulheres*, que, é agenciado por um exercício de poder que não apenas controla, mas dita identidades forjadas na loucura. O poder que recai sobre o corpo do sujeito-mulher em *Primeiras Estórias* (2005) é o disciplinar, uma vez que além do controle, o corpo é escamoteado.

Voltando aos postulados de Foucault (1999, p. 42), o filósofo diz que, é somente no final do século XVII e início do séc. XVIII, que surgirá uma nova analítica de poder, o que ele chamará também de uma "nova economia", cujas engrenagens, mecanismos e aparelhagens se

destoarão do poder soberano, pois objetivará a ampliação da produção de forças, “que se deve ao mesmo tempo fazer que cresçam as forças sujeitadas e a força eficácia daquilo que as sujeita”. Embora é sempre do corpo que se quer tratar, da sua utilidade e docilidade, de sua submissão e repartição justaposto nas e pelas relações de saber que o investe, suplicia-o, subjuga-o ao trabalho, fazendo do corpo força útil e produtiva e, simultaneamente dócil porque submisso.

O poder disciplinar recairá sobre o corpo propriamente dito, perigosamente heterogêneo, possibilitará a democratização do poder soberano, a partir da focalização do coletivo, não se separando radicalmente da soberania, pois também se exercerá como um exercício de poder dominador do corpo social. As disciplinas serão denominadas esses conjuntos de procedimentos que se encerram no corpo que se quer quadricular, esquadrinhar, ordenar, manipular e controlar, nos dizeres de Foucault, elas

> eram também as técnicas pelas quais se incumbiam desses corpos, tentavam aumentar-lhes a força útil através do exercício, do treinamento, etc. Eram igualmente técnicas de racionalização e de economia estrita de um poder que devia se exercer, da maneira menos onerosa possível, mediante todo um sistema de vigilância, de hierarquias, de inspeções, de escriturações, de relatórios: toda essa tecnologia, que podemos chamar de tecnologia disciplinar do trabalho (FOUCAULT, 1999, p. 288).

Desse modo, a disciplina será seu próprio objeto, se servirá de si mesma, terá seu próprio discurso, produzirá saberes e sujeitos, pois como instrumento e exercício de poder se materializa em coerções, castigos e punições. Somente na metade do séc. XVIII que uma outra tecnologia de poder surge deixando de pesar nos corpos estritamente e recaindo sobre o homem ainda vivo. As técnicas disciplinares poderão ser inventadas e (re)criadas na ordem da regra, não mais na da soberania e sequer na da lei, mas farão funcionar ao corpo que se quer regulamentar, um sistema de vigilância do poder sobre a vida, incidindo no corpo individual e coletivo. A norma é uma tecnologia privilegiada e colonizadora, pois ela territorializará os sistemas da lei, como aponta Foucault (2014b, p. 175), pois “quadricula um espaço deixado vazio pelas leis; qualifica e reprime um conjunto de comportamentos que escapava aos grandes sistemas de castigo por sua relativa indiferença”.

Assim sendo, é por meio da representação da norma que se estabelecerá um mecanismo de coerção subsidiado pelos saberes da medicina/loucura/*lei* que alguns séculos anteriores homogeneizava os internos e as suas punições, categorizava, aproximadamente, os tipos de mulheres-loucas. Tal discussão pode ser vista em Guimarães Rosa, ainda que séculos as separem, pois essas práticas ecoam em *Primeiras Estórias* (2005). É pela norma que se

classifica, hierarquiza, distribui lugares e os marca, os institui, como por exemplo, a dicotomia do feminino e do masculino. A identidade masculina forjada no discurso másculo ou na robustez de Sorôco em *Sorôco, sua mãe, sua filha*, seja no discurso da razão que o pai de família em *A terceira margem do rio* é constituído, ainda que manifeste atitudes de loucura ou na possibilidade de retorno à consciência do homem de *Darandina*, que se instala em uma palmeira, mas desiste da atitude no desfecho do conto. Se tratando do feminino, em *A menina de lá*, lança-se mão de identidades pré-dispostas para a menina Nhinhinha que, enquanto criança, deveria brincar de bonecas, se movimentar, correr ou afins ou das mulheres em Sorôco que não se poderiam se situar no âmbito da racionalidade, sendo caracterizadas em total desarranjo.

O discurso da loucura foi articulado pela norma ao se fixar no páreo da razão. De acordo com Foucault (2019), o louco foi constituído nesse cenário oscilante, como o oráculo das vontades finais da loucura, anunciando as derradeiras verdades, instintos, desejos e perversidades do homem. Se existe loucura, foi porque, em algum momento, ela foi lançada à racionalidade da vida humana ao fixar normas segundo à razão. Mas não qualquer norma. O enunciado da loucura foi aderido pela ordem burguesa com fins de ser utilizado pela classe dominante dos últimos séculos em favor de seus próprios desejos, necessidades e, principalmente, interesses econômicos. Forjou-se no horizonte de uma enganadora liberdade, revestida e encoberta por um discurso “médico-psiquiátrico” que segregou e solapou diferentes sujeitos. A linguagem da loucura foi e ainda continua sendo a do silêncio, a do vazio, na medida que os sujeitos (velhas caducas, prostitutas, delinquentes, alienados, desatinados, incorrigíveis) mulheres e homens submetidos a uma ostensiva, mascarada e cruel repressão e utilização de forças que, consequentemente ditara técnicas e regras específicas para os sujeito-mulheres e recortara inúmeras outras para os sujeito-homens. A insanidade foi utilizada como subterfúgio para destituir identidades, corpos, direitos e singulares histórias. Mas também equalizou outras, em uma tentativa de alinhar os desviantes sociais ao ideal progressista, liberal e econômico burguês. Investira-se no corpo, apontando os seus terrenos de (co)existência, delineando novos mecanismos, técnicas e aparelhagens que, buscaram extrair, no limbo da consciência humana, o lucro recluso do homem.

A burguesia, como mostra M. Foucault (1999), nunca esteve interessada na loucura, nos loucos ou nas punições que lhes eram impostas, mas sim no que se podia apoderar e utilizar político e juridicamente desses corpos. É sobre o corpo que queremos tratar no próximo capítulo, no qual tentaremos percorrer os domínios cultural, social e histórico em um empreendimento de descrever e explicar como e por meio de quais procedimentos, discursos,

relações de poder-saber e padrões que investiram no corpo da mulher e o centralizou como foco e alvo de uma sexualidade. É esse movimento o ponto de partida para a depreciação desse sujeito, categorizando-a dentro dos limites da norma, produzindo a figura da mulher-nervosa, exaltada e louca. Também nos ocuparemos da velha e atual pergunta que o filósofo o faz durante o seu percurso como pesquisador, “quem somos nós hoje?” (FOUCAULT, 1995) e mais do que isso, como podemos recusar o que somos nesses terrenos de embates, a partir da construção de outros gêneros que não se veem e consequentemente, não se encaixam na dicotomia normativa heterossexual.

2. DA “BRUXA” À MULHER: CONSTRUINDO IDENTIDADES E DIFERENÇAS ENTRE GÊNEROS

O corpo, no devir da história, tem sido alvo e inscrição de discursos que o atravessam numa (in)tensa malha de poder e se estrutura na/pela linguagem. O objetivo deste nosso segundo capítulo é problematizar como o sujeito-mulher foi – e é – alvo desse jogo de relações de força ao ser esquadrinhado e modelado em identidades de loucura nos contos de *Primeiras Estórias* (2005). Além disso, delinearemos, a partir de que maneira os saberes classificam as objetivações do sexo ao produzir identidades de gêneros restritas no viés binário-hegemônico do feminino e masculino. Por conseguinte, salientaremos algumas diferenças sociais e políticas na relação entre mulheres e homens. Ao final, tentaremos estabelecer a relação com o nosso *corpus de análise*, fazendo asserção com as identidades de gênero na trama narrativa roseana.

2.1 CORPO, PODER E SUJEITO-MULHER

Para compreender como o corpo é delineado por discursos e enunciados através de um exercício de poder, é necessário que entendamos, por primeiro, um dos métodos de Michel Foucault, a saber, a arqueologia. De acordo com Foucault (2020, p. 249), é método de *performance* verbal que especificam os níveis do “enunciado e do arquivo; determinação e esclarecimento de um domínio: as regularidades enunciativas, as positividades; emprego de conceitos como os de regra de formação, derivação arqueológica, a *priori* histórico”, a arqueologia é o escamotear do discurso da loucura, das práticas que versam sobre o louco, das técnicas e métodos desenvolvidos que cristalizaram o discurso pré-acabado, produzindo e marcando sujeitos e que ecoa no sujeito-mulher rosiano. Já a genealogia, noção advinda de Nietzsche, de seu texto *Genealogia da Moral* e que fundamenta os estudos foucaultianos. A genealogia quer tratar do jogo de relações, de discursos, métodos, técnicas, vontades e efeitos de verdade que atravessa e configura o indivíduo em sujeito, ao convocá-lo a ocupar determinada posição-sujeito num feixe de possibilidades. Optamos pelo uso da arqueogenealogia, termo comumente usado para designar o uso conjunto dos métodos foucaultianos – a arqueologia e genealogia, uma vez que encontramos nesses métodos fundamentação para este estudo.

A arqueogenealogia funciona na contramão de uma “história contínua”, isto é, na descontinuidade e dispersão dos acontecimentos, nas regularidades discursivas e não-

discursivas. Não pode se orientar a uma origem, uma vez que implica o enunciado à restituição de acontecimento nas relações de saber-poder, práticas divisórias e/ou no jogo de identidades que atravessa e constitui o sujeito sócio historicamente e por isso não ganha materialidade repentinamente (DREYFUS; RABINOW, 1995; FOUCAULT, 1995).

A nossa pesquisa encontra na genealogia, ferramenta analítica consistente no que diz respeito aos discursos e à reatualização de condições de pessoas em espaço de luta menor, do saber empírico, de como a mulher foi inscrita nesse processo e tomada como objeto sexualizado por meio da e na linguagem, dos discursos, das unidades não-contestadas, que não são nunca neutras e vislumbram ordenar, hierarquizar e controlar os corpos pelo poder e em nome de uma verdade. Nos dizeres de Foucault, a genealogia,

> trata-se de ativar os saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência detida por alguns. As genealogias não são, portanto retornos positivistas a uma forma de ciência mais atenta ou mais exata, mas anti-ciências. FOUCAULT (1989, p. 97).

Ainda de acordo com M. Foucault, a arqueogenealogia também consiste no movimento de "libertação" da instituição dos discursos em uma economia hierárquica de poderes, colocando-os em um espaço de luta, de sujeições, de forças, bem como de guerra na e pela história (FOUCAULT, 2020). O método genealógico quer tratar do corpo agenciado por um exercício de poder que o atravessa e que opera sobre ele um caráter de dominação e utilização. Foucault (2014b) aborda uma tecnologia de poderes que se exercem sobre o corpo, a transição de um mecanismo disciplinar e de correção para um poder normalizador ou biopoder que incide sobre a vida. Quando não se pôde mais atingir o corpo propriamente dito, são instituídas medidas de reclusão, sujeição forçada e obrigados ao trabalho, em alguns casos, o exílio (FOUCAULT, 2014b).

Em consonância com Foucault (2014b, p. 19), o corpo é colocado em um grupamento de técnicas, interdições e cerceamento que o privará de sua "liberdade", mas que não deixará de passar pelas entranhas corporais, "o corpo supliciado é escamoteado; exclui-se do castigo a encenação da dor". Assim sendo, a morte instantânea foi enxergada como uma ferramenta "ética", por mais que em nossos dias atuais não concebamos tais ações como princípios morais, em meados do século dezoito, a sociedade adentrava em um período de estabilidade das leis, uma vez que as punições passaram a acontecer em "segredo de justiça". É essa estabilização das regras que fará surgir novas técnicas substitutivas de correção, que se voltará para a extinção de algum bem ou direito – em outras palavras, a privação da liberdade. De

acordo com Foucault (1989, p. 15), o corpo designa emergência, em sua vida ou morte, "é superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização". Loucura ou razão. Exterioridade de emergência dos discursos que encerram no corpo a loucura, o erro, bem como a verdade, isto é, a razão. Essa discussão pode ser vista em *Sorôco, sua mãe, sua filha*, o agenciamento do sujeito-mulher ocorre no e a partir do corpo tão somente na marcação das vestimentas, como também no seu quadriculamento no caminho para o sanatório. O corpo rebelde. Vigiado. Vejamos o excerto,

> *SE* 62 Aí que chegando a horinha do trem, tinham de dar fim aos aprestes, **fazer as duas entrar para o carro de janelas enxequetadas de grades** (...). Nessa diligência, os que iam com elas, por bem-fazer, na viagem comprida, eram o Nenêgo, despachado e animoso, e **o José Abençoado, pessoa de muita cautela**, **estes serviam para ter mão nelas, em toda juntura** (ROSA, 2005, p. 63, grifos nossos).

A relação de saber-poder que incide no corpo em questão emerge do saber que localiza o homem na racionalidade e atribui à Nenêgo e à José **Abençoado**, autonomia e poder suficiente para "**fazer as duas entrar para o carro**", enquanto sujeitos de "**muita cautela**", são a representação da razão, certificam-se de que o erro e engano da loucura comporte-se durante todo o trajeto até o sanatório. Além disso, essa relação de poder se imbrica ao discurso religioso, de modo que o sujeito homem é o "**abençoado**" ou receptor da graça, da benção divina ou *sacra*, antecedendo uma posição superior por si só, amparada no discurso da religião que, diferentemente da mulher, não a alcança, tendo como "graça" as grades do trem manicomial.

Nesse sentido e voltando às discussões que Foucault (2014b) tece acerca do corpo supliciado, alguns crimes perderão conotação em relação ao sistema jurídico e em compensação, outros ganharão a cena, pois segundo Foucault (2014b, p. 22), "julgam-se também as paixões, os instintos, as anomalias, as enfermidades, as inadaptações, os efeitos de meio ambiente ou de hereditariedade (...) as agressividades, as violações e, ao mesmo tempo, as perversões, impulsos e desejos" ainda que essas anormalidades não estivessem previstas nos códigos das leis, mesmo que se obrigasse os criminosos a dizer a "verdade" e as vontades imbuídas no ato do crime ou se confessasse perante o aparelho jurídico de modo que possibilitasse também conhecê-lo, ainda que por razões que esse aparato fingia desconhecer, os acusados eram condenados sob a jurisprudência e o discurso médico. Dessa forma, as punições não se encerravam nos crimes, mas no controle dos corpos, na vigilância e obrigatoriedade do tratamento médico como forma de introduzi-las também na punição, a

partir de grupamentos: diagnoses, procedimentos de análises dos crimes, normas, etc., que ganharão vez sob o olhar da justiça. Em meados de 1810, a loucura é considerada condição de irrupção do processo penal, isto é, não se admite ser louco e condenado perante ao juízo de direito, haja visto que a loucura enquanto crime fora anulada. Uma vez que o séc. XIV tenha julgado a loucura como incongruência jurídica, deslocou-se a sua consciência como impossibilidade de condenação para a justificativa da culpabilidade.

Destarte, descobriu-se que se podia julgar o corpo louco como culpado e que ele deveria ser enclausurado, porque o louco figurara a representação da ameaça à ordem se livre, "em última análise, qualquer infração, incluem como suspeita legítima, mas também como um direito que podem reivindicar, a hipótese da loucura ou em todo caso de anomalia" (FOUCAULT, 2014b, p. 25). Em conformidade com Foucault (2014b), sancionar ou absolver uma condenação se orienta para além do julgamento, dado que esse processo estaria sob o olhar do normal como técnica para uma normalização ou naturalização, isto é, ao ser submetido às leis da normalidade possibilitariam uma aceitação de padrões como normais. Os juízes dos julgamentos eram psiquiatras, magistrados, educadores, psicólogos que detinham de um poder fragmentado e que intervinham, mesmo que de forma indireta, na condenação desses corpos ao manicômio ou à prisão. O acolhimento dessas figuras "extrajurídicas" ao sistema penal, deu-se na tentativa de justificar a condenação dos corpos e suavizar a responsabilidade do juiz, "o homem, a alma, o indivíduo normal ou anormal vieram fazer a dublagem do crime como objetos de intervenção penal", a partir de discursos com *status* científicos tais como: o direito, a medicina e psiquiatria (FOUCAULT, 2014b, p. 28). Ainda dialogando com Foucault (2014b), as correções e as técnicas punitivas existirão para coibir transgressões e o apontar infrações, serão feitas para assegurar a maquinaria de poder do sistema punitivo, ou seja, inversamente proporcionais, na medida que uma assegura a existência da outra, elas coexistem e são situadas em uma "economia política" do corpo, utilizando-se de técnicas de coação, correção, de mecanismos violentos ou não, é do corpo que se quer tratar, do seu jogo de relações, do seu esquadrinhamento, de sua sujeição que faz dele um corpo dócil e logo útil, "ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam" (FOUCAULT, 2014b, p. 134). As práticas disciplinares têm relação com o saber que as modelam e conferem efeito(s) de sentido(s).

Ao lançarmos o olhar para o funcionamento do corpo pelo poder e as disciplinas, é possível perceber como ela atua no esquadrinhamento dos espaços e no jogo das relações de poder que o sujeito-mulher é situado, percebemos que essas relações de força que emergem

em razão de controle do corpo na idade clássica ou média ecoam no conto rosiano *Sorôco, sua mãe, sua filha*, uma vez que o trem que iria "remir" as duas ao hospício lembrava uma prisão e não pudera ser considerado qualquer trem, como pode ser visualizado no fragmento,

> *SE 07* Não era um vagão **comum** de passageiros, de primeira, só que mais vistoso, todo novo. A gente **reparando**, notava as diferenças. Assim repartido em dois, num dos cômodos **as janelas sendo de grades, feito as de cadeia, para os presos**" (ROSA, 2005, p. 61, grifo nosso)

Quer se pensar na *SE 07*, o excerto descreve não apenas os traços que contornam e fazem dos vagões propriamente ditos do trem, mas é também símbolo material de uma norma da qual loucos não fazem parte. Olhar para o dizer "**comum**", nos orienta a um significado expresso daquilo que é geral ou coletivo, embora este vagão não pudera se fazer de todos, isto é, comum, porque diferentemente dos demais, ele lembrava a cadeia, justamente o lugar do qual o sujeito-mulher do conto rosiano que é situado na narrativa. O "**vagão"** não era qualquer um, mas desenhado exatamente como uma prisão, sem brechas para fuga porque o discurso da loucura é justamente a representação do *incomum*. Ao agenciar o sujeito em questão, a loucura produz efeitos de sentido semelhantes ao sujeito-preso e costura uma identidade para a mulher forjada no discurso da loucura e da jurisdição. O olhar que atua no recorte dessa identidade também é constituído na cena no discursivo, pois quem observa, narra e participa da narrativa é o povo, que deduz a mulher na sua irracionalidade o olhar porfia o sujeito ao lugar do delinquente e o destina para a cadeia, "reparando, notava as diferenças". No jogo de relações o corpo é alvo (FOUCAULT, 2014B). O vagão é dividido em partes não apenas porque se busca determinada organização do espaço, mas porque essa divisão incide diretamente sobre os corpos loucos ou considerados loucos, facilitando a vigilância e o controle das condutas das mulheres, característica comum também no sistema prisional. Essa demarcação do espaço que o sujeito-mulher é situado é feita na *SE 07* com "**grades**" e "**cadeia**" e caracterizam o lugar destinado àqueles que infringem a *lei* dentro de uma sociedade ou organização. Em *Sorôco, sua mãe, sua filha*, a *lei* é figurada pela norma que opera no julgamento daquilo que é normal e anormal, ou seja, quem vai para o hospício e quem receberá compaixão.

Nesse sentido, a emergência dos enunciados grifados no excerto, sinaliza para a transgressão do anormal, o que escapa à norma da racionalidade ou ao que é considerado habitual, na medida que o sujeito-mulher é o não-dito, o interditado e enclausurado nos espaços dos vagões, da sociedade, da lei, conforme observamos no fragmento abaixo:

> *SE 12* Um constado de enormes diversidades desta vida, que podiam doer na gente, **sem jurisprudência de motivo** nem lugar, nenhum, mas pelo antes, pelo depois (ROSA, 2005, p. 63, grifo nosso)

Dando continuidade a análise do conto, a mulher é a representação da transgressão pelo discurso da loucura. Utilizo o termo representação para designar a caracterização identitária dos sujeitos-personagens que são/serão analisados ao longo do estudo, por entender que as identidades, assim como os gêneros são passíveis e possíveis de serem representadas, isto é, performadas, de acordo com Butler (2020). O sujeito-louco se existe, só existe se constituído nos efeitos de sentido da prisão, assumindo a identidade de prisioneiro pelo discurso da "jurisprudência", ainda que ser louco não signifique infringir uma *lei* ou regra. As concepções de lei e de norma têm se transmutado no discurso político do Ocidente moderno. O discurso da lei tem se reatualizado desde à antiguidade grega e ecoa na contemporaneidade por meio da norma que, com a revolução capitalista e industrial do séc. XIX, fundamenta uma nova forma de regular a moral e o comportamento social dos sujeitos. É sob a noção de lei antiga que os sujeitos são subjugados a essa dialética fundamentada na referência discursiva do *bem supremo*. Embora, é na/pela modernidade que essa representação instaura um vazio da forma que a lei não consegue preencher, mas a emergência da norma sustenta e regulamenta o comportamento social do sujeito moderno (BIRMAN, 2015). Se a lei se baseia no discurso do bem, a norma, entendida como a lei moderna "seria agora da ordem do indeterminado nos campos da natureza e da ética" (BIRMAN, 2015, p. 6), portanto o louco é o indeterminado. O sujeito-mulher de Sorôco já está lançado à transgressão da lei e situado como sujeito culpado, pois ainda que performar qualquer identidade louca não tenha "**jurisprudência de motivo**", a norma quadricula o sujeito no indeterminismo natural do anormal ou irracional.

O sujeito-mulher em *Sorôco, sua mãe, sua filha* é situado no jogo dessas relações discursivas e não-discursivas que objetivam as mulheres em identidades loucas, transtornadas presidiárias ou delinquentes para justificar o envio das duas ao hospício como forma de solucionar um problema meramente masculino, visto que é o sujeito-personagem de Sorôco, o viúvo descrito como cansado da infelicidade que era olhar as mulheres, além de ser o mesmo sujeito-masculino, aquele a denotar uma espécie de racionalidade na narrativa. A delimitação corpórea por meio do espaço é recorrente no texto rosiano e também pode ser observada no conto *A menina de lá*. Nessa perspectiva, a caracterização identitária da menina Nhinhinha é perpassada por enunciados que configuram o seu comportamento e as maneiras que esse sujeito é quadriculado no espaço. A emergência na *SE 13* de "**quieto**", ao passo que expressa a imobilidade do corpo, instaura determinada cobrança à menina, no sentido de esperar que o

sujeito responda às idealizações e projeções de uma filha que se comporte dentro de uma identidade construída como normal na sociedade. Em outras palavras, espera-se que a menina se inscreva em uma subjetividade comum de demais crianças com a mesma idade que a dela. O sujeito-mulher só atinge o nível de existência se dentro de dada regra que institui identidades, isto é, modelos específicos de 'ser' sujeito, que pode ser observado nos fragmentos abaixo,

> *SE 13* Parava **quieta**, não queria bruxas de pano, brinquedo nenhum, sempre sentadinha onde se achasse, **pouco se mexia** (ROSA, 2005, p. 65, grifos nossos).
>
> *SE 14* Nhinhinha, com seus quatro anos, não incomodava ninguém, e não se fazia **notada**, a não ser pela perfeita calma, **imobilidade** e **silêncios** (ROSA, 2005, p. 65, grifos nossos).
>
> *SE 15* De vê-la tão **perpétua** e **imperturbada**, **a gente** se assustava de repente (ROSA, 2005 p. 66, grifos nossos).

Os enunciados nas *SE 14* e *SE 15* "**imobilidade**", "**silêncio**", "**imperturbada**" expressam condição daquilo ou de quem não se move, como também poderia ser a ausência de pensamento? A loucura convoca o sujeito de Nhinhinha a assumir uma posição-sujeito e logo uma identidade paralisada ou desarranjada, incapaz de pensar, agir ou de formular pensamentos baseados na racionalidade. Foucault (2020) salienta que um discurso tem sempre margens povoadas de outros discursos. O discurso familiar, marcados pelo uso coloquial da terceira pessoa do plural "**nós**" por "a **gente**", registra e articula o desejo e interesse parental na menina uma vez que se relaciona ao discurso religioso, pois acredita-se que a loucura se assemelhe ao milagre divino e então a menina poderá fazer *milagres*.

Nessa perspectiva, as relações de saber incidem no o corpo, porque o atinge por meio dos discursos (científicos ou não), muitas vezes estabelecidos como modelos de verdades que podem ser criados, articulados e pensados como forma de sistematização do corpo. De acordo com Foucault (2019), também é durante a época clássica, com os loucos, delinquentes, criminosos, insanos, homens e mulheres que se toma o corpo como alvo de poder e as punições configuram um novo regime de controle – as disciplinas, operando como ferramenta de coerção sob vigilância da economia dos movimentos corporais, além de intensificar a produção e extração de riquezas que o corpo pode e/ou é capaz de produzir. As disciplinas consistem em técnicas e métodos direcionados aos corpos dos sujeitos. Assim, as disciplinas representam uma divisão histórica, de uma "anatomia política" que define sob quais formas, proporções e detalhes podem se ter domínio sobre o corpo. Também são elas que mais tarde

Michel Foucault chamará de *dispositivos*. Igualmente, serão instituídas pela norma que regulamenta zonas que a *lei* não consegue alcançar, de acordo com Foucault (2014b, p. 175) "as disciplinas estabelecem uma 'infra-penalidade'; quadriculam um espaço deixado vazio pelas leis; qualificam e reprimem um conjunto de comportamentos que escapa aos grandes sistemas", em outras palavras, a norma é responsável por quadricular um espaço deixado vazio pela *lei* e poderá ser situada nos discursos da psiquiatria, da medicina, tendo caução na lei e/ou o aparato jurídico, entre outros.

Como elucida Courtine (2013), o corpo reaparece na modernidade como objeto de saber. As incursões sobre o corpo no âmbito das ciências do homem ganham notoriedade nos anos de 1960 e 1970, período de ascendência das lutas sociais das minorias que asseguram também no corpo, o suporte discursivo para embates sociopolíticos. Courtine (2013) quer tratar das formas de se observar o corpo no limiar das classificações e percepções visíveis discursivas e não-discursivas e chama de fisiognomonias a "economia" da aparência e o regime de visibilidade que envolve e constitui o corpo, pois "as fisiognomonias são simultaneamente maneiras de dizer e formas de ver o corpo humano: semiologias da exterioridade, da aparência, do invólucro corporais. Lá residem suas primeiras necessidades" (COURTINE, 2013, p. 48).

Ainda pensando com Courtine (2013, p. 58), ele descreve que as *fisiognomonias* como formas de ver, falar e práticas ligadas ao corpo. Trata-se do olhar construído sobre o corpo através dos discursos clínico, psiquiátrico, médico-jurídico, da mulher-louca, das mulheres, etc., que conferirão aos signos visíveis do corpo determinando efeitos de sentidos, uma vez que é "de um dizer e de um ver, de mostrar como as maneiras de dizer correspondem formas de ver", isto é, as formas de ver o corpo são antes construídas no campo discursivo, percepções corporais constituídas a partir de discursos que delimitam o são e o louco. A modernidade herdará essa percepção fisionômica para tornar determinados corpos inteligíveis e invisibilizar outros, marcar sujeitos e os ligar a identidades específicas de modo que é sob esse regime de observação – aquilo que se pode ver, a partir daquilo que se pode falar sobre, dispondo da linguagem como ferramenta que as classificações fisiognomônicas estarão sempre associadas a um campo de legibilidade discursiva produzindo nesse entrecruzamento, sujeitos e identidades restritas. De acordo com Foucault (2019), durante muito tempo e desde à Idade Média, apontam os registros, ocorreu uma tentativa de encontrar e/ou mapear a loucura no corpo humano, ainda que não existisse uma ciência que se ocupasse de seu estudo propriamente dito. O que justifica a emergência do discurso da loucura foi – e – é delineado/delimitado através do olhar. As percepções, variações e características da loucura

só foram possíveis, pois, as *fisiognomonias* fizeram pulular no e pelo corpo o tracejado do controle e da objetivação disfarçados da quimera do desatino.

Ao apontar para o conto rosiano *Darandina* podemos observar como a identidade da loucura é construída a partir do olhar, embora, não deixe de ser discursivo. O homem que empreende fuga por roubar um objeto material e correndo de ser linchado se instala no alto de uma palmeira, desdobrando-se em gritos e devaneios que a população vibrara em conjunto e afirmara não ser mais o homem que todos conhecem, ao passo que autoridades são chamadas para deduzir e conter uma espécie de loucura que parecia não ter fim. A trama envolve o desarranjo do sujeito que denota características e atitudes de loucura e se oferece como objeto de especulação e pressuposições, na medida que as autoridades convocadas deduzem o tipo de loucura que constitui o sujeito-homem. Em um primeiro momento, exime-se de qualquer aspecto racional ao se apropriar de uma linguagem que escapa às fronteiras da razão, de modo que o próprio sujeito não se entenda como um ser humano racional, mas é capaz de retornar à consciência crítico-reflexiva ao final da narrativa.

É o olhar que porfia o corpo em *Darandina*. O corpo, alvo de questionamentos levantados pela população que acompanha a história tenta recortar o homem na disposição de patologias possíveis, ainda que aplauda o louco espetáculo que ocorria na praça, o povo reatualiza já ditos como as significações da loucura presumidas e articuladas desde a Idade Média, com o grande internamento. Na *SE 16*, o regime do olhar é construído por discursos socialmente instituídos, isto é, do povo, marcado pelo enunciado "**os outros**" que, ao observar a cena, tecem subjetividades para o homem, assinalados pelos discurso psiquiátrico nas *SE 17*, *18* e *19* "**excitação maníaca**", "**mania delirante**" "**síndrome exofrênico**", "**psicose**", como forma de não somente situar o sujeito da palmeira em uma identidade de loucura como também no páreo da razão, ao buscar por uma justificativa racional para as atitudes do sujeito. Também o relacionam ao discurso religioso, ao caracterizarem o homem como um demônio em uma tentativa de explicar a cena que acontecia na praça, como pode ser observado nos excertos

> *SE 16* **Os outros**, acolá, de infra, a supra, empinavam insultos, **chamando do demo** e aqui-da-polícia, até se perguntava por arma de fogo (ROSA, 2005, p. 172, grifo nosso).
>
> *SE 17 Excitação maníaca, estado demencial... Mania aguda delirante... E o contraste não é tudo, para se acertarem os sintomas?* (ROSA, 2005, p. 174, grifo do autor).
>
> *SE 18 Síndrome exofrênico de Bleuler* (ROSA, 2005, p. 180, grifo do autor).

> *SE 19 Psicose paranóide hebefrência*, dementia praecox"; "*mas transitória perturbação, a qual a capacidade civil, e nada lhe deixará afetada*" (ROSA, 2005, p. 174, grifo do autor).

Outrora a constituição do sujeito "empalmeirado", por assim dizer, também está ligada aos saberes institucionais. Se tratando de *SE 20*, a representação da escola pela figura do sujeito-professor, por exemplo, incide e potencializa identidades para o homem, a partir do sujeito-personagem professor Dartanhã que considera as atitudes do sujeito em questão como sendo passageiras, não podendo afetar ou modificar as suas obrigações enquanto cidadão, conforme podemos notar nos fragmentos retirados de nosso *corpus*,

> *SE 20* Emendou o mote o **professor** Dartanhã: **-** *"... mas transitória perturbação, a qual, a capacidade civil, em nada lhe deixará afetada..." –* versando o de intoxicação-ou-infecção, a ponto falara (ROSA, 2005, p. 174, grifo do autor).
>
> *SE 21 Sandoval vai chamar o* ***dr. Diretor,*** *a* ***Polícia****, o* ***Palácio de Governo*** *(*ROSA, 2005, p. 173, grifos do autor e nossos)
>
> *SE 22* Vê-se que o **dr. Diretor:** que, chegando, sobrechegado. Para arredar caminho por império, os da **Polícia** – tiras, beleguins, guardas, **delegado**, comissário – para **prevenir desordem**. Também, cândidos, com o **dr. Diretor**, os **enfermeiros**, padioleiros, Sandoval, o Capelão, o **dr. Enéias** e o **dr. Bilôlo**. Traziam a **camisa-de-força**. Fitava-se o nosso homem empalmeirado *(*ROSA, 2005, p. 174, grifos nossos).
>
> *SE 23* O dr. Diretor ia razoar a causa: penetrar em o labirinto de um espírito, e – a marretadas do intelecto – baqueá-lo, com **doutoridade** (ROSA, 2005, p. 178, grifo nosso).

O hospital psiquiátrico que se localizava na praça é acionado e traz à frente, o "**dr. Diretor**", incumbido de analisar a situação e perceber se algum dos internos não havia fugido, isto é, se o homem da palmeira não era um de seus pacientes. Foucault (2014b, 2019) compreende as instituições, na *SE 22***,** enquanto espaços que operam na produção de discursos, sujeitos e técnicas que estão ligadas às relações de saber-poder, na medida que pode tanto convidar o sujeito a assumir identidades previamente instituídas quanto convocar/convidar que ele o faça assim mesmo. Elas operam na trama rosiana, ainda que por meio de técnicas forçadas, como o cogito do uso de uma camisa de força, por exemplo, objetivando um sujeito racional, pois espera-se que o homem da palmeira retorne à consciência, resolvendo assim o espetáculo de insanidade que acontecia na praça. A recorrência dos enunciados "**professor**", "**governo**" descritos na *SE 21* e na *SE 23* "**doutor**" ou "**doutoridade**" podem fazer referência ao poder que essas organizações possuem enquanto instituições, pois dominam, esquadrinham e controlam os corpos e estão expressos no conto

com o intuito de “resolver” ou fazer com que o sujeito da palmeira obedeça às ordens e desça da árvore. Nesse sentido, lançar mão das fisiognomonias, potencializa o encadeamento do discurso com o olhar, porque esses sujeitos julgam e pressupõe a partir do que estão visualizando no corpo como suporte material de linguagem. Não há, nesse sentido, como fazer história do corpo que não seja também uma arqueogenealogia dos saberes.

Em vista disso, é pelo saber e o exercício de poder que o indivíduo se torna sujeito, a partir do que Foucault (1995) chamará de “práticas divisoras”, isto é, de fragmentação do sujeito em relação a si e aos outros pelas práticas de *objetivação* e de *subjetivação*. O sujeito-mulher do conto rosiano é situada nos limites dessa relação que não são indissociáveis, ao passo que se objetiva para subjetivar-se. Segundo Foucault (1995), a prática de *objetivação* – consiste no sujeito objetivado pelos discursos que permite dizer sobre eles e caracterizá-los, descrevê-los a partir de efeitos de verdade, autoriza, desde a Idade Média, identidades de louca, desrazoada, histérica, caduca, alienada, frágil, ilógica, inútil, etc. E no inverso, quando viabiliza discursos da mulher sã, equilibrada, sensata, racional, produtiva, discreta e perspicaz. Já a prática de *subjetivação* possibilita que a mulher se subjetive segundo a sua individualidade, em um espaço de guerra e embates que potencializam práticas de resistência, bem como abre a possibilidade da luta e de confronto com discursos previamente instituídos e faz com que se reconheça mais do que isso, o que os outros podem e devem ou não reconhecer no sujeito. Ainda dialogando com Foucault (1995, p. 235), há dois possíveis sentidos para a noção de sujeito; “sujeito a alguém pelo controle e dependência” e “preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento”, embora essas significações apontam para um mesmo rumo, o sujeito é sempre subjugado e constituído discursivamente.

Dando sequência, a “anátomo-política” do corpo que Foucault (1988) estabelece, estará imbricada ao campos discursivos e não-discursivos, pois constitui-se sob o olhar que também é discursivo e possibilita que o sujeito se reconheça ou o que pode ser atribuído a ele no jogo das relações de poder sistematizadas pelos saberes. Essa interrelação, intensifica, não apenas a produção de subjetividades forjadas na loucura como as forças resistentes e contrárias – de sujeitos que não podem ser situados dentro de uma norma fundamentada na racionalidade. É no devir da história que se permite resistir, pois, segundo Foucault (1988), onde há poder, há resistência. Os antagonismos funcionam como estratégias, as quais o corpo pode utilizar no sentido de dificultar ou impedir o excesso ou a violência que o poder produz e são aderidas às lutas sociais e urgentes de instâncias que se situam em espaços de luta menor; como a luta das mulheres, do mesmo modo e popularmente conhecida como “luta das

minorias". Devo ressaltar que não se trata do quantitativo "mulheres", certo de que o plural nos leva a uma diversidade de identidades e condições diferentes de existência e sobrevivência da categoria das mulheres. Utilizo o empréstimo do termo e da noção de *categoria da mulher*, de Butler (2020), na tentativa de propiciar a igualdade de espaços e condições que, ao visualizar a emancipação da unidade "mulheres", de forma a considerar todas as representações identitárias possíveis de 'ser Mulher', não pode ser vista como um domínio fechado, pois não representa o todo de um sujeito. Haja visto, é necessário observar as interseções que o gênero é capaz estabelecer e transcender em outras esferas; políticas, sexuais, classistas, étnicas, raciais, etc.

Por conseguinte, essas lutas começaram a ser travadas muito antes da década de 1960, mas é nos anos de 1960, o período marcado pela problematização das desigualdades entre o feminino e masculino. Como enuncia Foucault (1995), tão somente são lutas que buscam refrear os excessivos efeitos de poder, bem como são colaterais e não restritas a um único lugar ou país ou específicas de uma única centralização econômica e de poder. São também lutas iminentes, na medida que se fazem no presente, diante da necessidade de ruptura com uma hegemonia normativa de padronização dos corpos e na imposição de discursos cujas recorrências podem ser visualizadas tão somente na esfera do coletivo, mas principalmente, do individual. Guerra de oposição a esses efeitos representativos e autoritários e dos saberes privilegiados que os sustentam e os legitimam, conferindo dado *status* de verdade, como elucida Foucault,

> São lutas que questionam o estatuto do indivíduo: por um lado, afirmam o direito de ser diferente e enfatizam tudo aquilo que torna os indivíduos verdadeiramente individuais. Por outro lado, atacam tudo aquilo que separa o indivíduo, que quebra sua relação com os outros, fragmenta a vida comunitária, força o indivíduo a se voltar para si mesmo e o liga à sua própria identidade de um modo coercitivo (FOUCAULT, 1995, p. 234-235).

Nesse sentido, esses embates são construídos como tentativa de ter identidades, isto é, subjetividades legitimadas e dada posição-sujeito reconhecida tal qual o sujeito-mulher em *Primeiras Estórias* (2005). São lutas contra formas de sujeição e dominação uma vez que se emaranham nos âmbitos econômico-social, étnico-político, jurídico ou religioso e desdobram a narrativa engendrando o sujeito-mulher no e pelo discurso da loucura e ao contrário desse sujeito, o homem não pôde ser constituído em tal discurso, pois é a representação da razão e da verdade nas discussões apresentadas até o momento. O Estado enquanto instituição agencia e implementa técnicas a fim de dominar e controlar os sujeitos sob interesse de grupos comumente mesocráticos e dominantes como em *Darandina*, por exemplo, no qual pudemos

observar. De acordo com Revel (2011) em uma alusão à noção de Foucault, descreve que é importante compreender o Estado não apenas como uma estrutura subdivisória do sistema jurídico, mas enquanto uma analítica complexa e sempre atual que implica nas malhas de poderes, técnicas estratégicas e nos dispositivos afinados que atravessam e constituiem os sujeitos antes mesmo do discurso político. O Estado é, portanto, uma aparelhagem de poder que deixa de incidir na materialidade física e corpórea e instaura uma eterna vigilância no corpo, discursivamente apoiada na norma, visto que o secretário de finanças em *Darandina* é alvo da "**doutoridade**", isto é, da razão que o atravessa com o objetivo de retorno à norma ou ao que é normal, uma vez que o homem precede um comportamento no anormal.

2.2 IDENTIDADE E FEMINISMO

As identidades consistem nas formas de olhar e reconhecer a si e ao outro. Elas são construídas, discursivamente, no e a partir do jogo da repetição e diferença. Esse jogo de identidades não pode ser dissociado da esfera do político-social, visto que a preocupação com o corpo e o sujeito fez surgir no horizonte da globalização. O que Hall (2006) chamou de "crise de identidade" e descentramento de sentidos do sujeito, é parte de um processo de mudanças que está em constante deslocamento, por meio das tecnologias de poder e relações de saber que arranjam a estrutura social ao fixar identidades previamente instituídas por se orientar à normalização de padronização do corpo e ao controle de condutas.

Diante disso e ainda dialogando com Hall (2006), a instabilidade gerada por essa crise de identidades tem impactado nesses modelos de referência nas sociedades modernas, fracionando as problemáticas dos gêneros, bem como as étnico-raciais ao propiciar que o sujeito se desloque no feixe de identidades possíveis e passíveis de serem assumidas ou performadas, à medida que um sujeito pode transitar e assumir uma ou mais posições-sujeito e por isso também temporárias. Essa crise identitária é caracterizada pelo duplo deslocamento e descentramento de sentidos do sujeito; no que diz respeito ao espaço que o circunda e em relação a si mesmo, tanto no nível social como no cultural. Isso quer dizer que as identidades não podem ser consideradas um domínio fechado em si ou uma unidade singular e restrita de grupos sociais que "reinam" sobre as demais, pois a todo momento são atravessadas por outras em um processo constante de representação e coexistência, ainda que esse processo de identificação seja intencional ou não, "às vezes descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política da diferença" (HALL, 2006, p. 21). Hall diz que as identidades nacionais (práticas, discursos, produção de sentidos), com as quais

nascemos, são também construtos culturais que desdobram modificações no âmbito social e são perpassadas pelas relações políticas e de saber-poder, embora sejam criadas e modeladas na esfera da representação. Essas identidades tendem a ser lançadas sobre a ideia de um "povo original", isto é, a um tradicionalismo nacional, muitas vezes retrógrado e conservador imbuindo o Estado com o intuito de unificá-las, na tentativa de costurá-las a uma identidade única e a um viés biológico do sexo.

De acordo com Hall, o processo de identificação nunca é ou está acabado, mas está sempre se moldando e sendo processado no âmbito social, de modo que não se pode apoderar-se dele ou anulá-lo por completo, pois é a partir de suas condições materiais de existência no arranjo com o simbólico que se condiciona ao jogo da diferença, "a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas" (HALL, 2014, p.106). Esse jogo da identidade e diferença reverberam no conto rosiano *Sorôco, sua mãe, sua filha*, uma das primeiras estórias, que descreve a história de duas mulheres que são enviadas ao hospício por serem ou consideradas loucas pelo/no panorama do conto, o viúvo, o povoado onde residiram e os saberes da época, observamos o jogo de identidades o qual são instituídas. Ao serem acompanhadas pelo homem no trajeto para a estação de trem, os indícios de loucura potencializam um canto que, ao ser consumado sob a racionalidade, abre possibilidades para específicas objetivações do sujeito-mulher. O canto do absurdo é também a linguagem que o configura na anormalidade e, portanto, na diferença, uma vez que o anormal é justamente o que foge ou escapa ao ou considerado habitual. A emergência do enunciado "certo", destacado no excerto, exprime aquilo que é a verdade ou o correto, de acordo com os padrões de subjetividades normalizados e que fortalecem uma identidade para a mulher produzida em vias de calmaria, serenidade ou equilíbrio.

Dando sequência a análise do conto, na *SE 24*, o sujeito-mulher é construído exatamente ao contrário, pois são situadas no desequilíbrio e do outro lado da razão, no erro, isto é, o oposto do "**certo**" e o "**nenhum**" denota a ausência de racionalidade demandada ao sujeito-mulher. Nesse sentido, o poder quadricula os sujeitos no nível da diferença que consiste no extraordinário e por isso é *incomum* ou não-habitual. O canto não é legitimado no "tom" de uma verdade racional, a linguagem das mulheres é a do erro, do engano e do inadequado, de modo que todo o reboliço deveria ser resolvido rapidamente, conforme observamos no recorte discursivo a seguir,

> *SE 24* A filha – a moça – tinha pegado a cantar, levantando os braços, **a cantiga não vigorava certa**, nem no tom nem no se-dizer das palavras – **o nenhum**" (ROSA, 2005, p. 62, grifos nossos).

Mas a relação de identificação pela alteridade interpela os sujeitos pelo olhar, nesse movimento que as mulheres se reconhecem. Assim, na *SE 25*, "**olhar**", emprega um jogo complexo na prática verbal, denotando o reconhecimento do 'eu' da velha com o outro, a filha ao descrever o fitar dos olhos entre as duas que se faz comum a ponto partilharem da mesma loucura e cantarem uma linguagem que pertence somente a elas, "mas a gente viu a velha olhar para ela". Vejamos a citação:

> *SE 25* Mas a gente viu a velha **olhar** para ela, com um encanto de pressentimento muito antigo - um amor extremoso. E, principiando baixinho, mas depois puxando pela voz, **ela pegou a cantar**, também, tomando o exemplo, a cantiga mesma da outra, que ninguém não entendia. **Agora elas cantavam junto, não paravam de cantar** (ROSA, 2005, p. 63, grifos nossos).

De acordo com Hall (2006, p.109), é preciso compreender as identidades como construtos sócio-históricos que se formam no e a partir de discursos e práticas singulares de poder, são "produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída de uma 'identidade' em seu significado tradicional", assim as identidades são construídas e constituídas a partir da diferença, não como um ponto de intersecção fixo, mas de sutura, uma vez que elas são móveis, não possuem uma unidade centralizadora, por isso são posições-sujeito que nos convidam e/ou nos obrigam a ocupar. As identidades são aquilo que permite agrupar e/ou diferenciar homens e mulheres, são também aquilo que possibilita classificar e categorizar a mulher no viés (patológico ou não) da loucura ou do corpo enquanto escopo sexual.

Dialogando com Dreyfus; Rabinow (1995), é em meados do século XVII que o discurso da sexualidade se vê alinhado às construções sócio-históricas em uma inter-relação com uma específica tecnologia de poder e às práticas discursivas (sociais) que ganharam notoriedade em um período que é lançado o olhar de preocupação com a vida humana. Em momento anterior, na época clássica, a sexualidade é vista como transgressão moral e da carne, de modo que é situada no discurso religioso que a marca como um pecado que não só ultrapassa os limites da carne, mas incide nas estruturas de conduta moral do cristianismo e ganha caução legal da *lei* que condena os excessos da sexualidade à correção. No século seguinte, o sexo começa a ser estudado gradativamente pelos administradores públicos no sentido de controlar o comportamento e o andamento da sociedade e, posteriormente, já no

séc. dezoito, o Estado passa a se preocupar com as questões referentes ao sexo da população, se tornando também uma problemática político-econômica.

Por conseguinte, no séc. XIX, de acordo com Dreyfus; Rabinow (1995), há uma separação importante para se compreender os estudos acerca do sexo, posto que ele é situado no discurso médico, que o reestrutura no âmbito da medicina ao ser problematizado pela classe burguesa. Separa-se a medicina que se orienta ao corpo e ao sexo, delineadas à sombra da razão e subsidiadas nas relações de poder-saber, produzindo sujeitos e discursos outros. Foucault (1988) estabelece diferenças entre sexo e sexualidade, de modo que o sexo estaria ligado a ordem familiar, por meio de um dispositivo de aliança, que vislumbrava a obrigatoriedade do casamento como forma de perpetuação dos laços consanguíneos, ao passo que a sexualidade teria razões particulares de desejos e prazeres do corpo e estaria relacionada aos mistérios e fantasias ocultos do homem que era e ainda é desvelada através dos ritos de confissão: à igreja, ao Estado, à escola, etc., também conhecidas como práticas particulares, uma vez que passa pela individualidade do sujeito. Todas essas práticas, observações médicas, procedimentos e técnicas de confissão ligados aos discursos clínicos, consiste no que Foucault designa como dispositivo da sexualidade, correlato da produção de efeitos de verdade sobre o sexo. Conforme enuncia Foucault (1988), o dispositivo da sexualidade corresponde à ciência sexual como prática discursiva e científica com o intuito de produzir verdades. É no entrecruzamento dessas temáticas que a sexualidade existe. O dispositivo da sexualidade consiste na economia dos saberes e se projeta à sombra das tecnologias do exercício de poder que legitima e anuncia dadas características e representações para determinados sujeitos diferentemente de outros. Como no caso da sexualidade atribuída às mulheres e aos homens, nos dizeres do filósofo,

> a sexualidade foi definida como sendo, "por natureza", um domínio penetrável de processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções terapêuticas o de normalização; um campo de significações a decifrar; um lugar de processos ocultos por mecanismos específicos; um foco de relações causais infinitas, uma palavra obscura que é preciso, ao mesmo tempo, desencavar e estudar (FOUCAULT, 1988, p. 67).

A intersecção do poder com o sexo vislumbra interditar, categorizar, suprimir e encobri-lo, de forma que não seja contestado, situando o corpo nos limites fronteiriços do binário, isto é, daquilo que é permitido *versus* o não permitido, do legal e o ilegal e das objetivações do feminino e masculino. A interdição é localizada na tríade, "[i] afirmar que não é permitido, [ii] impedir que se diga, [iii] negar que exista" (FOUCAULT, 1988, p. 82). Segundo Dreyfus; Rabinow (1995), as relações de poder-saber, produziram, ao longo da

história, figuras da sexualidade que se tornaram objeto de estudo e de vigilância. Foucault (em sua pesquisa acerca da História da Sexualidade I, II e III) destaca que o dispositivo da sexualidade produziu quatro figuras que se orientaram como foco de estudos e questionamentos na sociedade, dentre elas a figura da mulher-histérica.

A *scientia sexualis* foi responsável por classificar os sujeitos também pela materialidade corporal à sombra de uma cientificidade manipulada, uma vez que era fácil obter o controle na esfera da razão, situando os sujeitos entre a norma e as perversões, anomalias e desvios de condutas sob razões de saúde coletiva, focalizando o progresso social. O sexo ganhou caução na ciência e na lei, podendo acionar um aparato de domínio e de gestão sobre ele mesmo e o situando no interior do jogo de relações e técnicas de confissão como produção de verdades. Nessa perspectiva, é relevante dizer que também nesse século surgem movimentos sociais com vista para as lutas dos grupos os quais mencionamos anteriormente. O feminismo segundo Alves; Pitanguy (1985), emerge na focalização histórica dos anos de 1960, como um movimento de resistência e de luta pela libertação e autonomia da mulher frente ao sistema opressor que a situou em um nível inferior ao homem, desvelando as relações de poder político que incidiram sobre o sexo, como construto político-social ao tratar de uma estrutura, tradicionalmente, masculina. O feminismo também questionou o binarismo das objetivações, além da hegemonia política da sexualidade, do trabalho e dos modos de vida da mulher (HALL, 2006). O movimento foi fragmentado em fases que dispunham de interesses diferentes conforme às necessidades da categoria da mulher no devir da história. Além disso, o movimento diz respeito à reformulação da identidade de gênero, sob a ótica de que "não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados e onde as qualidades 'femininas' ou 'masculinas' sejam atributos do ser humano em sua globalidade" (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 9).

Segundo Alves; Pitanguy (1985), desde a antiguidade, a mulher foi vista e ocupou posições inferiores aos homens, senão equivalentes à de um escravo, com poucas oportunidades, a mulher só conseguiu ganhar um papel simbólico e rápido de visibilidade (com restrições e isento de prestígio social) em outras funções que não a de doméstica em poucos momentos da Idade Média e no período entre guerras, na ausência de dada parcela masculina. Em geral, elas estavam fadadas aos serviços domésticos, de costura, tecelagem, recamos e afins. A diferença salarial, cujos registros datam do séc. XIII, foi utilizada como instrumento de ameaça às mulheres, uma vez que no páreo da disputa entre homem e mulher, fazia surgir uma desvalorização de salário para o sexo dominante. O discurso religioso e médico também tomaram parte fundamental na história da mulher e de sua sexualidade, pois

ainda na virada do séc. XV, caçava-se mulheres e porque resistiam a tal usurpação, isto é, ao poder que, rapidamente as capturava, tinham as suas subjetividades construídas no fictício ao serem objetivadas como “bruxas” e/ou “feiticeiras”. A mulher ameaçava o lugar de soberania masculino e por isso essas perseguições e assassinatos em massa eram justificados sob o discurso de magia negra, outrora se pautava na histeria e também no corpo feminino fadado ao mal ou erro e se orientava às desordens biológicas como forma de interditá-lo na sociedade. A reforma protestante de Lutero e Calvino em nada modificou a situação da mulher, pelo contrário, reforçou a “caça às bruxas” e em pouco tempo, queimou mais de 2.000 mulheres no ano de 1515, utilizando das práticas de confissão sob tortura que as destinava a um único destino, ainda que não fossem culpadas.

Ainda pensando com Alves; Pitanguy (1985), durante o Renascimento, conforme explanado no capítulo anterior, retoma-se o direito canônico romano e, com ele, a ideia de valorização e dignificação do trabalho do homem e encerra-se as portas do mercado de trabalho para a mulher, sobretudo ao final do período, no séc. XVII, a mão de obra feminina ocupará principalmente, a indústria de confecção têxtil. E na educação, a mulher só ganhará o espaço acadêmico dois séculos depois. É nesse mesmo século, o desdobramento do capitalismo e, junto a ele, a ascensão de uma classe meramente burguesa que segregava e excluía todos que não se encaixavam no padrão burguês. A mulher continuará ocupando uma posição última, mas o movimento feminista adquire boas estruturas políticas que fundamentam suas bases e assinalam a marcação do sexo como a luta por direitos iguais de trabalho e participação política, bem como reivindicam o direito sobre seu corpo e suas produções. É relevante dizer, haja visto que o movimento vislumbrou a igualdade cívica entre homens e mulheres, embora a categoria das mulheres ainda era muito restrita e não incluía as variadas formas de ‘ser Mulher’ seja na esfera do social, político, econômico, racial, etc.

Nesse sentido, com a fixação do capitalismo no séc. XIX, a mulher se vê vítima de uma exploração laboral, com salários baixíssimos em relação ao homem, além de uma carga horária também menor sob a justificativa de que era sustentada pelo cônjuge, ocupando funções submissas no interior da indústria manufatureira. No dia 08 de março de 1857, acontece a primeira marcha de mulheres operárias que reivindicavam condições trabalhistas iguais a dos homens, embora são tratadas com supressão e violência que, registra na história, um marco político sob sangue nos Estados Unidos. O movimento sufragista, como ficou conhecido, operou na luta de condições dignas de trabalho, mobilizou milhões de mulheres nos EUA e na Inglaterra, mas não reconheceu a mulher que, só em meados de 1920, é reconhecida no âmbito cívico ao ter o voto reconhecido por direito. Mas o sufrágio feminino

não pode ser colocado no mesmo nível que o feminismo, uma vez que ele acontece para os homens, isto é, emerge em benefício, mais uma vez, do gênero masculino (ALVES; PITANGUY, 1985).

Por conseguinte, de acordo com Alves; Pitanguy (1985), nos anos de 1940, com a derrocada da 1ª Guerra Mundial e iminência de uma próxima, a mulher assume postos sociais e trabalhistas cuja necessidade se faz valer devido ao envio de homens para as guerras. Embora, com o término dessas e o retorno da mão de obra masculina, a mulher retornava às grades do lar sob discursos de valorização de seu papel, mas restrito ao espaço doméstico. Na literatura, Simone de Beauvoir lança seu primeiro livro *O Segundo Sexo*, fazendo uma denúncia das desigualdades entre homens e mulheres, bem como criticando a constituição da mulher enquanto sujeito e o seu papel na sociedade até então como subalterna ao homem, haja visto que essas discussões só retornarão na década de 60 sob outras demandas, sentidos e características. O feminismo emergente do período tão somente questionará o mercado de trabalho para a mulher, como também fará uma denúncia do discurso binário, marcado pelo par feminino e masculino, cujas raízes se consolidaram a partir do viés biologizante; o papel da mulher por natureza, como reprodutora e provedora do lar. O movimento dessa década, nos dizeres de Alves; Pitanguy, (1985, p. 55), "refuta a ideologia que legitima a diferenciação de papéis, reivindicando a igualdade em todos os níveis, seja no mundo externo, seja no âmbito doméstico" e desvela as relações de poder sobre os sexos, enfatizando uma diferença cultural, bem como sócio-histórica e não biológica. Assim sendo, os binários do feminino e o masculino, do forte e o fraco, do certo e o errado, do permitido e proibido, são construtos socioculturais, constituintes e constituídos nas hierarquias de poder e nas relações de interação uns com os outros que delineiam e condicionam práticas e funções específicas para cada um dos sexos, ao determinar representações identitárias à mulher como frágil, histérica, ignorante, louca, errada, etc.

Assim, o sujeito-mulher na *SE 26*, retirado do conto *Sorôco, sua mãe, sua filha* é agenciado pela objetivação "**transtornada**" que denota dada perturbação, isto é, uma confusão do juízo, desarranjo mental ou comumente chamado de loucura, na qual, constantemente, as mulheres são situadas na narrativa. Assim o "**pobre** é digno de pena, de dó e carência. Porque a loucura é situada no terreno da compaixão, ao exprimir uma sensibilidade que é digna apenas de dó e nada além, pois não havia muito a ser feito, a não ser livrar-se delas, como podemos visualizar abaixo

> *SE 26* O que os outros se diziam: que Sorôco tinha tido muita paciência. Sendo que não ia sentir falta dessas **transtornadas pobrezinhas**, era até um alívio (ROSA, 2005, p. 62-63, grifos nossos).

O delineamento dessas formas de se construir identidades por meio do olhar também pode ser assinalado no conto *A menina de lá*. Na *SE 27*, as objetivações fixadas à menina não se assemelham às descrições do corpo humano, mas nos conduz a uma sensibilidade anômala, caracterizando-a pelo adjetivo "miúda" ao passo que descreve o tamanho, também expressa um significado banal, de pouca importância, logo pouca relevância. Além disso, a utilização do discurso neologismo rosiano que aponta para as subjetividades oriundas, como "**cabeçudota**" que advém de "**cabeçuda**" e expressa o fora da norma ou das proporções desejadas para uma cabeça de criança. Lançar olhar sobre o enunciado grifado também remonta à possibilidade de construção de sentidos, visualizados na cesura do enunciado "**cabeçuda**" + "**ota**", que se orienta a um sujeito outro, anormal. O outro louco, o anormal ou fora da norma. Verifiquemos na sequência,

> *SE 27* Nhinhinha dita, nascera já muito para **miúda**, **cabeçudota** e com os **olhos enormes**. Não que parecesse olhar ou enxergar de propósito" (ROSA, 2005, p. 65, grifos nossos).

O mesmo acontece com a marcação na *SE 28*, o "**enorme**" dos olhos tais qual é desenhado se relaciona à proporção atípica, fora do habitual. Essa configuração acerca da constituição do sujeito de Nhinhinha, de suas subjetividades que desencadeiam formas de ser mulher, pois o discurso da imbecilidade é que incide sobre ela, expressa pelo "**tolo**", quer falar de um sujeito bobo, desprovido de inteligência, da ausência de reflexões racionais, de sentidos ou significações, a representação pré-disposta ao erro, ao engano, à falha, conforme destacado no recorte

> *SE 28* Fazia vácuos. Seria mesmo seu tanto **tolinha**? (ROSA, 2005, p. 66, grifo nosso).

O questionamento do sujeito do feminismo ou das formas de 'ser Mulher' se reformula nas discussões do feminismo contemporâneo, ao ser restruturado em meados de 1960, problematiza questões acerca da discriminação sexual da mulher e de suas representações também político-sociais, além de recuperar e modelar práticas de resistência, a crítica do feminismo também carece de perceber, de acordo com Butler (2020, p. 20), "como a categoria das 'mulheres', o sujeito do feminismo é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca a emancipação". Em outras palavras, o sujeito-mulher é produzido a partir da estrutura jurídica que, à primeira vista, é dada como

representação, mas é o mesmo sistema que o oculta no âmbito da lei, na medida que segrega a categoria mulher em detrimento de um todo o qual essa categoria é situada. Butler (2020) quer tecer uma crítica à unidade ‘mulheres’ que, com o intuito de promover uma rede de apoio entre elas, acaba por solapar determinadas identidades, dado que como movimento, a política feminista precisa compreender a noção de identidade como variações passíveis de serem constituídas e não uma unidade de um domínio fechado do sujeito ou característica fundamental do feminismo. Nesse sentido, o gênero é vislumbrado como uma construção social e cultural que precisa apontar também para a produção do sexo e as formas como é construído, visto que ele não pode ser somente a performance do sexo, como também é assegurado em uma aparelhagem discursiva e de poder, “ele é também o meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” (BUTLER, 2020, p. 27).

Diante disso, é importante destacar que o gênero não antecede ao discurso, assim como não há sujeito pré-discursivo, o gênero também não o é. Compreender que o gênero se estabelece na interação, é entender que as identidades ou efeitos de identidades para Butler (2020), as quais os sujeitos são convidados/convocados a ocupar, não antecedem à relação, uma vez que um sujeito só se torna inteligível ao assumir também um gênero visível dentro de dada normativa de padrões que possibilitam o reconhecimento de si e do outro. De acordo com Butler (2020), os gêneros reconhecíveis são situados em um encadeamento entre gênero, práticas sexuais, sexo e desejos, permitidos (ou não) e constituídos frente a uma estrutura de *lei* que os colocam em uma relação entre o viés biologizante do sexo, isto é, macho e fêmea em oposição ao feminino e masculino, atrelando-os à manifestação do sexo como efeito do desejo. O sexo biológico está inscrito em uma matriz culturalmente instituída pela qual se é possível inteligir e dispor, coerentemente, determinadas identidades de gênero e apagar outras, fazer com que elas não mais existam, como no caso do sujeito-mulher da narrativa, frequentemente interditado e anulado tanto em *Sorôco, sua mãe, sua filha* quanto em *A menina de lá*, de modo que a loucura a elas associada é relativo ao fato de serem mulher ao passo que nos demais contos selecionados para análise, o sexo se torna condição de irrupção da loucura se tratando dos sujeitos-homens em *A terceira margem do rio* e *Darandina*. A linguagem binária que se lança sobre o sexo fixa pseudolimites em suas relações, além de suprimir variadas manifestações sexuais que não se classificam dentro da hegemonia heterossexual, uma vez que essa matriz é marcada a partir do discurso masculino e da

heterossexualidade compulsória, que consiste na obrigatoriedade de inclinação social à heterossexualidade.

Para Butler (2020), as identidades não antecedem ao ato nem ao discurso, mas é justamente os repetidos atos que estabelecem um significado de materialidade estável, não sendo o que somos, mas o que repetimos, isto é, o que fazemos. Além disso, as identidades estão inscritas em uma (in)tensa relação de poder-saber que configura a inteligibilidade de umas em detrimento de outras e é por essa razão, a crítica feita à "metafísica da substância", discussão nietzschiana que a autora mobiliza e desloca para pensar a temática do sexo como uma ontologia do 'ser', naturalmente posto e engendrado na e pela sociedade. Em outras palavras, a autora trata o conceito de gênero forjado em oposição ao determinismo cultural e biológico, pensando o gênero/sexo para além das características que as são impostas nos binários da heterossexualidade, como esclarece Firmino; Porchat (2017),

> o conceito de gênero surge então para afirmar que as diferenças sexuais não são por si só determinantes das diferenças sociais entre homens e mulheres, mas são significadas e valorizadas pela cultura de forma a produzir diferenças que são ideologicamente afirmadas como naturais (FIRMINO; PORCHAT, 2017, p. 55).

Ainda dialogando com Butler (2020), a heterossexualidade compulsória toma o gênero como naturalizado ao situá-lo em um *modus operandi* em que o masculino esteja em nível superior ao feminino, por meio da diferenciação das práticas heterossexuais do desejo. Esse movimento de diferenciação binário leva à fixação de uma substância interna da tríade unitária; gênero, sexo e desejo, criando um disfarce de coerência interna e estabilizando o sexo dentro da normativa compulsória. O processo de atuação e repetição dos atos identitários dentro ou fora da matriz heterossexual é que são os chamados atos performativos, pois são produzidos pelos próprios sujeitos, "assim como as superfícies corporais são impostas *como* o natural, elas podem tornar-se o lugar de uma *performance* dissonante e desnaturalizada, que revela o *status performativo* do próprio natural" (BUTLER, 2020, p. 252, grifos da autora). Assim, tanto a identidade quanto o gênero podem ser performados por sujeitos, uma vez que o gênero é uma identidade constituída no e com o tempo "por meio de uma *repetição estilizada de atos*" (BUTLER, 2020, p. 242, grifos da autora).

2.3 *RASTEJAR* É RESISTIR: UMA BREVE DESCRIÇÃO DA MULHER NA LITERATURA E EM OUTROS ESPAÇOS

Dialogando com a noção de heterossexualidade compulsória da estadunidense Adrienne Rich, também citada por Judith Butler (2020), o discurso da loucura ecoa no livro *O Papel de Parede Amarelo*, publicado pela primeira vez em 1892 por Charlotte Perkins, é um conto que muitas vezes ficou à cargo de interpretações situadas no viés da loucura, tendo como sujeito-personagem principal, a mulher. O que poderia ser somente uma obra com a temática da loucura, marca também um aspecto importante – o feminismo e com ele, a inscrição de uma posição-sujeito masculina e machista, que busca controlar o corpo julgado histérico de sua esposa. O conto descreve a história de uma mulher que entra em um processo de retiro, intencionalmente elaborado por seu marido que também é médico e, aluga uma fazenda com cenário colonial na justificativa de que sua mulher estivesse emocionalmente frágil e precisasse de recuperação, estando por algum tempo afastada da rotina, vivendo em meio ao campo. No início da narrativa, a mulher é induzida a acreditar que realmente era necessário cuidar do psíquico sob uma vontade de verdade que dizia ser fundamental tirar um tempo longe do convívio social, isto é, afastada da rotina e compromissos que estavam deixando-a "louca". No desdobramento da narrativa, a mulher se instala em um dos cômodos da casa e passa a admirar um papel de parede amarelo velho e empoeirado que servirá de suporte para que ela rompa as condições do enclausuramento.

A história é narrada em primeira pessoa a partir de uma voz feminina. Com uma escrita metafórica, o texto relata a queda e a transgressão dessa mulher. Uma personagem que se vê obrigada a manter-se em confinamento sob recomendação médica e familiar, de seu marido e irmão, ambos homens que demandaram que a mulher tirasse um tempo para um descanso forçado, pois esse período de reclusão ajudaria a recuperar-se de sua histeria e depressão. A heterossexualidade compulsória consiste no movimento de retirada do poder de escolha da mulher, impondo modelos heterossexuais de condutas e/ou comportamentos. A mulher se instala em um dos cômodos da mansão e um papel de parede amarelo se torna seu ponto de observação diário, bem como obsessão e desafio, pois o material representava um mistério de enigmas cujos planos imagéticos sobrepostos nas camadas no papel, no qual a mulher se debruçava dia e noite analisando, solitariamente, reproduzia a cena de uma figura feminina que tentava esgueirar-se de grades que em um imaginário podem ser entendidos como discursos que configuram as amarras do sujeito-mulher.

No decorrer da trama narrativa, a mulher se vê coagida a agir e fingir ser a esposa que o marido aceita, isto é, se adequando aos padrões normativos da heterossexualidade, com o objetivo de performar uma identidade que não lhe pertencia e de modo que as suas atitudes não desagradassem o cônjuge, pois ele estaria prestando uma enorme ajuda como justificativa

da opressão sofrida pelo marido. No desfecho, a esposa consegue romper com o papel de parede e, sobretudo, com a negligência física e mental que seguia sofrendo; com a supressão de seus direitos, de sua capacidade autorreflexiva, de seu intelecto, transgredindo a relação de poder e controle que o marido exercia sobre ela e tecia subjetividades na loucura desejadas, de acordo com Gilman (2020, p. 9), "é o ponto de vista do saber e do amor desse marido sujeito da ciência – e do poder – que constrói a mulher como uma figura doente. A histeria como doença feminina é a ideologia do homem no contexto de uma evidente política sexual".

Dialogando com os contos rosianos, ao lançar o olhar para os mecanismos de resistência nos orienta a pensar também no conto *rosiano Sorôco, sua mãe, sua filha*, ao performar um canto sem razão como prática transgressora e de resistência, no sentido de que a cantoria abre possibilidades de confrontos dos sujeitos no campo de batalha dos discursos que as configuram na loucura. Tal qual em *A menina de lá*, uma vez que o discurso da loucura abre espaço para subversão das práticas linguageiras feitas pelo sujeito-mulher de Nhinhinha. A inversão ou descabimento da razão configuradas na e pela linguagem performadas e assumidas pelo sujeito em questão, caracteriza práticas de resistência, subjetividades linguístico-discursivas que denotam efeitos de sentidos e construções identitárias à menina ao formular frases e pensamentos dentro de sua realidade, subvertendo a ordem gramatical. Consideremos as sequências enunciativas abaixo:

> *SE 29 A gente não vê quando o vento se acaba* (ROSA, 2005, p. 66, grifos do autor).
>
> *SE 30 Jabuticaba de vem-me-ver* (ROSA, 2005, p. 66, grifos do autor).
>
> *SE 31 O passarinho desapareceu de cantar* (ROSA, 2005, p. 66, grifos do autor).

Por conseguinte, e observando a materialidade do conto *Sorôco, sua mãe, sua filha* cuja trama descreve a história de duas mulheres que, em fragmentos da narrativa, é delineada como 'sem motivos ou justificativas', e por isso são enviadas ao manicômio. O sujeito-personagem de Sorôco é o incumbido de acompanhá-las até à estação, visto que a figura masculina é situada na trama como a responsável pela família, escancarando o sistema patriarcal e por isso, machista. Embora os mesmos indícios de loucura que incidem sobre as sujeitos-mulheres também se inscrevem no homem, mas não penetra o corpo masculino tal qual acontece com as mulheres que são encaminhadas ao hospício cuja discussões detalhadas serão feitas no capítulo final dessa pesquisa. O delineamento de comportamentos normais inscritos em uma matriz heterossexual, orienta-se à separação de sujeitos "desviantes" para o

tratamento, é o que molda o envio das consideradas loucas, pois essas são objetivadas e subjetivadas nas relações e também a partir de critérios masculinos de observação, haja visto que a figura responsável pela garantia da partida é a do homem, sendo demarcado na narrativa com o uso de enunciados neologismos, característica frequente de Rosa, conhecido por brincar com as palavras. O viúvo tão somente recebe apoio do Estado para custeamento dos gastos referentes ao internamento, mas também do povo que o acompanha. As mulheres transtornadas e loucas que são fadadas à reclusão das grades manicomiais por já não serem consideradas aptas à convivência sociável em comunidade, diante de dada irracionalidade. À mulher, o cerceamento de direitos, da liberdade de expressão, de locomoção, cujos corpos são violados e controlados por sujeitos homens, são negligenciadas na literatura, na arte, na história, no mercado de trabalho, no teatro, na vida.

Voltando a história do conto ‘O papel de parede amarelo’, a mulher negligenciada é oprimida na narrativa de Gilman advém de uma história real, a da própria autora. Perkins veio de uma família de quatro irmãos e um pai ausente, bem como uma vida conturbada. Charlotte Gilman foi vítima de machismo e uma vida árdua, participando ativamente na busca por direitos iguais para as mulheres até meados de sua morte, em 1935. Com o excesso de trabalho e um matrimônio exaustivo, a depressão ganhou espaço e Charlotte chegou a ser internada em uma clínica para tratar um quadro diagnosticado como histeria, mas o tratamento foi interrompido por um médico que a orientou parar com a escrita e se dedicar aos cuidados do lar. A autora, que cresceu em um ambiente de repressão e silenciamento, com as suas emoções, desejos e vontades suprimidas, encontrou na escrita, uma rota de fuga para a vida marcada pelo preconceito e, nos anos de 1970, a sua obra ganha foco com o movimento feminista norte-americano da época, situando o conto no âmbito do feminismo e não mais na perspectiva da loucura.

Lançar olhar para a posição que a mulher é situada em outros espaços, como o da literatura, orienta-nos ao trabalho da historiadora Michelle Perrot. Autora de *Minha História da Mulheres* realiza uma pesquisa a partir de uma arqueogenealogia da história das mulheres, ao tecer críticas às dissemelhanças existentes entre gêneros, bem como as manifestações de sexualidade a partir das esferas sociocultural. Além disso, Perrot (2019) quer pensar a luta por direitos iguais entre homens e mulheres, nos limites fronteiriços de mudanças entre os gêneros e como essa disparidade modificou e recortou identidades forjadas em uma hierarquia dos sexos frente às caracterizações do corpo, do trabalho, da profissão, do espaço da mulher na sociedade, etc. Perrot questiona a invisibilidade instituída às mulheres, de forma que ela não é reconhecida nos espaços socioculturais, estando silenciada face às decisões político-sociais

em muitas sociedades e em alguns casos, não possuindo sequer os sobrenomes, pois sobrenomes são transferidos pelos homens e muitas os carregam como marcação do patriarcado ainda muito vigente. As mulheres ocupam uma posição secundária na ordem das coisas, “os homens são indivíduos, pessoas, trazem sobrenomes que são transmitidos. Alguns são ‘grandes’, ‘grandes homens’. As mulheres não têm sobrenome, têm apenas um nome. Aparecem sem nitidez, na penumbra dos grupos obscuros” (PERROT, 2019, p. 17).

De acordo com Perrot (2019), as mulheres pouco são vistas na cena social e consequentemente, pouco se é falado sobre elas. A sua posição-sujeito é consideravelmente disputada em uma luta contra o apagamento no devir histórico, os seus vestígios e rastros costumam ser extintos e o seu arquivo destruído. Quase nunca as mulheres ocupam um espaço de inteligibilidade e quando são convocadas a assumir identidades e/ou posições-sujeito é na condição de mãe, cuidadora do lar, dona de casa, doméstica, dentre outras sujeições estereotipadas relacionadas, na maioria das vezes, com o ato de cuidar e a pertença incansável aos filhos, ao lar e como aponta os registros, desde à Idade Média. Michelle Perrot (2019) articula como a diferença entre os sexos inscrevem os corpos em posições específicas na história, analisando algumas temáticas, como a sexualidade, por exemplo. O discurso patriarcal de cuidadora do lar, começa, logo cedo, a modelar e instituir identidades às mulheres, uma vez que a casa se torna o seu lugar de maior ocupação, além de estarem sob a vigilância de um homem, geralmente o(s) irmão(s) e quando se manifestam questionamentos ou indignações são apelidadas de histéricas. Geralmente, iniciam a vida no trabalho precocemente, principalmente nas famílias de baixos extratos sociais, abandonam os estudos e se já são mais velhas, o seu papel é substituir a ausência da mãe, podendo desempenhar todo e qualquer tipo de trabalho no lar. A mulher é forjada em uma identidade afetuosa ligada ao instinto materno e até o seu processo de escolarização fica atrás ao do homem.

Nesse sentido, a representação da vinculação da mulher ao lar pode ser observada na obra de Guimarães Rosa, escolhida para nossa pesquisa, em a) *A menina de lá* e também em b) *A terceira margem do rio*. A narrativa que descreve a rotina campestre dos pais da menina, reserva ao pai, o trabalho manual do campo. Já à mãe, é dado o espaço da casa e a rotina do lar e dos filhos, além da incumbência de realização dos desejos e pedidos do marido, demarcado pelo enunciado “**menino pidão**” na *SE 34*, o qual Nhinhinha faz referência aos excessos inconvenientes do pai que tudo ordenava, instituído em uma posição-sujeito já de superioridade ao lugar da mãe, uma vez que a ela não era dado a opção de escolha a não ser servir o marido e pode ser visualizado nos excertos seguintes:

> *SE 32* Pequeno sitiante, lidava com vacas e arroz (ROSA, 2005, p. 65).
>
> *SE 33* Ouvia o pai **querendo** que a Mãe coasse um café forte (ROSA, 2005, p. 66).
>
> *SE 34* **Menino pidão** – dizia Nhinhinha" (ROSA, 2005, p. 66).

Nessa perspectiva é possível observar essa relação lograr na segunda materialidade, respectivamente, haja visto que o sujeito-pai é caracterizado na *SE 01* como "**cumpridor**" que está ligado a ideia de execução de atividades, aquele que se compromete com a efetivação delas de forma efetiva e livre do erro, além da palavra"**ordeiro**", que denota compromisso e disciplina com determinada 'ordem' ou organização e que também pode significar sensatez ou racionalidade. Além disso, a utilização de"**positivo**", tipificando um comportamento baseado em boas ações ou certo otimismo, conforme podemos observar no excerto,

> *SE 01* Nosso pai era um homem **cumpridor**, **ordeiro**, **positivo**; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que **testemunharam** as diversas **sensatas** pessoas, quando indaguei a informação (ROSA, 2005, p. 77).

Por conseguinte, essa identidade atribuída ao sujeito-pai passa pelo atestamento da razão na figura de familiares que são indagados quanto ao comportamento do homem. O emprego do enunciado "sensato" expressa, regularmente, o oposto da identidade do sujeito-personagem no desdobramento da trama narrativa, ao assinalar dada capacidade de raciocínio ou inteligência, os parentes detêm de um poder que é capaz de validar ou anular essas identidades instituídas ao sujeito-homem. Já no que diz respeito ao sujeito-mulher, a remanência do discurso inscreve sobre a mãe de Nhinhinha, a vinculação da mulher a outros enunciados como "casa", "filhos, "lar" são articulados por meio do enunciado "reger", que, por curiosidade, expressa o ato de exercer a função de rei e/ou governar. A mulher reina. Mas o seu reinado é restrito ao lar. O sujeito-mulher só ocupa uma posição de liderança ou chefe no exercício de suas funções domésticas, as quais ela é, quase que obrigatoriamente, uma rainha, conforme observamos,

> *SE 35* Nossa mãe era quem **regia**, e que **ralhava** no **diário** com a gente (ROSA, 2005, p. 77, grifos nossos).

Essa atribuição de guiar e conduzir a casa e a família é formulada dentro de uma matriz meramente heterossexual e o emprego do enunciado "ralhar" vincula à identidade do sujeito-mulher uma posição de fiscalização e de ordem ao ser encarregada de reprovar comportamentos dos filhos, visto que a aprovação estava atribuída ao pai. Em outras palavras,

o sujeito-mulher somente detém poder se se é para exercê-lo dentro dos limites do lar. A mulher que é, desde outras condições de possibilidades, fixada ao espaço e às tarefas do lar por serem consideradas atividades configuradas como “leves”, “tranquilas” e de pouco esforço, quando a realidade é justamente o oposto. Por situar a mulher como tendo uma identidade frágil, estará apta somente às atribuições sociais se essas não colocam em questionamento o modelo específico e padrão de ‘ser mulher’ objetivada à doçura, calma e à serenidade na criação de sua prole.

Voltando às discussões que Perrot (2019) estabelece, a autora problematiza que, o olhar compulsório sobre sexos começa nos ritos de passagem da infância para a adolescência, a começar pela menarca, isto é, a primeira menstruação. Informação e produtos de higiene para a menstruação só começaram a ser colocados em questão nos anos de 1970, tardiamente. E o que é considerado por uns, aquilo de mais “precioso” que a jovem possui, não a pertence de fato, pois “a virgindade das moças é cantada, cobiçada, vigiada e até obsessão” (PERROT, 2019, p. 45), a sexualidade regendo mais uma vez o destino da mulher. É de conhecimento e responsabilidade da família e da sociedade proteger, cuidar e vigiar a virgindade da moça, para que ela mantenha uma identidade sacra, de pureza, ainda que seja situada como corpo sexualizado, a jovem precisa ser sinônimo do “fruto prometido”. Na virada do séc. XIX para o XX, ocorre-se um processo de ampliação do casamento, destino final e condição normal para a maioria das mulheres, esse período é marcado pelo sentimento do amor. Exemplificando melhor, anuncia-se o casamento por amor, não que os demais não fossem, o que acontece é que esse sentimento deslocará seu sentido para além do casamento. O adultério por parte dos homens era vastamente admitido, mas se o ato acontecia no seu oposto, a traição por parte da mulher poderia levá-la aos tramites da jurisdição e qualquer punição masculina somente se justificaria se o ato, cometido pelo homem, tivesse ocorrido na própria casa e em razão do amor.

Nessa perspectiva, a mulher do antigo regime francês, palco das primeiras reflexões feministas, é dependente; juridicamente – da lei, pois incorpora o sobrenome do marido quando tem o próprio anulado; economicamente – no que diz respeito à administração dos bens materiais, prescritos no lavrar do casamento; e também das escolhas e decisões da ordem familiar, uma vez que a sua atribuição consistia em ser uma passível dona de casa. Embora o termo da heterossexualidade compulsória não existisse ainda, a mulher era dependente sexualmente da sua relação conjugal, prisioneira de seu próprio corpo, muitas vezes estava a cargo de “medidas corretivas” pelos seus cônjuges, considerados os “chefes de família” e em

outros casos, pelos proprietários das casas em que essas desempenhavam tarefas domésticas, conforme enuncia Perrot

> (...) dependente juridicamente, ela perdeu seu sobrenome. Está submetida a regras de direito que têm por objetivo principal proteger a família: costumes do Antigo Regime; Código civil eminente patriarcal, dado por Napoleão à França e mesmo à Europa, que, de algum modo, o adota e que praticamente deixa as mulheres sem nenhum direito (PERROT, 2019, p. 47).

Ainda de acordo com Perrot (2019), a mulher é imagem; um corpo, um rosto, uma identidade pré-estabelecida, uma aparência sexualizada. Assim sendo, a autora movimenta o enunciado "cabelos" que para as mulheres, é sinônimo de feminilidade e sensualidade, os cabelos recobrem a pele, mas penetram o corpo em uma relação interna e externa que se aproxima do sexo. Elas deveriam ter cabelos longos, pois não havia voluptuosidade mais sensível na mulher que os cabelos. O corte de raspar os cabelos estava destinado aos homens, haja visto que significava obediência, disciplina e subserviência, geralmente em quartéis e/ou períodos da escravatura. Se para o homem, a barba articula uma subjetividade de sensibilidade masculina, os cabelos inscrevem o oposto dessa, dada feminilidade, "a diferença no sexo é marcada pela pilosidade e seus usos: os cabelos são para as mulheres, a barba para os homens" (PERROT, 2019, p. 53). Na década de 1970, muitos homens "cabeludos" não eram aceitos em indústrias, quando suas identidades não eram suprimidas e apagadas. A masculinidade consistia no cabelo raspado e na barba como objeto viril, posto que a feminilidade estava presente nos longos cabelos.

Por conseguinte, e ainda de acordo com Perrot (2019), a barba é considerada símbolo de virilidade, de hombridade. Ela significa força, robustez e potência. A barba designa uma identidade de longevidade do homem e desse modo, marca um sujeito que antecede à mulher. O cabelo grande que, na condição de homem deve ser renunciado é a configuração da mulher que a situa na relação com o sexo, denotando o desejo, o pecado e a sedução. No século XIX, ocorre a histerização do corpo da mulher, conforme citado anteriormente, além de uma erotização dos cabelos femininos que lança a uma preocupação recorrente de mostrar ou esconder os cabelos símbolo erótico e, diante disso, a problemática do discurso véu emerge. O véu é um objeto de vestuário antigo do mundo mediterrâneo, mas não se fazia distinto entre os sexos. Essa marcação insidiosa do uso do véu se estabelece no discurso religioso e ganha sustentação na ideia do patriarcado, meramente machista, acerca do modelo de casamento que objetivava a sujeição da mulher ao homem, pois o véu não somente esconde o pecado e a tentação, como marca a dependência e o autoritarismo masculino que são obrigadas a vestir

sobre os cabelos, “assim como o véu reveste-se de significações múltiplas, religiosas e civis, para com Deus, e para com o homem, seu representante. Ele é sinal de dependência, de pudor, de honra” (PERROT, 2019, p. 56).

O uso do véu foi sinônimo de obediência para muitas mulheres, principalmente para as casadas, que eram obrigadas a utilizá-lo por serem consideradas “propriedades” de seus maridos e caso não o fizessem, estariam fadadas ao abandono matrimonial. O véu configura uma (in)tensa vigilância do corpo feminino, a partir do viés masculino, em uma tentativa de se esconder a transgressão da carne, o encanto, a sedução, a beleza ou loucura. Encobrir o corpo. Esses vértices assimétricos das dialéticas do véu e corpo repercutem na *SE 36*, destacada do conto *Sorôco, sua mãe, sua filha*, o sujeito-filha de Sorôco é objetivada ao desatino no desarranjo de suas vestimentas,

> *SE 36* Com panos e papéis, de diversas cores, uma **carapuça em cima dos espalhados cabelos** (ROSA, 2005, p. 62, grifo nosso).

O enunciado “**cabelo**” que esconde o pecado, também esconde a insanidade. Ao observar o enunciado “**carapuça**”, é preciso colocar em questão os efeitos de sentido que esse produz e instaura na trama. O enunciado designa um objeto feito de tecido que pode ser vestido à cabeça e possui diversas formas desde a triangular como o *fichu* à redonda ou em cone, cuja finalidade é de cobrir algo ou alguma coisa, nesse caso, os cabelos do sujeito-discursivo em questão. O enunciado “**carapuça**” escamoteia algo que não pode ser habitualmente, isto é, normalmente mostrado e, por isso, a loucura é coberta com pedaços de tecido e trapos que denotam justamente o esquisito, o diferente, aquilo que precisa estar escondido da visibilidade coletiva porque errado, pecado e transgressão. Vislumbrar o discurso da mulher como louca e como o objeto *carapuça* recorta diversos efeitos de sentido também nos faz questionar a escolha desse enunciado por parte do autor, como nos convida Foucault (2020) à indagação; por que esse enunciado e não outro em seu lugar?

O enunciado “**carapuça**” ainda articula e reatualiza outros acontecimentos – que situa o sujeito na esfera da culpa e/ou do erro. De acordo com Motta (2009), é durante a Idade Média, que os indivíduos acusados e condenados pelo tribunal da Santa Inquisição eram convocados ao comparecimento na presença da corte, vestidos de longos panos e um chapéu pontiagudo, expressava a culpabilidade do condenado, o diferenciando dos demais e que na modernidade foi alcunhada de carapuça. Mas se tratando do sujeito-mulher, como essa culpa é justificada se as mulheres de Sorôco não transgrediam qualquer *lei* senão os limites do gênero pelo fato de serem mulheres inscritas pelo poder no terreno da loucura ao terem suas

identidades demarcadas e objetivadas pelas vestimentas, ou seja, pelo visível invólucro corporal, designado pelo exagero de roupas, panos, faixas e carapuça

> *SE 37* Só estava de preto, com um **fichu preto** (ROSA, 2005, p. 62, grifo nosso).

O sentido expresso na *SE 37* de "**fichu**" é dado como um objeto maleável que pode ser utilizado para cobrir a cabeça ou o decote. Mas ao pensar na configuração desse, percebe-se que há uma predisposição à preocupação com o corpo da mulher. O corpo que na virada do séc. dezessete para o dezoito se torna escopo de uma sexualidade instituída e controlada, a qual é preciso manter-se sob vigilância, uma vez que a sexualidade da mulher há muito tempo é motivo de preocupação da sociedade e, na maioria das vezes, alvo de questionamentos a partir do viés masculino heterossexual. A configuração do enunciado "**véu/fichu**" também pode ser compreendida como a abdicação de si, de seus desejos particulares e de suas manifestações/expressões sexuais. O enunciado "**preto**" que poderia caracterizar meramente a cor do lenço, de outro modo, reverbera o discurso da morte e do luto, do isolamento e da solidão que se inscreve no sujeito-mulher e potencializa pensar na própria morte, a morte de si, de suas subjetividades e vontades, revelando uma sensibilidade de luto que o corpo feminino é situado, independentemente de sua posição-sujeito forjada ou não na loucura. O corpo da mulher é inscrito em um terreno de embates que colocam em xeque a própria existência, ao passo que evoca espaços de luta contra discursos que visam sua ininteligibilidade corpórea no conto rosiano. No que tange a identidade masculina, as subjetividades reservam-se ao enaltecimento dos aspectos físicos, conforme observamos

> *SE 38* Ele era um **homenzão**, **brutalhudo de corpo**, com a cara grande, uma **barba**, fiosa, **encardida em amarelo** (...) (ROSA, 2005, p. 62, grifos nossos).

A identidade do homem é forjada no falocentrismo como pode ser observada na **SE 38**. Os aspectos de pilosidade que remontam a virilidade que a barba e a robustez corporal representam. A disposição do enunciado "**barba**" faz referência aos pelos que cobrem a face e, em contrapartida, se oferece à relação varonil que a barba representa no corpo masculino e quanto ao cabelo feminino, por exemplo, desloca-se o sentido, à medida que é preciso ocultar (PERROT, 2019). Além disso, o arranjo do enunciado "**encardido**" mobiliza pensar não apenas em dada superfície amarelada ou cinza, mas nos orienta à representação imaginária de algo sujo, haja visto que ao lograr materialidade no corpo masculino predispondo a ideia de que para ser homem e heterossexual, necessariamente se precise denotar aparência não-polida,

às vezes até grosseira, mas viril. É possível observar que há dada regularidade nos escritos rosianos de (re)invenção das palavras, conferindo à narrativa um feixe de interpretações possíveis. Ao lançar mão do enunciado "**abrutalhado**" em alusão ao "**brutalhudo de corpo**", também se observa um modelo engendrado na matriz heterossexual, na medida que o discurso se fundamenta no que é robusto e em termos, asselvajado, ainda que restrito ao corpo do homem "da cara grande". Essa estrutura heterossexual articula um poder que penetra a carne e relaciona-se à marcação de discursos que fundamentam aspectos rústicos do sujeito-personagem, esclarecendo, nos dizeres de Foucault (1989, p. 84) que "nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício de poder" que investe, suplicia e escamoteia o corpo, produzindo efeitos de sentido e identidades desejadas como a de "**brutalhudo**". O sujeito é recortado em características fisionômicas que aludem a sensibilidade masculina, forjada em uma imagética de virilidade a qual o homem é frequentemente situado, bem como é tomada como justificativa de comportamentos e condutas. Além disso, o enunciado "homem" potencializa a experiência de um sujeito que é localizado em níveis distintos de existência ao assinalar que devido à masculinidade acentuada, eu diria que compulsória, faz surgir a pressuposição de que o sujeito-homem antecederia ao sujeito do feminismo, intensificando uma relação de superioridade e logo, desigualdade entre os gêneros.

Essa discussão acerca dos gêneros e logo, do movimento feminista ganhou ascensão entre os anos de 1960 e 1970, principalmente com escritoras e o movimento norte-americano feminista. Mas é por volta do ano de 1900 que o feminismo europeu ganhou força lançando-se à reivindicação de libertação do corpo da mulher. É importante ressaltar que esse movimento, inicialmente, segregou várias mulheres, pois as lutas ocorreram, em termos, por parte de uma classe elitizada e bastante específica, a classe média-alta. Dialogando com Perrot (2019), as milhares de "bruxas" e "feiticeiras" queimadas na Idade Média transgrediam como uma ofensa ao discurso médico, religioso e moral, por representarem uma afronta à medicina com suas práticas singulares de curadoria, o uso de ervas e elixires feitos com fórmulas caseiras e vistos como "práticas mágicas". Outras manifestavam uma sexualidade subversiva, algumas já mais velhas e por isso não poderiam exteriorizar os seus desejos visto que "muitas feiticeiras velhas fazem sexo numa idade em que não se faz mais, após a menopausa" (PERROT, 2019, p. 89), subvertem os atos sexuais, invertendo posições pré-estabelecidos pela igreja, desafiando assim os poderes do homem e da razão, por isso a solução é queimá-las. Foucault (1995) descreve que foram os saberes a delinear a imagética da mulher histérica. As diferenças entre os sexos também se davam no acesso ao saber. O saber é antagônico à mulher, condição de acesso do homem. A educação que se dava às mulheres deveria ser

relativa aos homens: de cuidar, aconselhar, ensinar, amar e serem úteis à efígie masculina que, embora se diferencie de contextos sócio-históricos de possibilidades, ainda continua ecoando na modernidade. Nos dizeres de Perrot (2019),

> É preciso, pois, educar as meninas, e não exatamente instruí-las. Ou instruí-las apenas no que é necessário para torná-las agradáveis e úteis: um saber social, em suma. Formá-las para seus papéis de futuros de mulher, de dona de casa, de esposa e mãe. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício... que tecem a coroa das virtudes femininas (PERROT, 2019, p. 93).

Compreender que homens e mulheres viveram rupturas e acontecimentos no devir da história de maneiras díspares é olhar para uma arqueogenealogia do discurso da mulher, vislumbrando não somente como discursos de ordem médica, psiquiátrica, moral, religiosa, etc., impactaram e refletiram no corpo masculino, mas principalmente, no feminino recortando e produzindo novos sujeitos, identidades, posições-sujeito e dissemelhanças que sustentaram práticas desiguais entre gêneros, colocando em questão, valores e experiências universais. Os gêneros enquanto performatividade, noção de Butler (2020), é constituinte de uma identidade que não pode ser internalizada por completo, pois se são variáveis, logo, as condutas, comportamentos e identidades são representações, isto é, performativos. Esse "efeito" de gênero estiliza os corpos, pelos quais as várias manifestações sexuais o constituem.

Diante disso, a identidade não antecede ao discurso, mas é produzida dentro de uma matriz que deve ser descontruída ao pensarmos nos gêneros. Compreender que essa performatividade está ligada às noções construídas dos sexos feminino e masculino nos leva a crer que não existe um gênero/sexo superior ou inferior ao outro, pois instituídos como performance, os sujeitos são convidados a assumirem diferentes posições que nada tem a ver com o sexo biológico. Se se pode dizer que as identidades são significações que não existem antes da relação de interação, é porque essa noção é de antemão, discursiva, ou seja, é pelo discurso que se regula uma ordem de inteligibilidade, quais gêneros poderão ser visíveis e quais serão anulados nos contos rosianos.

A literatura, assim como qualquer outro discurso é passível de ser explorada arqueogeneologicamente, uma vez que é situada ao lado de múltiplos discursos e, por meio dela, pode se pensar as relações de poder-saber e de força, além de denunciar as desigualdades entre gêneros que se intensificaram em determinados períodos históricos e ainda continuam ecoando na contemporaneidade; a subversão e transgressão de identidades; as práticas

sexuais, a sexualidade e os movimentos de resistência das chamadas “minorias” tal como o feminismo supracitado. Nesse sentido, a literatura é espaço para pensar como e por que determinados discursos alcançam e se inscrevem no corpo feminino diferentemente do masculino, fornecendo possibilidades para que se possa, mais do que pensar em quem somos hoje, questionar o porquê somos. É lançando mão da literatura que o terceiro e último capítulo dessa pesquisa se dispõe a uma análise discursiva de fragmentos retirados de *Primeiras Estórias* (2005), articulando também a escrita rosiana e apontando excertos com o intuito de problematizar como literatura e loucura estão atreladas também à produção de identidades de gênero.

3. A LOUCURA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO-MULHER EM GUIMARÃES ROSA

Este terceiro e último capítulo se dispõe à continuação da descrição e da análise de recortes discursivos retirados do *corpus* base desta pesquisa, o livro de contos *Primeiras Estórias* (1962, 2005) do escritor João Guimarães Rosa. Em seguida, discorrer-se-á acerca da obra, descrevendo como o discurso literário incide na produção de sujeitos na trama narrativa (e nas instâncias sociais), bem como produz performances identitárias que denotam dissemelhanças entre gêneros, agindo com o dispositivo da sexualidade e as relações de poder-saber que incidem na constituição do sujeito discursivo em questão. Além disso, objetiva-se o balizar das noções de gênero a fim de compreender como essas questões impactam nas maneiras de 'Ser Mulher' e, em contrapartida de ser homem vislumbrando como o sujeito-mulher é construído no texto narrativo e em outras esferas.

A função-autor de Guimarães Rosa, possibilita um jogo com enunciados que intensificam a produção de sentidos. A começar pelo próprio título da obra, *Primeiras Estórias* (2005). O sentido resultado de "primeiras" e "estórias" escrito com 'e', vislumbram uma representação de rompimento com o discurso estilístico da linguagem, isto é, com a norma. A referência ao enunciado "história" no inglês *story*, comum das chamadas *short stories* que se faz presente na obra rosiana, uma vez que se refere também a contos pequenos, tratando-se do número de linhas. As nossas análises se desdobrarão sobre *Sorôco, sua mãe, sua filha*, *A menina de lá*, *A terceira margem do rio* e *Darandina*.

3.1 *MATÉRIA DE MALUCA!*: SER MULHER PELO VIÉS DA LOUCURA

Conforme mencionado no capítulo anterior, segundo Foucault (1995, p. 231) existem algumas práticas e regras que tornam os indivíduos em sujeitos por meio de objetivação e subjetivação, nomeadas pelo filósofo de "práticas divisoras", uma vez que o sujeito é moldado/fragmentado/deslocado conforme determinadas regras sociais, econômicas, sexuais, além de diferentes posições-sujeito, etc. Nesse sentido, o corpo feminino foi agenciado por meio da sexualidade para que se pudesse atender a uma matriz masculina e heterossexual. A figura secular da mulher histérica foi forjada sob uma rede de estratégias de macro e micro poderes e relações que fixaram e sustentaram discursos morais, religiosos, sexuais, econômico-sociais, dentre outros que se ofereceram à constituição do sujeito-mulher na

modernidade. É pela técnica do poder que se reconhece os indivíduos como sujeitos, seja a alguém ou alguma coisa.

Dialogando com Foucault (1995, p. 235, grifo do autor), "há dois significados para a palavra *sujeito*: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a", uma vez que tornar-se sujeito é assujeitar-se, ou seja, render-se a um modelo específico de sujeito ou de alguma coisa e em alguns casos, ser convocado a tal lugar, não considerando um movimento de escolha. É preciso ressaltar que as formas de sujeição são resultadas de um sistema socioeconômico "forças de produção, luta de classe e estruturas ideológicas que determinam a forma de subjetividade" (FOUCAULT, 1995, p. 236). Na *SE 39*, destacada do conto *Sorôco sua mãe, sua filha*, a constituição da mulher é objetivada (FOUCAULT, 1995) pelo discurso da loucura que se imbrica ao do "**pobre**" e a sentencia ao sanatório,

> *SE 39* para onde ia, no levar as mulheres, era para um lugar chamado Barbacena, longe. **Para o pobre, os lugares são mais longe** (ROSA, 2005, p. 62, grifo nosso).

Em meados da revolução francesa, não apenas a França, como outros países da Europa viviam graves crises econômico-sociais e com isso, muitas pessoas se encontravam em situação de mendicância nas ruas das grandes cidades. O discurso da "**pobreza"** reatualizado na *SE 39*, encontrou no terreno da loucura, justificativa legal para o banimento dos mendigos que lotavam os grandes centros e os assujeitaram também às casas de internamento/detenção. Na narrativa, a configuração do sujeito-mulher da mãe e filha de Sorôco é forjada em aspectos que ressaltam a condição e a classe social de pertencimento, um extrato social humilde, demarcado por meio das vestimentas e aspectos corporais das mulheres e outrora, por meio das ações e da linguagem evocada no canto que as configura enquanto loucas. Compreender como esses cenários reverberam é também entender a história a partir da perspectiva social, política e cultural que a compõe, em direção convergente à realidade, por meio de representações que ganham a escrita e as configuram junto à noção de memória foucaultiana, que quer tratar do (re)aparecimento de outros discursos e focalizações históricas caracterizando e produzindo outros (efeitos) de sentido (FERNANDES, 2012). A memória enquanto movimento de retomada e deslocamento dos discursos, delineia e repercuti à cidade de Barbacena-MG, conforme citado anteriormente, sede de um dos maiores manicômios de todos os tempos, o Hospital Colônia, local onde ocorreram mais de 60 mil mortes em pouco mais de 100 anos de vigência. Os internos não precisavam, necessariamente,

ter alguma doença, porque a transgressão se estendia a todas as ordens, dentre eles estavam; loucas, velhas caducas, prostitutas, mães *solo*, histéricas, etc. A constituição do sujeito-louco na narrativa imbrica-se a outros discursos que chancela o destino das personagens, tal qual é o discurso da loucura. O conto *Sorôco, sua mãe, sua filha*, reverbera o acontecimento do Holocausto, ao referenciar os vagões, o trem, as condições, etc., em que as loucas eram colocadas, os muitos judeus que adentravam aos campos de concentração com a promessa de uma vida nova. Mas tal função-autor ressignifica a loucura e a relação do lugar da mulher, uma vez que a loucura não será manifestação restrita às mulheres, como também em Sorôco ao fazer o caminho de volta para casa.

As mulheres não têm nomes. São quase sempre chamadas por velha ou moça. Mãe e filha no que se diferenciam dos outros considerados normais e se assemelham uma à outra por uma identidade comum, a da loucura. O discurso do louco está atrelado à constituição da mulher, conforme observamos a seguir,

> *SE 40* Enfunada em tantas roupas ainda de mais misturas, tiras e faixas, dependuradas – virundangas: ***matéria de maluco*** (ROSA, 2005, p. 62, grifo nosso).
>
> *SE 26* O que os outros se diziam: Sorôco tinha tido muita paciência. Sendo que não ia sentir falta dessas **transtornadas** pobrezinhas, era até um alívio (ROSA, 2005, p. 62-63, grifo nosso).

Nas SE 26 e 40, "**malucas**" faz referência ao desequilibrado, aquilo que não pode ser localizado no âmbito da racionalidade, bem como o plural "**transtornadas**" que versa sobre o que conseguiu transtornar, perturbar ou bagunçar. As mulheres em Sorôco, perturbavam não apenas a razão, mas se lançavam à inquietude e a transgressão de uma ordem social em que agir diferente de tudo aquilo que é ordinário ou fora da ordem e do comportamento inalterável, pensado e modelado para a figura da mulher em sua inabilidade, mas beleza. As "loucas" são descritas em seus disparates porque não faziam nada, não "respondiam" quando eram chamadas e outrora, configuradas no/pelo canto desrazoado que ninguém entendia. Delineadas pelas roupas desarranjadas que demarcara tão somente dada loucura, mas um aspecto horrendo que pelos seus trejeitos são orientadas à alusão de classe social da pobreza, ao passo que os caminhos são mais longos e as distâncias maiores para os sujeito-pobres. O processo de sujeição, segundo Foucault (1995), é produto e/ou consequência das instituições totalizadoras, dentre elas o Estado, portanto não pode ser analisado fora dessas relações de dominação e exploração. Estrutura ou ferramenta de poder, "o Estado é considerado um tipo de poder político que ignora os indivíduos, ocupando-se apenas com os interesses da

totalidade ou, eu diria, de uma classe ou grupo dentre os cidadãos" (FOUCAULT, 1995, p. 236), esse tipo de poder, de acordo com o filósofo, pode ser individualizador com suas formas de controle que agem sobre a vida no seu singular e assim o faz por meio de uma tecnologia de poder pastoral, característica advinda do discurso religioso, mais específico do cristianismo. A ideia de um pastor, cuja função é conduzir as ovelhas que o ouvem e seguem, porque se reconhece uma voz/verdade e se orientam ao destino da "salvação", isto é, a um progresso, a uma pertinência ao tradicional.

Em vista disso, Foucault (1995) delineia que o poder pastoral é a via pela qual se garante também a salvação individual, disposto ao sacrifício de uma, duas ou mais ovelhas em prol do rebanho, do todo. Esse tipo de poder não é o que proíbe, pois opera e incide na sociedade como um todo, mas também nas formas de sujeição individual ainda que com o consentimento dos próprios indivíduos, é uma forma de poder que se orienta à produção de verdade, individual ou coletiva. O Estado utiliza dessa tecnologia de poder para quadricular e controlar o sujeito-mulher, é "uma estrutura muito sofisticada, na qual os indivíduos podem ser integrados sob uma condição: que a esta individualidade se atribuísse uma nova forma, submetendo-a a um conjunto de modelos muito específicos" (FOUCAULT, 1995, p. 237). Por conseguinte, a instituição do Estado atua e interfere nas decisões de quem seriam mandados ao hospício e via de regra, custeia os gastos para o envio das mulheres ditas loucas, é considerado a "ajuda" na condição de Sorôco, uma das características do Estado moderno, o apagamento de um (ou mais) sujeito (s) em uma tentativa de que a "fruta podre" não corrompa as demais.

Foucault elenca que a arte de governar acontece no interior do Estado, nas maneiras de se conduzir e administrar os indivíduos, suas produções de riquezas, de bens e das coisas que o homem é capaz de produzir e estabelecer nas relações e interações, tendo em vista uma finalidade. Esse movimento pode ser ascendente, na medida que um indivíduo possa ser capaz de governar a si mesmo, sua família e riquezas para chegar aos níveis do governo do Estado e descendente, no sentido de que um Estado bem governado é aquele em que seus membros, chefes de família, saibam governar os seus, as suas propriedades e os seus bens. Diante disso, a arte de governar será vista e pensada por muito tempo a partir do elemento da família, sendo utilizada como instrumento para o governo das populações (FOUCAULT, 2019). Nesse sentido, a responsabilidade que cabe a Sorôco é visivelmente demarcada na narrativa. Primeiro porque Sorôco é sujeito-homem e a sua figura já está fixada, há séculos, às necessidades de provir e gerir a família (se convém). Segundo, porque o sujeito de Sorôco enquanto chefe de família, é preciso que saiba governa-la e fazê-la prosperar, o que, na

companhia das “loucas” não é possível, a ponto de o homem precisar de intervenção do Estado.

Assim sendo, pensar no discurso da loucura requer refletir acerca de outros discursos que estão imbricados e se relacionam a ele, conferindo *status*, caráter verídico e efeito de verdade, pois um discurso jamais terá suas margens precisamente delineadas, uma vez que se encontram em um emaranhado de outros discursos e enunciados já existentes, é, portanto, “nó em uma rede” (FOUCAULT, 2020, P. 28). O discurso jurídico; psiquiátrico; médico; do louco, da mulher. Segundo Foucault (2020, p. 131), o discurso “é constituído por um conjunto de sequências de signos, enquanto enunciados, isto é, enquanto lhes podemos atribuir modalidades particulares de existência”, sendo um grupamento de enunciados que se orienta em um conjunto sistêmico de formação, com princípios e/ou regras. Vislumbrar o discurso como o conjunto de enunciados é, também, como elenca Foucault (2020, p. 96), considerar o enunciado a menor partícula do discurso de modo que não possa ser reduzido, quebrado, mas que seja capaz de se isolar na sua singularidade como também de entrar em rede com outros enunciados ou elementos, como um “átomo do discurso”, cujas regras são a da *repartição* e do *grupamento*. Assim, pensar no discurso da mulher orienta-se na relação do enunciado masculino e/ou do religioso, por exemplo. O trajeto da casa à estação de trem delineia o envio das mulheres ao hospício. Tal percurso é conduzido por uma figura masculina, a de Sorôco que era o incumbido de levá-las. Nos casamentos tradicionais, é do homem, a responsabilidade que também conduz a mulher ao altar; geralmente frente a uma figura masculina que chancela uma união de pertença/consentimento a uma relação ou indivíduo, cuja representação é uma soberania de poder divino; o poder do bom pastor que conduz as ovelhas à salvação, mas é capaz de sacrificá-las se preciso, isto é, enviá-las ao internamento, como expresso na *SE 43*.

> *SE 43* Sorôco estava dando o braço a elas, uma de cada lado. Em mentira, parecia entrada em **igreja**, num **casório**. Era uma tristeza. Parecia **enterro** (ROSA, 2005, p. 62, grifos nossos).

A linguagem do canto desrazoado situa e modela os sujeitos à posição do louco. A falta de sentido, ou seja, de uma racionalidade prévia na ordem da cantiga, reafirma as posições-sujeito da/na loucura em que as mulheres são convocadas a assumir nas *SE 25* e *44*, delineada na irracionalidade da cantiga “**que ninguém entendia**”. O linguajar do canto é o averso da razão, visto que pouco ou quase nada se entendia dos sons que elas faziam, a cantiga que se fazia comum entre mãe e filha é *incomum* aos demais, conforme analisado anteriormente. A condição desqualificada das mulheres porque loucas, remonta um discurso

marginalizado do gênero feminino, de maneira que a punição sob forma de envio ao manicômio não infringia a ordem da lei, conforme aponta a *SE 45*, "**sem jurisprudência de motivo**" senão, porém mulher e louca? A construção da identidade masculina de Sorôco acontece de forma diferente, ainda que entoando o mesmo canto, recebe como destino final, a sua casa novamente, enquanto as desrazoadas são enviadas ao hospício, conforme observamos nas descrições abaixo,

> *SE 25* Mas a gente viu a velha olhar para ela, com um encanto de pressentimento muito antigo – um amor extremoso. E, principiando baixinho, mas depois puxando pela voz, ela pegou a **cantar**, também, tomando o exemplo, **a cantiga mesma da outra que ninguém não entendia** (ROSA, 2005, p. 63, grifos nossos).
>
> *SE 44* A moça, aí, tornou a **cantar**, virada para o povo, o ao ar, a cara dela era um repouso estatelado (ROSA, 2005, p. 63, grifo nosso).
>
> *SE 45* agora, mesmo, a gente só escutava era **o acorçôo do canto**, das duas, aquela chirimia, que avocava: que era um constado de enormes diversidades desta vida, que podiam doer na gente, **sem jurisprudência de motivo nem lugar, nenhum**, mas pelo antes, pelo depois (ROSA, 2005, p. 63, grifos nossos).

Foucault (1995) explica que as formas de sujeição, isto é, daquilo que torna indivíduos como sujeitos, são resultados e oriundos de processos socioeconômicos; as tecnologias de poder, as estruturas de produção e as divisões de classe agem incisivamente nas formas de subjetividade, através do discurso. Nesse sentido e dialogando com Foucault (2020), observar o enunciado do louco ou da loucura requer pensar na remanência desses enunciados em outras materialidades discursivas, não no sentido de um campo de retorno ou memória possíveis, mas pela recorrência de determinados suportes que permitem os modos de existência dos enunciados, "eles estão investidos em técnicas que os põem em aplicação, em práticas que daí derivam em relações sociais que se constituíram ou se modificaram através deles" (FOUCAULT, 2020, p. 151), conforme observamos a remanência do enunciado da loucura em outros contos rosiano, considerando que esses enunciados a partir do fenômeno da recorrência, compreendem elementos de outros campos associados antecedentes e podem se reorganizar em novas interações e condições de possibilidade, como no caso de *A menina de lá.* A história se trata de Maria, dita Nhinhinha que possuía comportamentos e condutas que se destoavam daquilo que a família esperava da filha, ou seja, que escapava a uma norma, visto que a menina inventava palavras, subvertia a linguagem e era sempre muito reclusa na maior parte do tempo. O enunciado da loucura incide na constituição do sujeito-mulher de Nhinhinha, uma vez que ela tem sua subjetividade marcada no próprio âmbito familiar como

uma menina apática e silenciosa, quando muito se referia a histórias "sem sentido" ou absurdas, de modo que "**ninguém entende muita coisa que ela fala**". O enunciado do louco ganha suporte recorrente nos comentários do pai acerca da menina, que é situada em uma posição de não-compreensão no que diz respeito a sua postura,

> *SE 46* **Ninguém entende muita coisa que ela fala** – dizia o Pai, com certo **espanto**. Menos pela **estranhez** das palavras (...) (ROSA, 2005, p. 65, grifos nossos).

A loucura é justamente uma "**estranheza**" não apenas das palavras, mas do horror, do avesso. É o que assusta e por isso é preciso afastar ou distanciar-se. O discurso da loucura assegura a identidade da menina sob determinada irracionalidade, isto é, incapacidade de estabelecer uma relação de interação sociável e/ou formular percepções coerentes entre significado e referencial. Na *SE 47*, o sujeito em questão é objetivado à ausência do pensamento, pois a sua fala é vaga e, portanto, não possui credibilidade de reconhecimento ou *status* de verdade, "**pelo esquisito do juízo ou enfeitado do sentido**". Além disso, na *SE 48*, o discurso da loucura delineia a condição para situar o sujeito de Nhinhinha. A referência geográfica da casa que se sobrepõe à "**serra do mim",** predispõe à representação de um plano em que o louco precisa ser colocado, isto é, em um entre-lugar em uma fronteira que configura também a sua própria e insidiosa existência, de mundos que não lhe são possíveis pertencer e no qual se está sempre em transição, como verificamos nas sequências a seguir,

> *SE 47* Pois só em raro ela perguntava, por exemplo: – *"Ele xurugou?"* – e, vai ver, quem e o quê, jamais se saberia. Mas, pelo **esquisito do juízo ou enfeitado do sentido**. Ou referia **estórias, absurdas, vagas**, tudo muito curto (ROSA, 2005, p. 65, grifos nossos).

> *SE 48* Sua casa ficava para trás da **Serra do Mim**, quase no meio de um brejo de água limpa, lugar chamado o Temor-de-Deus (ROSA, 2005, p. 65, grifo nosso).

Nhinhinha é marcada pela irracionalidade da linguagem e de suas ações. Retomando as discussões foucaultianas (2019), o louco é essa figura situada em uma "passagem absoluta", terra da razão e da desrazão, uma vez que a loucura só existe porque é situada no páreo racional, sendo proporcionais, conforme explanado anteriormente. É também a posição a qual se inserem o sujeito-mulher, que configura e atribui dada identidade de loucura à menina que se conservava na sua inércia. O louco, ainda dialogando com Foucault (2019), durante muito tempo foi comparado ao animal, enfatizando a ideia de selvageria, brutalidade e a incapacidade de raciocinar. É nessa redução do louco ao mesmo nível animalesco que o fixa

à irracionalidade à condição de pensamento do sujeito louco, considerando-o inábil para o exercício do pensamento ou de escolhas que demandem tal uso.

3.2 CORPO, DISCURSO, GÊNERO E DIFERENÇA: A CONSTITUIÇÃO GENERIFICADA DA MULHER E AS IDENTIDADES MASCULINAS NA TRAMA ROSIANA

Refletir e problematizar a constituição do sujeito-mulher nos excertos supramencionados, frequentemente nos direciona às reflexões acerca dos gêneros, visto que o enunciado da loucura incide sobre o corpo feminino. Analisar esse processo é retomar os saberes, as práticas e técnicas que reafirmaram a criação de uma figura secular da mulher como louca. Segundo Dreyfus; Rabinow (1995), o alcance e a visibilidade de atenção que se dá ao sexo na virada do séc. XVII para o XVIII, já no período clássico está imbricado ao discurso religioso que nivelara as práticas e manifestações sexuais à transgressão carnal e por isso também fora de responsabilidade cristã zelar pela não infração ou cometimento desse "pecado" ou transgressão. Depois, as práticas e manifestações sexuais ganharam evidência na ordem da lei, atuando na produção de novos métodos que refletiram de maneira direta na forma como a população passou a lidar com os gêneros/sexos, se estendendo aos domínios do Estado. Diante disso, é no século XIX que acontece a separação de duas áreas que dizem respeito ao sexo; uma medicina do corpo e uma área que se ocupasse da sexualidade. Esse desmembramento facilitou o processo de domínio e controle dos corpos, bem como o esquadrinhamento de identidades (também de sexualidades) desejadas.

Para Foucault (1988), a sexualidade é compreendida como um processo singular do sujeito, uma vez que ela quer tratar das particularidades que são produzidas e atribuídas aos segredos do corpo e aponta para o essencial humano. Em vista disso, o dispositivo da sexualidade lança-se à caracterização particularmente médica do sexo, refletindo na produção do regime de verdades sobre o sexo e logo, os gêneros ao produzir a figura da mulher histérica. Ainda dialogando com o filósofo, a sexualidade ganha existência na correlação do discurso científico, religioso e da loucura, a partir de práticas que, subsidiadas por esses enunciados e perpassadas pela tecnologia de poder, estruturaram vontades de verdade acerca do corpo da mulher. O que traz o corpo feminino para o centro dos estudos acerca do sexo é a ideia de que esse corpo denota uma sexualidade em abundância,

> aquilo que trouxe o corpo da mulher para os discursos analíticos da medicina. Por meio desses discursos médicos, tanto a identidade pessoal da mulher como a futura saúde da população são unidos na mesma conjunção do saber, de poder e de materialidade do corpo (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 188-189)

É isso que o torna alvo de estudos e também de uma vigilância recorrente na tentativa de padronização de modelos de 'ser' dos gêneros. De acordo com Louro (2014), para vislumbrar as disparidades de gênero não é necessário observar as práticas ou características sexuais, visto que é resultado de uma produção sócio-histórica, Louro (2014, p. 25) completa afirmando que "para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos", pois é nesse campo social que se constroem e (re)produzem relações e posições desiguais entre sujeitos.

Nhinhinha subverte as práticas comuns linguajeiras de seu espaço, bem como corporais e problematiza a linguagem por meio da inversão das relações sintáticas que formula. O discurso da loucura, segundo Foucault (2019), produziu algumas doenças e sintomas que estiveram e estão associados à identidade da mulher tais como demência; melancolia, mania, histeria e hipocondria, todas relacionadas às emoções do espírito e também conhecidas como "doenças dos nervos". O sujeito de Nhinhinha é atrelado à identidade da inutilidade que "**perpetua**", isto é, perdura, dura-se por um longo tempo, ao passo que "**assusta**". A imobilidade marcada nas *SE 15*, *28* e *49*, constrói uma identidade de um sujeito que não se faz sociável e por isso não é notado e tampouco reconhecido como capaz de exercer sua liberdade de escolha.

> *SE 15* De vê-la tão **perpétua** e imperturbada, a gente se **assustava** de repente (ROSA, 2005 p. 66, grifos nossos).
>
> SE 28 Fazia vácuos. Seria mesmo seu tanto **tolinha**? (ROSA, 2005, p. 66, grifo nosso).
>
> *SE 49* suabilíssima, **inábil** como uma flor [...] (ROSA, 2005, p. 66, grifo nosso).

Voltando à dialogar sob os postulados de Foucault (2019), na Idade Clássica, descobriu-se que se poderia punir o louco a fim de que se pudesse retornar à "racionalidade" com o uso de violência física, médica ou afins e ficava à cargo da família, igreja ou do rei a decisão de enviar o parente às casas de internamento, isto é, aos hospícios, de forma que o poder estivesse sob o domínio das instituições, "procura-se obter o consentimento de toda a

família ou, em todo caso, saber das razões da rivalidade ou do interesse que impedem, se for o caso, que se consiga essa unanimidade" (FOUCAULT, 2019, p. 129).

Por conseguinte, a punição para a menina é colocada em questão. O castigo que possivelmente recairia sobre Nhinhinha quer tratar de uma tentativa de fazer surgir noções no sujeito capazes de serem formuladas sob a ordem da razão. Certo de que a menina não possuía atitudes convenientes à normalidade, a família se indaga sobre qual método punitivo "real", isto é, técnica eficiente capaz de "solucionar" o irreal problema que é a loucura, como observamos na *SE 50* logo abaixo. Além disso, como punir uma menina que não atende aos padrões de linguagem, às condutas e comportamentos e, em contrapartida, configura comportamentos para outros sujeitos mesmo após sua morte? A constituição da identidade da mãe de Nhinhinha é a de dona de casa, cuidadora do lar e dos filhos; e o pai incumbido de provir o alimento à família, sitiante se ocupava com o serviço da roça.

> *SE 50* Ninguém tinha **real poder** sobre ela, não se sabiam suas preferências. **Como puni-la?** (ROSA, 2005, p. 66, grifos nossos).

> *SE 51* E mais para repassar o coração, de se ver quando a Mãe desfiava o terço, mas em vez das ave-marias podendo só gemer aquilo de – Menina grande... Menina grande... – com toda **ferocidade**. E o Pai alisava com as mãos o tamboretinho em que Nhinhinha se sentava tanto, e em que ele mesmo se sentar não podia, que com o peso de seu corpo de homem o tamboretinho se quebrava (ROSA, 2005 p. 68, grifo nosso).

Nessa perspectiva, o falecimento da menina evoca possíveis representações de loucura no que diz respeito ao comportamento da mãe ao final da narrativa. A emergência do enunciado "**ferocidade**", do latim *ferocitas, atis*, se trata da qualidade daquilo/daquele que é feroz, selvagem ou indomado, mas também denota determinada ameaça que se deve/quer afastar-se o risco. O sujeito-mulher é localizado no terreno da animalidade, ao passo que a mãe é significada de tal forma, ainda que passasse boa parte do tempo cuidando da casa, da filha e/ou rezando. Já a identidade masculina do pai não é colocada em questão. À medida que essa caracterização é delineada ao longo da narrativa, como um homem que se dispõe da razão e enquanto pai de família, ele ocupa, no imaginário das representações, um lugar de domínio, controle e organização do espaço e dos sujeitos constituintes da família, bem como suas atitudes/ações são marcadas por dada serenidade, ao alisar o pequeno banco onde a menina costuma se sentar.

Quando evidenciamos o discurso da loucura, também o percebemos na materialidade do texto *A terceira margem do rio*, embora se inscrevera no corpo do sujeito-personagem, não gera o mesmo efeito tal qual nos demais excertos de outras tramas que foram analisados

anteriormente. O conto que leva a epígrafe dessa pesquisa trata da realidade de um homem que morava com a sua família próximo a um rio e levava uma vida bucólica e tranquila até que se decidiu mandar fazer uma canoa. A ideia parecia compreensível até o dia em que a canoa ficou pronta, pois poderia ser para pesca, caça ou qualquer atividade que utilizasse do objeto que, curiosamente foi desenhado com um único assento. À medida que o barco fica pronto, o homem lança mão de si às margens do rio e ali permanece por muito tempo sem nenhuma explicação e sem qualquer recurso de sobrevivência, "**ele não tinha ido a nenhuma parte**", "**sempre dentro da canoa**", conforme podem ser expressos nas *SE 52* e *53*,

> *SE 52* **nosso pai não voltou**. **Ele não tinha ido a nenhuma parte**. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, **sempre dentro da canoa**, para dela não saltar, nunca mais (ROSA, 2005, p. 78, grifos nossos).

> *SE 53* De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, **por todas as semanas, e meses, e os anos** – sem fazer conta do se-ir do viver (ROSA, 2005, p. 79, grifos nossos).

O homem que se situa entre às margens, nem de um lado nem de outro, mas no curso das águas do rio, solitariamente, delimitando-se nas fronteiras marginais da loucura e possivelmente em um não-lugar de pertencimento do sujeito. Compreender a atitude repentina de se isolar em uma canoa às margens de um rio gerava questionamentos de familiares e moradores da vizinhança. A loucura quadricula aqui, um comportamento que foge à noção de norma (FOUCAULT, 2014b), visto que uma embarcação serviria de utilidade para a realização de várias atividades, mas não de moradia com um único assento para um homem que tinha casa e família e se isenta de qualquer esclarecimento. A atitude de permanecer em uma canoa por tempo indeterminado configura uma espécie de "**doideira**", mas a construção desse sujeito se nega ao discurso da loucura. Em outras palavras, essa identidade louca não é legitimada mesmo diante do desdobramento dos acontecimentos no texto, não se poderia dizer que o homem possuía alguma loucura ou que fosse louco, pois o pai sempre se manteve "**ordeiro**" e responsável,

> *SE 54* todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: **doideira** (ROSA, 2005, p. 78, grifo nosso).

> *SE 55* desde mocinho e menino, pelo que **testemunharam** as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação (ROSA, 2005, p. 77, grifo nosso).

O sujeito-personagem do pai tão somente morava no curso do rio como também de deslocava na correnteza, não estabelecendo contato com quem fosse, desaparecia entre os galhos e árvores da água como quem conhecesse o rio com a palma da mão. Um dos filhos que se ocupava de deixar comida no barranco para que o homem pudesse pegar, se predispõe às indagações de ser louco. Não se podia considerar o pai um transtornado mesmo diante das atitudes de loucura, a figura masculina não era situada na posição de alienado, visto que um homem sempre ajuizado não poderia perder a consciência, o corpo masculino não é e não pode ser reconhecido na loucura, porque o sexo masculino deve representar o oposto, a razão (FOUCAULT, 2019; PERROT, 2019).

> *SE 56* Na nossa casa, a palavra *doido* não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é *doido*. Ou, então, todos (ROSA, 2005, p. 81, grifo do autor).

Doravante, esse movimento também pode ser observado na constituição do sujeito no texto de *Darandina* acontece de outra forma, como destacado. A história que se trata da vida de um homem comum que, sem muitas dificuldades e tendo que escapar de ser linchado, escala e se instala no topo de uma palmeira em uma praça próxima a um hospício. A figura do homem desvela-se na nudez e nos malabarismos a metros do chão e, diante disso, reúne especialistas da ordem médica, judicial, psíquica, etc., e uma multidão que o acompanha e vibra com as suas atitudes que configuram indícios de loucura, ainda que esteja "**vestido correto**", ao contrário das "**virundangas**" e dos disparates de Sorôco, sua mãe, sua filha

> *SE 57* quase no meio da praça, instalava-se uma das **palmeiras-reais**, talvez a maior, mesmo majestosa. Ora, ora, o **homem, vestido correto como estava**, nela não esbarrou, mas, sem nem se livrar dos sapatos, **atirou-lhe abraçado** (ROSA, 2005, p. 172, grifos nossos).

O homem se equilibra no alto da palmeira de lá, profere discursos e comentários que não podem ser colocados na mesma ordem que a da razão. Uma vez que o acontecido se passa próximo ao manicômio, a comunidade pressupõe que um interno poderia ter fugido, mas funcionários do hospital desmentem a informação, ao desconsiderá-lo louco pelos aspectos visíveis, isto é, pela aparência. O sujeito por fim, retorna à "consciência" e desiste da ação. O homem que assim como em *A menina de lá,* subverte a fala ao questionar ou exprimir comentários que não possuem nexos quando se trata de um padrão de linguagem, manifesta atitudes de loucura, como observamos na *SE 58*.

> *SE 58 uma palmeira é uma palmeira ou uma palmeira ou uma palmeira?* (ROSA, 2005, p. 172, grifo do autor).

De acordo com Foucault (2019), é durante o século XVIII que se reestrutura a noção de "sujeito de direito" com a noção de experiência para o homem social contemporâneo e esse ajuste sofre influência do pensamento político-filosófico do Iluminismo, forjado no uso da razão e da reconciliação de conflitos. Essa reorganização faz surgir uma medicina positivista que admite a possibilidade de alienação do sujeito de direito, na ordem da jurisdição e a ligação com a viabilidade de loucura do homem social ou sociável, duas realidades que permite identificar o louco em termos de direito e nas proporções sociais. Ainda em diálogo com Foucault (2019), é somente com Pinel que o momento da junção entre as duas partes acontece e a interdição se torna a condição do internamento em uma reforma psiquiátrica que reconheceu o louco como ser humano e tratamento médico, conforme aponta o filósofo,

> o internamento do homem social preparado pela interdição do sujeito jurídico significa que pela primeira vez o homem alienado é reconhecido como incapaz e como louco; sua extravagância, de imediato percebida pela sociedade, limita – porém sem obliterá-la – sua existência jurídica (FOUCAULT, 2019, p. 133).

Nesse sentido, uma experiência social da loucura que diz respeito à dicotomia do perigoso e não-perigoso e jurídica, no que tange aos limites que os sujeitos podem assumir enquanto alienados. Segundo Foucault (2019), o louco não é reconhecido como sujeito de direito pelo fato de possuir dada patologia, mas porque foi afastado para as margens da normalidade pela história e pela cultura que o situou no "ponto de encontro entre o decreto social do internamento e o conhecimento jurídico que discerne a capacidade dos sujeitos de direito" (FOUCAULT, 2019, p. 133). A Idade Clássica vivenciou a experiência da loucura nessas duas formas diferentes, diante de uma loucura que circunda esse sujeito de direito e o descredita da responsabilidade jurídica, na interdição pela doença e, do outro lado, a alienação que abrange o homem social, ligado a uma consciência da imoralidade e do internamento. Diante das atitudes de desatino do homem, o "dr. Diretor, a Polícia, o Palácio do Governo" são chamados para uma tentativa de contenção do corpo louco. Por conseguinte, a constituição desse sujeito-louco é orientado às percepções da loucura e se torna alvo de análise das possíveis doenças que o sujeito poderia ter,

> *SE 17 excitação maníaca, estado demencial... Mania aguda, delirante* (ROSA, 2005, p. 174, grifo do autor).
>
> *SE 59 psicose, paranóide hebefrência*, dementia praecox (ROSA, 2005, p. 174, grifo do autor).
>
> *SE 18 síndrome exofrênico de Bleuler* (ROSA, 2005, p. 180, grifo do autor).

As doenças grifadas nas *SE 17, 18 e 59* reatualizam a nosografia do período clássico enquanto variações da loucura. Levam ao homem "empalmeirado", uma camisa-de-força, bem como guardas e o delegado com a função de prevenir a "desordem", certo de que o louco é essa figura fora da "ordem", isto é, da norma, que escapa às margens da anormalidade e é preciso estabelecer a coerção, fixar o domínio do corpo a uma determinada experiência. Diferentemente da época clássica em que a condição da doença, apoia-se em uma tecnologia de poder individualizante e totalizadora dentro de uma matriz, não se faziam muitas classificações ou agrupamentos coerentes, de maneira que os sujeitos pudessem ser "incluídos" sob a condição de que a "individualidade se atribuísse uma nova forma, submetendo-a um conjunto de modelos muito específicos" (FOUCAULT, 1995, p. 237). No desdobramento do conto *Darandina*, aparecem as figuras do professor, do diretor do hospital, enfermeiros, dos guardas da cidade, bombeiros e da polícia que se imbricam à vigilância do homem "**bestificado**", como é chamado. À medida que o sujeito se equilibrava no alto da palmeira, a comunidade o aplaudia em uma espécie de concordância e satisfação com os seus malabarismos, caracterizados até então como desatino, os sujeitos da *lei* se certificavam de analisar e acompanhar o homem em uma espécie de vigilância.

A constituição do homem que é perpassada pelo discurso da loucura também faz jus ao título *Darandina*, que significa balançar ou dandinar, quadriculando e referenciando os movimentos que o corpo faz em altura, mas retorna à consciência a ponto de descer da árvore. Como mencionado no capítulo 1, a loucura foi situada no páreo da razão ainda na Idade Clássica e essa relação proporcional, embora tênue, potencializa significado para o movimento que o sujeito faz de retornar à consciência, isto é, à racionalidade, fazendo com que ele se arrependa de se manifestar desnudo na iminência de riscos. Dialogando com Foucault (2019, P. 33), a loucura "só existe com relação à razão, mas toda a verdade desta consiste em fazer aparecer por um instante a loucura que ela recusa, a fim de perder-se por sua vez numa loucura que a dissipa (...) ela "é considerada no ciclo indefinido que liga à razão; elas se afirmam e se negam uma à outra" de modo que não podem ser analisadas na sua individualidade e só adquirem valor quando relacionadas. O sujeito que havia acordado do "sono" da loucura, recobra a condição de possiblidade do pensamento, agora "**lúcido**", "**relucidado**", "**dessonambulizado**" da loucura e de volta à experiência do homem social que tão somente consegue retornar à lucidez, bem como possuiu autonomia para interromper o espetáculo de insanidade que acontecia na praça,

> *SE 60* Estava em equilíbrio de razão: isto é, lúcido, nu, pendurado. Pior que **lúcido**, **relucidado**; com a cabeça comportada. **Acordava**! Seu acesso, pois, tivera termo, e, da idéia delirante, via-se **dessonambulizado** (ROSA, 2005, p. 183, grifos nossos).
>
> *SE 61* desprojetava-se, coitado, e tentava **agarrar-se**, inapto, à **Razão Absoluta**? (ROSA, 2005, p. 183, grifos nossos).

Diante disso, é possível observar a constituição de um sujeito masculino que, apesar de todas as atitudes de loucura no desdobramento da narrativa, se dispõe da oportunidade de um retorno à consciência, não tendo a loucura como doença e irrupção do sujeito de direito nem do homem sociável ao retornar à capacidade de formular pensamentos. A loucura pela linguagem, redesenha um desfecho racional ao homem, ainda que em outras de nossas análises, a constituição do sujeito é desigualmente marcada entre gêneros que tão somente se baseiam nas relações de interação entre os sujeitos como também são resultados delas. Nesse sentido, a construção de masculinidades se orienta e é atravessada por construções sociais percebidas entre os gêneros, na medida que o sujeito-mulher é vislumbrada e fadada ao horizonte da loucura e o homem se dispõe da possibilidade de se recompor-se como sujeito-sociável. A compreensão dessas diferenças de gêneros está ligada aos comportamentos, isto é, às formas de subjetividade "adequadas" para homens e mulheres na sociedade, pois, como aponta Scott (1995), "trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. 'Gênero' é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado" (SCOTT, 1995, p. 75). O gênero constitui-se de elementos advindos das relações sociais que são estruturadas e observadas entre os sexos.

Lançar o olhar para a constituição do gênero como um conjunto de elementos socialmente construídos, atrelado às relações de poder-saber e ferramenta de produção de sujeitos e identidades, logo culturalmente modificáveis e estabelecidas, possibilita enxergar que a construção de 'ser Mulher' nos recortes discursivos anteriormente analisados, se baseia na diferença e exclusão do corpo feminino. Assim como em *Sorôco, sua mãe, sua filha* e *A menina de lá*, a composição do sujeito-mulher é frequentemente relacionada ao discurso da loucura e do louco, fixando identidades específicas para as mulheres; pobres transtornadas, loucas, desrazoadas diante da patologia como justificativa de irrupção do ser social. Seja mãe, filha ou Nhinhinha, a mulher é isenta de escolhas no nível da lei, uma vez que nem mesmo o desfecho de sua história lhe pertence de fato, não pela insanidade que se registra, mas por uma tecnologia de poder que desde à Idade Média se estrutura no controle dos corpos, principalmente ao final do século XVIII, ao tornar o corpo alvo de uma analítica minuciosa da

sexualidade. As muitas pacientes das casas de internamento, do Hospital Geral ou no Colônia, de Barbacena-MG, não possuíam indícios de loucura, mas representaram a transgressão de um modelo único (da norma) de ser mulher; eram prostitutas, velhas caducas, mães *solo*, gestantes que eram engravidadas por seus patrões, bígamas ou consideradas loucas.

Por outro lado, quando nos deparamos com *A terceira margem do rio* ou *Darandina*, a configuração se trata de sujeitos masculinos que não são situados no nível da loucura ou reconhecidos nela, ainda que o desdobramento da narrativa confirme essas suposições. A constituição de masculinidades é regida de forma racional, pautada na virilidade e na imagem do homem como representação da razão absoluta; de uma posição-sujeito que não pode admitir manifestações de insanidade ou demonstrar uma anormalidade visível, ao contrário de como acontece com a mulher. O sujeito que embarca em um barco de assento único e não retorna, anão ser quando o filho propõe tomar o seu lugar após muitos anos, o que não se efetiva e mesmo assim, não o legitima doido. E em segundo, o homem que se arrisca no alto de uma árvore, é aplaudido pela comunidade, mas retorna à consciência de seu comportamento, recobrando uma lucidez possível ao desistir da ação. Ainda, em *Sorôco, sua mãe, sua filha*, a figura masculina de Sorôco se apropria do canto sem sentido e ilógico das mulheres e recebe o consolo do povo que o acompanha à casa. Assim sendo, é possível perceber como a loucura por meio da linguagem consolida diferenças por e entre gêneros que não apenas podem ser observadas nos excertos, mas potencializam uma representação similar na extensão do âmbito social.

Foucault (2000) olha para a literatura de forma singular em uma relação com a linguagem e esclarece que, a linguagem, comumente conhecida como o sistema/conjunto aparente de tudo aquilo que pronunciamos ou compreendemos circunscreve a obra como uma configuração opaca e espessa da linguagem. Nessa perspectiva, a literatura como o vértice dessa relação entre obra e linguagem, um terceiro ponto diferente, “na distância, na separação, no triângulo, na dispersão de origem onde a obra, a literatura e a linguagem se ofuscam mutuamente; isto é, se iluminam e cegam umas às outras para que, talvez graças a isso, algo de seu ser venha sorrateiramente até nós” (FOUCAULT, 2000, p. 141), como um simulacro da linguagem e aquilo que pode e deve ser dito, fazendo de si o seu próprio objeto. Foucault quer falar de uma não-definição para a literatura ao considerá-la como “página em branco” ou superfície não-marcada, pois a literatura é justamente o desenho das palavras na brancura do papel. As palavras irrompem, na obra, em uma espécie de transgressão, pois segundo Foucault (2000), não pertencem a uma literatura essencialmente de origem, é por isso que a obra é considerada um fragmento continuado da literatura.

Nesse sentido, é somente no séc. XlX que se situa a compreensão da literatura como uma linguagem transgressiva e repetida, uma reduplicação do próprio livro que se orienta ao infinito, pois versa sobre si em um espaço que a obra apenas se constitui como o irrompimento ou a fragmentação dela. A linguagem é espaço. De acordo com FOUCAULT (2000, p. 168), ela opera no e para o tempo, mas a sua função "não é o seu ser: se sua função é tempo, seu ser é espaço", pois os seus elementos apenas ganham sentido dentro de um sistema sincrônico de palavras, além de uma hierarquia que possibilita a combinação de elementos, signos e operações que podem ser organizados conjuntamente nesse espaço de forma a adquirir valor, isto é, sentido ou legitimidade. Tão somente espaço para a construção de discursos possíveis, mas para a relação da literatura e as diferenças entre gêneros percebidas dentro e fora da narrativa, ou seja, nas esferas sociais.

Por fim, a literatura enquanto um desdobramento da linguagem ao infinito é esse espaço em que se é possível produzir combinações, organizar sequências, transformar e estruturar elementos e palavras. É também espaço para a produção de sujeitos, visto que ela é lugar e ferramenta que incide na constituição do sujeito-mulher como louca e se orienta diferentemente quando se trata da figura masculina. A literatura é o que está para acontecer entre a linguagem e o espaço, ela possibilita que se coloque em questão os discursos que estruturam e semeiam as desigualdades entre mulheres e homens e além disso, se lança como materialidade disponível para o embate e a produção de críticas acerca da posição que a mulher foi e tem sido situada na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao lançar olhar para as páginas iniciais deste texto, é possível visualizar uma breve descrição acerca dos 4 contos previamente definidos, materialidade e *corpus* de análises dessa pesquisa – *Sorôco, sua mãe, sua filha*, *A menina de lá*, *A terceira margem do rio* e *Darandina* foram escolhidos, pois são materialidades que ressaltam e colocam em evidência o objeto da loucura que, ao ser colocado em questão, produziu identidades dissemelhantes entre os gêneros do feminino (analisado nos primeiros dois textos) e o masculino representado nos últimos dois, respectivamente. Dispor dos excertos selecionados como formas discursivas de análises, nos orienta ao questionamento de um mesmo objeto que enviesa o sujeito-mulher em identidades de loucura, ao passo que recorta para o homem outras identidades, essas forjadas em dada racionalidade. É sob esse olhar discursivisado que enxergamos esta pesquisa num panorama de representações de loucura vinculadas à mulher que condicionam seu comportamento e constrói suas identidades.

A relevância deste estudo se faz valer sobre os objetivos anteriormente definidos, uma vez que é pelo e no discurso da loucura, a construção social, cultura e histórica das objetivações que esquadrinham o sujeito-mulher na narrativa. Esse processo de constituição do sujeito acontece no desenrolar dos contos mencionados e estando imbricado às tecnologias de poder-saber bastante refinadas que desponta nas relações dos/entre os sujeito-personagens e em relação ao próprio sujeito fragmentado. A mulher é, initerruptamente, objetivada em identidades de loucura e esse movimento faz surgir subjetividades particulares, de resistência ou não, como no canto sem razão do sujeito-mulher de Sorôco, por exemplo. As feminilidades idealizadas à mulher pressupõem uma identidade do feminino enviesada no sistema de bom comportamento e na obediência de um sujeito considerado passivo ou ápatico. Embora, é na contradição e nas possibilidades de ruptura que esse sujeito exista ainda que do outro lado da margem da razão. O segundo é que nossa hipótese se comprovou. É o discurso que agencia o sujeito em especificas formas de comportar-se e até mesmo vestir-se. A loucura caracteriza Nhinhinha um sujeito delineado e inserido em comportamentos opostos ao que a família projetara para a criança, não gostando de brincadeiras comuns como as de "boneca de pano". Outrora as loucas são descritas em vestimentas de "**disparates**" e "**virundangas de maluco**!" em *Sorôco, sua mãe, sua filha*. Esses processos de construção identitários, ainda que se diferenciem entre si, é da mulher que se quer tratar. E mais do que isso, é sobre as formas opressoras, de saber-poder, violentas ou não, preconceituosas, socio culturalmente instituídas que perpassam, cortam, incidem e institui esse sujeito na narrativa rosiana.

No precipitar das considerações iniciais desta pesquisa, repara-se o excerto, dito epígrafe, a referência ao conto *A terceira margem do rio*, parte do conjunto de contos da obra *Primeiras Estórias* (2005) e superfície narrativa para a possibilidade de analisar nas *Sequências Enunciativas* iniciais contempladas no capítulo 1 sob título "*DA NAU DOS LOUCOS AO TREM DOS DOIDOS:* um breve recorte sobre a loucura", a restituição da loucura enquanto discurso/acontecimento (FOUCAULT, 2014A, 2019), incidindo na constituição do sujeito-pai, de forma a escamoteá-lo em comportamentos

anormais ainda que estes sejam negados. Os recortes feitos da materialidade de *A terceira margem* nos são caros, pois tratam de uma estrutura meramente patriarcal que situa o homem na posição-chefe-de-família, constituindo-o como sujeito de determinada racionalidade, na medida que representa uma posição porfiada em fisionomias corpóreas e biológicas que predispõe o sujeito-homem em identidades positivistas e racionais como descritos na *SE* 01 As marcações dessas subjetividades ocorrem através dos enunciados já citados "**ordeiro**", "**positivo**", "**cumpridor**" que não somente dialogam entre si como também instauram (e)feitos de sentido atrelados a outras formações discursivas de enunciados como o machismo, por exemplo, ao orientar e situar o sujeito-homem em uma matriz heterossexual (LOURO, 2014; BUTLER, 2020) sob dada racionalidade que lhe é oferecida e condicionada pela ordem biologizante do sexo, considerado o homem por si só, superior à figura da mulher.

Ainda no primeiro capítulo, as sequências enunciativas utilizadas tendo em vista o sujeito na materialidade de *A menina de lá*, instaura uma identidade oposta ao do sujeito-homem da canoa do conto anteriormente mencionado. O discurso da loucura enquanto prática social e divisora, incide na objetivação do sujeito-homem à irracionalidade quando ele decide abandonar a família para viver sozinho na superfície de um rio e em uma canoa de lugar único, mas a exaltação do gênero masculino torna-se condição para que um *body matters* (FOUCAULT, 1995; BUTLER, 2018). Um corpo que importe. O peso dessas diferentes construções identitárias aponta para o exato vértice o qual o sujeito das entre-margens é convidado a assumir: a posição-louco. Mas o mesmo discurso objetiva Nhinhinha à loucura. O sujeito de Nhinhinha tem suas subjetividades delineadas no desatino e na irracionalidade, uma vez que essa economia da aparência (COURTINE, 2013) e o regime de visibilidade que pré-molda essas performações identitárias é enviesado no jogo de relações de poder e interesse que ganham formas na postura da própria família para com a menina. A família deduz e aponta a sua loucura, mas esperam que esse corpo se faça útil para a produção de riquezas (FOUCAULT, 2014B), uma vez que a menina realizava feitios extraordinários que poderiam vir ao encontro dos interesses da parentela.

Ainda se tratando da figura de Nhinhinha, a menina não apenas é sujeito-alvo e útil do poder como é resultado de um processo social que fundamenta as suas manifestações e representações na loucura devido à subversão de sua linguagem que é incompreendida no âmbito da razão. Essas relações de poder e de força também são percebidas em excertos de *Sorôco, sua mãe, sua filha*, no qual a linguagem através do enunciado canto sem razão, é precipitada pelo sujeito-mulher e opera na sua construção identitária ao orientar-se no absurdo. Esse movimento que antecede o envio ao internamento é subjugado ao olhar discursivo da população e do viúvo Sorôco que sinalizam representações identitárias às "**transtornadas**", "**pobrezinhas**", tecendo identidades sensíveis ao discurso do louco e caracterizando-as segundo às fisionomias visíveis da exterioridade corpórea, descrita por meio das vestimentas e comportamentos do sujeito na narrativa e potencializadas pela recorrência de efeitos de sentido instaurados a partir dos neologismos advindos da função-autor. A

loucura que agencia o sujeito em *Sorôco, sua mãe, sua filha* o correlaciona ao infortunado discurso do desagradável que são visualizadas nas *SE 06-10*, respectivamente, chancela o sujeito ao internamento na medida que ele não é efetivo na sociedade porque mulher e louca. A finalidade geral desse capítulo de abertura se pautou em uma espécie de catalogação da loucura e do louco, uma vez que buscamos entender como esse discurso foi se re(atualizando) ao longo de uma descontinuidade histórica e produziu o sujeito-mulher no terreno da loucura com vista ao nosso *corpus*, *Primeiras Estórias* (2005). Com isso, buscamos mencionar a emergência desse enunciado e as suas significações com o intuito de colocar o sujeito-mulher rosiano em questão a partir de outras formações discursivas e condições de produção.

Evidenciar o capítulo de número 2, cujo tema se faz valer com o título *"DA BRUXA À MULHER: construindo identidades e diferenças entre gêneros"*, requereu pensar na interrelação do sujeito-mulher e as relações de poder-saber que potencializaram marcações e dissemelhanças de gêneros na narrativa rosiana e em vista disso, foram acionados os métodos de análises foucaultianos, a arqueologia e a genealogia ou arqueogenealogia (FOUCAULT, 2014B, 2019). Em *Darandina*, conto que descreve a situação do homem que se instala ao alto de uma árvore por empreender fuga de roubo, as fisiognomonias não podem ser consideradas apenas uma economia da aparência, segundo Courtine (2013), mas também costuram a normalização da loucura ao sujeito-homem, de modo que ela é aplaudida, pois ainda que o sujeito-homem empalmeirado tenha o seu desempenho esboçado em atitudes de desatino, outra posição-sujeito o antecede e o marca, conferindo-o inteligibilidade, como pôde ser observado nas *sequências* referentes aos números *16* a *19*. Novamente regressamos ao discurso da aparência, na medida que as figuras que representara a ordem, isto é, as autoridades delineiam e predispõem desatinos possíveis ao homem e por isso também identidades, como visualizados nas *SE 20-23*. Também é possível perceber o papel das instituições, aqui representadas pela figura do "**dr. Diretor**", o "**Professor Dartanhã**" a "**Polícia**" e o "**Governo**" que remontam domínios de poder-saber e estruturas agenciadoras ao incidir diretamente na produção de novos sujeitos, a exemplo do conto em que essas tecem efeitos de verdade acerca do sujeito-homem da palmeira (FOUCAULT, 2014B, 1999).

Ao sujeito-homem de *Darandina* é oferecido à opção de escolha ou desistência da atitude exagerada, uma vez que se tratara do secretário de finanças da cidade e antes à posição de destaque e importância na qual ele é reconhecido e situado. O gênero, o qual ele performa, é condição anterior para que o sujeito recobre a capacidade cognitiva de pensamento retornando à razão e à ordem da racionalidade, uma vez que o masculino é concebido e estruturado em um viés biológico que se apoia em uma ideia de que esse sexo é, naturalmente, superior ao feminino e logo ao sujeito-mulher da trama rosiana. A preocupação com o sexo feminino acontece vigorosamente no séc. XIX, mas a necessidade de um feminismo inicial surge na década de 1960 com foco às condições de acesso feministas e contrapondo-se às verdades que localizara o homem em posição de maior

importância na sociedade devido ao sexo/gênero. Diante disso é que as noções de performance e gênero de Butler (2020) nos são caras, uma vez que é preciso compreender as identidades enquanto performatividades socioculturais, produtos das/nas relações de saberes que não preexistem ao discurso, mas a fazem nele. A mulher, durante muito tempo, teve sua condição cerceada e controlada dentro de uma matriz heterossexualmente compulsória que desde então, a empurrou às margens, a silenciou, a fez calar e antecipou representações identitárias ligadas ao lar, à reprodução, à submissão e obediência, etc. (ALVES; PITANGUY, 1985; PERROT, 2019; BUTLER, 2020). Essas relações de disciplina, sujeição e obediência ganham tangibilidade no corpo do sujeito-mulher, através das vestimentas. A mulher do conto rosiano *Sorôco, sua mãe, sua filha* é assinalada na loucura pelos disparates e maltrapilhos de seu vestuário, com o uso de panos que cobrira o corpo de forma desarranjada.

A relação que o discurso da loucura oferece às noções identitárias de sexo/gênero na narrativa, produz e intensifica o sujeito-mulher no anormal. O capítulo de título *"A LOUCURA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO-MULHER EM GUIMARÃES ROSA"* lançara mão de uma tentativa de análises aprofundadas no que tange a constituição desse sujeito e mostra que as objetivações que o alcança, advindas do processo de agenciamento (FOUCAULT, 1995), nos discursos "**maluca**" e outrora "**transtornada**", enunciados que tecem uma identidade feminina constituída e constitutiva da loucura, como vimos nas *SE 26 e 40.* Excertos retirados de *Sorôco, sua mãe, sua filha* e que ganham inteligibilidade a partir do gesto do internamento, o que Foucault (2019) chamou de *ordem terceira da repressão*. Embora essa ordem não tenha se apoiado em uma recuperação de ordem médica, mas de um local enviesado nas/pelas relações de poder-saber que alimentaram discursos e técnicas violentas, controladoras e de sujeição de sujeitos transgressores da norma, no nível ou não da jurisdição. Esses processos ecoam no conto rosiano fazendo-se atual a partir de sujeitos-personagens narrativos que performam identidades semelhantes entre si, costuradas pela loucura.

Observar e problematizar a constituição desse sujeito na narrativa rosiana tão somente nos leva a colocar em evidência as noções de *discurso* ou *sujeito* foucaultianas ou as questões de gênero que muito tem sido discutida no campo da AD nos últimos anos, mas também faz pulular nas censuras que me cortam enquanto sujeito-pesquisadora, os questionamentos sobre o 'ser Mulher' que tanto foi retomada ao longo dessa pesquisa e que perpassa a minha condição de existência. Talvez não seja tão simples, de fato, responder à Foucault (1995) e estabelecer uma definição para o que "*somos hoje enquanto sujeitos?"*, mas é preciso que façamos o eterno retorno ao questionamento daquilo que nos fragmenta enquanto tal.

Alternando a rota e tendo em vista o sujeito-mulher nas extensões sociais à narrativa, é preciso que, enquanto mulher fiquemos em alerta, pronta para colocar em debate as sínteses pré-acabadas que nos encaixotam em identidades que não as que desejamos assumir. Resistir aos jogos de força e poder que nos objetiva a partir de um desse viés de matriz meramente heterossexual.

Visualizar como o discurso da loucura esteve imbricado à constituição do sujeito-mulher na narrativa rosiana de *Primeiras Estórias* (2005) nos lança à cesura que a literatura faz e é. O discurso literário corta o sujeito-mulher e faz rachar outros enunciados e já ditos, as sequências enunciativas e regras de aparição no jogo das relações que nos apresenta a mulher e suas representações identitárias encerradas na loucura. A literatura é a vazia cesura que em seu ápice mais translúcido costura e se oferece enquanto discurso e identidade à constituição do sujeito mulher.

Nos orientar *à Loucura E Identidades De Gênero E De Sexualidade Na Obra Primeiras Estórias, De Guimarães Rosa* tão somente quer tratar de problematizar a incidência do discurso da loucura no agenciamento do sujeito-mulher e como este produz discursos e enunciados outros ao lograr materialidade na literatura rosiana como também faz surgir outras novas e ulteriores possibilidades de pesquisa. É a partir deste desdobramento que orientamos futuras discussões como a proposta de desenvolvimento de Doutorado, em que me nortearei às noções de discurso em um páreo com a Literatura Feminista, colocando em evidência as possíveis (trans)formações das identidades de gênero e de sexualidade configuradas para o sujeito-mulher no que diz respeito ao ensino básico, ecoando e produzindo novas formas de ensino e discussões outras de gêneros e de sexualidade atreladas ao campo da análise do discurso.

REFERÊNCIAS

A nau dos insensatos. Biblioteca digital mundial. Disponível em: https://www.wdl.org/pt/item/8973/. Acesso em: 24 de mar. de 2021.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo.** São Paulo: Brasiliense, 1985, 84p.

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013, 277p.

BIRMAN, Joel. A lei e a norma: as leituras de Deleuze e Foucault. In: **Revista Trágica:** estudos de filosofia da imanência. Rio de Janeiro. 1º quadrimestre de 2015, v. 8, n 1, p. 01-13, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. 19 ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020, 287p.

CARDOSO, Rita Luisa. **Gulag** (sistema de trabalho forçado na URSS). Disponível em: https://www.infoescola.com/historia/gulag-sistema-de-trabalho-forcado-na-urss/. Acesso em: 04 de jan. de 2022.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo:** pensar com Foucault. 1 ed. Trad. Francisco Morás. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, 176p.

Dicionário etimológico. **Venéreo**. Origem da palavra. Dicionário Etimológico.

Disponível em: https://www.dicionarioetimologico.com.br/venereo/. Acesso em: 24 de mar. de 2021.

Dicionário online de Português. Definições. Disponível em: https://www.dicio.com.br/. Acesso em: 01 de set. de 2021.

Etimologia. **Origem da palavra "Venéreo"**. Disponível em: https://hridiomas.com.br/origem-da-palavra-venereo/#:~:text=Ven%C3%A9reo%20do%20latim%20venereus%2C%20%E2%80%9Crelativo,%E2%80%9Clutar%20por%2C%20desejar%E2%80%9D.&text=Foi%20atrav%C3%A9s%20do%20adjetivo%20latino,adotou%20venereal%20no%20s%C3%A9culo%2015. Acesso em: 24 de mar. De 2021.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. 1 ed. São Paulo: Intermeios, 2012, 106p.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Literatura em Foucault: infinita exterioridade. **In: SANTOS, João Bosco Cabral; FERNANDES, Cleudemar Alves**. **Análise do Discurso:** objetos literários e midiáticos. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006. p. 15 – 24.

FERNANDES, Laís. **O Papel de Parede Amarelo:** o arquétipo da mulher insana. Disponível em: < https://deliriumnerd.com/2017/03/29/livros-o-papel-de-parede-amarelo/>. Acesso em: 26 de jun. de 2021.

FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. **Autor, discurso fundante e construção de sensibilidade.** Dossiê em homenagem ao Professor Dr. João Bôsco Cabral dos Santos. Cadernos Discursivos, Goiás. Edição Especial, v. 2 n 1, p. 151-161, 2019.

FIRMINO, Flávio Henrique; PORCHAT, Patricia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de "problemas de gênero". **In: DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**. Araraquara, v. 19, n. 1, p. 51–61, 2017. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10819. Acesso em: 26 jun. 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988, 152p.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8 ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1989, 111p.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 3 ed. Trad. Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. FOUCAULT, Michel. Lisboa: Passagens, 1992, 83p.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder**. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica.** 1 ed. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade***:* curso no Collège de France (1975-1976). 1 ed. Trad. Maria Ermantína Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999, 382p.

FOUCAULT, Michel. Linguagem e literatura. **In: MACHADO, Roberto. Foucault, a filosofia e a literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 138-174.

FOUCAULT, Michel. (1984) O Que São as Luzes? **In: _____ Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Editora Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, Michel. Aula de 1º de fevereiro de 1978. **In: Segurança, Território, População:** curso dado no Collège de France (1977-1978). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 117-154.

FOUCAULT, Michel **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24 ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014a, 74p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. 42 ed. Trad. Raquel Ramalhete. Rio de Janeiro: Vozes, 2014b, 302p.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. 12 ed. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2019, 662p.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8 ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020, 254p.

GILMAN, Charlotte Perkins. **O papel de parede amarelo.** 8 ed. Trad. Diogo Henrique. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020, 110p.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** 11 ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, 102p.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? **In: Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais**.** Rio de Janeiro: Vozes, 2014, p. 103-133.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, 184p.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, 224p.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, 187p.

MAYER, Ana Daniele Lemes. **A crise do sujeito:** aspectos da modernidade em dois contos de primeiras estórias, de Guimarães Rosa. Dissertação de mestrado. Plataforma Sucupira, Capes. 2017. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5853803#. Acesso em: 21 de mar. 2021.

MOTTA, Andrea. **Vestir a carapuça – de onde vem a expressão?** Disponível em: https://conversadeportugues.com.br/2009/11/vestir-a-carapuca-de-onde-vem-a-expressao/. Acesso em: 02 de set. de 2021.

MUCHAIL, Salma Tannus. Michel Foucault e o dilaceramento do autor. In: Dossiê: **Consciências do Mundo.** Margem: São Paulo, nº 16, p. 129-135, dez. 2002. Disponível em: http://www4.pucsp.br/margem/pdf/m16sm.pdf. Acesso em: 20 de mar. de 2021.

MUSEU AUSCHWITZ BIRKENAU. **Memorial dedicado às vítimas do Holocausto**. Disponível em: https://www.theauschwitztours.com/pt/auschwitz-birkenau-memorial-and-museum/. Acesso em: 06 de jan. de 2022.

NALLI, Marcos Alexandre Gomes. **Foucault e a fenomenologia:** uma leitura da Proto-Arqueologia e de Histoire de la Folie. Campinas, SP: [s n], 2003. Tese de doutoramento. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279812. Acesso: 06 de mar. de 2021.

NEVES, Daniel. **O que é o Holocausto?** Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-holocausto.htm. Acesso em 25 de mar. de 2021.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Para trás da serra do mim. Scripta. Edição especial II Seminário Internacional Guimarães Rosa – Rotas e roteiros. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Cespuc**, v. 6, n. 10, p. 210-217, 2002. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12398. Acesso em: 20 de mar. de 2021.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2 ed. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2019, 190p.

PRADO FILHO, Kleber. **A genealogia como método histórico de análise de práticas e relações de poder**. Revista de Ciências HUMANAS. Florianópolis, v. 51, n. 2, p. 311-327, dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2017v51n2p311>. Acesso em: 23 de set. de 2020.

PRADO FILHO, Kleber. **Uma Genealogia das práticas de normalização nas sociedades ocidentais modernas**. In: CAPONI, S.; VERDI, M.; BRZOZOWSKY, F.S. & HELLMANN, F. (Orgs.). Medicalização da vida: Ética, saúde pública e indústria farmacêutica. Palhoça: EDUNISUL, 2010, p.183-191. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2017v51n2p311. Acesso em: 23 de set. de 2020.

RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. 1 ed. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, 299p.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. 1 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. 1 ed especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (1962; 2005), 213p.

ROSA, João Guimarães. Sorôco, sua mãe, sua filha. In: **Primeiras Estórias**. 1 ed especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 61-64.

ROSA, João Guimarães. A menina de lá. In: **Primeiras Estórias**. 1 ed especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 65-75.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: **Primeiras Estórias**. 1 ed especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 77-82.

ROSA, João Guimarães. Darandina. In: **Primeiras Estória**s. 1 ed especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 171-184.

SCHÜTZ, Ricardo E. Etimologia. **Venereal**. Disponível em: https://www.sk.com.br/sk-hist.html#:~:text=V%C3%AAnus%2C%20a%20deusa%20romana%20da,adotou%20venereal%20no%20s%C3%A9culo%2015. Acesso em: 24 de mar. de 2021.
SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **In: Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 1995, p. 71-100. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721. Acesso em: 26 de mar. 2021.

United States Holocaust Memorial Museum. **Auschwitz**. Disponível em: https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/auschwitz-1#:~:text=Uma%20placa%20na%20entrada%20do,exterm%C3%ADnio%20por%20meio%20do%20trabalho%E2%80%9D. Acesso em: 25 de mar. de 2021.